

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROBSON DE SOUZA

FICAR OU PARTIR?

A escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro de jovens do
Ensino Médio que moram em pequenos distritos do interior

Mariana, MG

2020

ROBSON DE SOUZA

FICAR OU PARTIR?

A escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro de jovens do
Ensino Médio que moram em pequenos distritos do interior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Desigualdades, Diversidades,
Diferenças e Práticas Educativas Inclusivas
(DsPEI)

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosa Maria da Exaltação
Coutrim

Mariana, MG

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729f Souza, Robson de .
Ficar ou partir? [manuscrito]: A escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro de jovens do ensino médio que moram em pequenos distritos do interior. / Robson de Souza. - 2020.
163 f.: il.: color., gráf., tab., mapa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Área de Concentração: Educação.

1. Projetos de desenvolvimento social. 2. Escolha da escola . 3. Juventude. 4. Socialização . I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação . II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.01/09

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela S. L. Mesquita CRB:1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Robson de Souza

**Ficar Ou Partir? A Escolha do Estabelecimento Escolar e os
Projetos de Futuro de Jovens do Ensino Médio que Moram em Pequenos
Distritos do Interior**

Membros da banca

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim - UFOP (Presidente da banca)
Profa. Dra. Wania Maria Guimarães Lacerda - UFV
Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira - UFOP

Versão final
Aprovado em 26 de agosto de 2020.

De acordo,

Rosa Maria da E. Coutrim
Professora Orientadora



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR 3 GRAU**, em 09/09/2020, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0078381** e o código CRC **8F57230B**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.006101/2020-33

SEI nº 0078381

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Para minha prima-irmã, Paulinha (*in memoriam*), jovem de olhos brilhantes e sorrisos largos, que mesmo por pouco tempo, tanto me ensinou a viver.

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Reconhecer o quão importantes as pessoas e os momentos são em nossas vidas. O quanto aprendemos, crescemos e amadurecemos.

Nesse sentido, agradeço imensamente a Professora Rosa Coutrim. Seu apoio e paciência são incomensuráveis. Sua dedicação me inspira e seu carinho por nós, orientandos, nos faz acreditar que é possível uma construção científica rígida, séria, comprometida, mas também amorosa.

Aos jovens participantes dessa pesquisa. Obrigado por permitirem conhecer um pouco mais as trajetórias de vocês. Não desanimem e nem deixem de se projetar!

Às professoras Marlice Nogueira e Wania Lacerda, obrigado pela avaliação cuidadosa, pelas trocas de experiências e pela motivação em continuar essa empreitada de pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFOP e todos os professores e funcionários que muito colaboraram para a construção desse texto. Obrigado!

Aos colegas do mestrado, especialmente a irmã acadêmica Mônica Rosa. Trilhar esse caminho com você, com certeza, foi mais leve. Conseguimos!

Aos meus “amizadões”. Obrigado por trilharem os caminhos da vida comigo.

À família da Tia Rosa, obrigado por compartilharem a vida comigo.

À Tia-Mãe Marise, Tia Dora, Bia, Ivo (Gabriel), Dê e Amanda: obrigado pela motivação! Vocês sempre serão minha família do coração.

Aos meus Pais. Colo e acalanto de sempre. Obrigado pelo apoio, pelo amor e confiança. Ahh, e desculpa pelos finais de semana em que perdi a paciência em meio aos textos e não dei atenção às delícias da convivência com vocês.

À Deus, por me proporcionar a paciência, sabedoria e entendimento para escrever essa dissertação.

Agradeço ao tempo. Esse senhor que nos segura. Que nos impulsiona. Nos programa. Já diz Gil que o “Tempo é Rei”. Sou grato ao tempo. Ao tempo que me faz ser quem hoje sou. E vou fazer um pedido, parafraseando Caetano, que o tempo que agora se inicia, “sejas ainda mais vivo”.

Gratidão!

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.
Verbo Ser
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, muitos jovens vivenciam também a mudança de escola ou de espaço, modificando a estrutura de relações estabelecidas, distanciando de seus próximos e se aproximando de outros jovens, de outras espacialidades. Ocorre uma alteração significativa na vida deles, pois, residentes em pequenos distritos, são levados a migrar ou se deslocar cotidianamente de seu lugar de origem para continuar os estudos nas sedes dos municípios. O objetivo geral desta dissertação foi analisar os fatores que levam os jovens a permanecerem estudando na escola de Ensino Médio presente no distrito ou se deslocarem para estudar num Instituto Federal, localizado na sede do município. Como objetivos específicos, a proposta foi investigar qual a importância atribuída à escola e à educação escolar na construção dos projetos de futuro, e verificar as lógicas socializadoras e estratégias de escolarização familiares presentes na escolha da escola. Seguindo a abordagem qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação de questionário e entrevista semiestruturada com jovens do Ensino Médio moradores do distrito de Santo Antônio do Salto. Foram aplicados 29 questionários, o que nos possibilitou promover uma caracterização dos jovens e suas famílias, dividindo-os em dois grupos: os que estudam no segundo endereço da Escola Estadual José Leandro, localizada no distrito e os que estudam no Instituto Federal de Minas campus Ouro Preto, localizado na sede do município. A partir dos dados dos questionários, foram escolhidos seis jovens para a realização das entrevistas. Construimos os perfis dos jovens entrevistados destacando as práticas educativas familiares, a socialização, a escolha da escola do Ensino Médio e os projetos de futuro. Verificamos que os fatores de permanência ou de deslocamento perpassam diferentes situações da vida dos jovens, estando presentes na socialização, na educação escolar e no uso das mídias proporcionadas pela globalização; e que as práticas educativas familiares e as redes de sociabilidade são importantes para a compreensão da escolha desses jovens. A pesquisa nos mostrou a inexistência de diferenças entre os projetos de futuro nos grupos pesquisados, ou seja, os projetos não são mais definidos em uma escola do que em outra. Nos dois grupos percebemos planos para continuar estudando e as carreiras escolhidas também não são diferentes. Todos os alunos da pesquisa consideram o Instituto Federal melhor que a escola do distrito, e ressaltaram a influência dos pais na vida escolar. O deslocamento entre a sede e o distrito está intrínseco ao ato de escolha da escola, o que promove o contato com outro espaço e consequentemente outras relações sociais. O Instituto Federal está no imaginário dos jovens do distrito e o deslocamento para a sede é visto como mais interessante e vantajoso do que a permanência na escola do distrito, mesmo que os estudantes tenham que se matricular nos cursos para os quais reconhecidamente não têm afinidade ou tenham que perder um ano da vida escolar ao serem aprovados no exame de seleção.

Palavras-chave: Projetos de futuro; Escolha do estabelecimento escolar; Juventudes; Socialização.

ABSTRACT

In the transition from elementary school to high school, many young people also experience the change of school or space, changing the structure of established relationships, distancing themselves from their neighbors and approaching other young people, from other areas. There is a significant change in their lives, as residents of small districts are forced to migrate or move daily from their place of origin to continue their studies at the headquarters of the municipalities. The general objective of this dissertation was to analyze the factors that lead young people to continue studying at the high school present in the district or to go to study at a Federal Institute, located at the municipality's headquarters. As specific objectives, the proposal was to investigate the importance attributed to the school and school education in the construction of projects for the future, and to verify the socializing logic and family schooling strategies present in the choice of the school. Following the qualitative approach, the research was developed through the application of a questionnaire and semi-structured interview with high school youth living in the district of Santo Antônio do Salto. 29 questionnaires were applied, which enabled us to characterize young people and their families, dividing them into two groups: those who study at the second address of the José Leandro State School, located in the district and those who study at the Federal Institute of Minas Gerais campus Ouro Preto, located at the seat of the municipality. From the questionnaire data, six young people were chosen to conduct the interviews. We built the profiles of the young people interviewed, highlighting family educational practices, socialization, the choice of high school and projects for the future. We found that factors of permanence or displacement permeate different situations in the lives of young people, being present in socialization, school education and in the use of media provided by globalization; and that family educational practices and sociability networks are important for understanding the choice of these young people. The research showed us that there are no differences between future projects in the groups surveyed, that is, the projects are not more defined in one school than in another. In the two groups we see plans to continue studying and the careers chosen are also no different. All of the research students considered the Federal Institute better than the school in the district, and highlighted the influence of parents on school life. The displacement between the headquarters and the district is intrinsic to the act of choosing the school, which promotes contact with another space and consequently other social relationships. The Federal Institute is in the imagination of young people in the district and the move to the headquarters is seen as more interesting and advantageous than staying in the district school, even if students have to enroll in courses for which they are known to have no affinity or have to miss a year of school life when passing the selection exam.

Keywords: Future projects; Choice of school establishment; Youths; Socialization.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Divisão Territorial do Município de Ouro Preto – MG.....	21
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial do distrito de Santo Antônio do Salto.....	20
Figura 2: Fotografia aérea de Santo Antônio do Salto.....	22
Figura 3: Trajeto de Ouro Preto ao distrito de Santo Antônio do Salto.....	23
Figura 4: Caracterização da Juventude Rural do Brasil.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divisão por sexo e cor dos projetos de vida dos estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto divididos por escola, 2019.....	101
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, 2019	85
Gráfico 2: Número de pessoas residentes no mesmo domicílio que os jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, 2019	88
Gráfico 3: Número de pessoas residentes no mesmo domicílio que os jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019	89
Gráfico 4: Número de irmãos dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, 2019.....	90
Gráfico 5: Número de irmãos dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019.....	90
Gráfico 6: Renda familiar dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019.....	92
Gráfico 7: Divisão racial (autoafirmação) dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019	93
Gráfico 8: Escala de influência da escola na vida dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de candidatos aos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFMG-OP nos anos de 2018 e 2019.....	84
Tabela 2: Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto distribuídos por escola – Ouro Preto, 2019.....	86
Tabela 3: Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, por idade e série, 2019.....	86
Tabela 4: Distribuição dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, por idade, série e escola, 2019.....	86
Tabela 5: Escolaridade dos pais e mães dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto divididos por escola, 2019.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAP/COLUNI/UFV: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa

CEI: Companhia Energética Integrada

COVID-19:

DAE: Diretoria de Avaliação Institucional

EEJL-2: Escola Estadual José Leandro – 2º endereço

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFMG-OP: Instituto Federal de Minas Gerais campus Ouro Preto

IFs: Institutos Federais

ITA: Instituto Tecnológico de Aeronáutica

PJ: Pastoral da Juventude

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – JUVENTUDES E SOCIALIZAÇÃO	33
1.1 Juventudes	33
1.2 O processo de socialização.....	40
1.3 Estratégias familiares de escolarização.....	51
1.4 Os jovens e a escolha do estabelecimento de ensino.....	58
1.4.1 A escolha da escola de Ensino Médio	65
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDES, PROJETOS DE FUTURO E ESCOLA.....	68
2.1 Os projetos de futuro	68
2.2 Os jovens, a escola e o Ensino Médio	75
CAPÍTULO 3 – OS JOVENS DE SANTO ANTÔNIO DO SALTO: a escolha do estabelecimento escolar e a formação de seus projetos de futuro	82
3.1 Os jovens-alunos de Santo Antônio do Salto	83
3.2 Breves retratos dos jovens entrevistados	104
3.2.1 Eliza: “rica, linda e maravilhosa”	105
3.2.2 Sandra: a busca pela estabilidade financeira	107
3.2.3 Iara: a vontade de dar uma vida melhor para a família	110
3.2.4 Ariane: o desejo de retribuição aos pais	113
3.2.5 Iza: “conhecimento, quanto mais, melhor!”	115
3.2.6 José: “trabalhar e conquistar as coisas com meu suor”	117
3.3 Os jovens de Santo Antônio do Salto: entre o ficar e o partir	120
3.3.1 Práticas educativas familiares e redes de sociabilidade	120
3.3.2 A escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
APÊNDICES.....	148
I Termos de consentimento e assentimento	148
II Roteiro de entrevistas	155
III Questionário	161

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a juventude e o seu processo de transição do Ensino Fundamental para o Médio traz diversos desafios ao pesquisador. Arroyo (2014) nos leva a refletir sobre a necessidade de repensar o ensino médio, compreendendo que os jovens-alunos nos dias atuais são “outros”, pertencem a diferentes classes sociais, grupos, estilos e territórios, que, na maioria das vezes, são totalmente distintos dos professores, por exemplo. Além disso, se faz necessário pensar numa escola que se pretenda cada vez mais igualitária, no currículo, na vivência, no tratamento com os outros, no dia-a-dia. Uma escola que respeite as temporalidades e espacialidades dos sujeitos. Por isso, ao pensar a escola e o Ensino Médio, faz-se necessário refletir sobre os jovens e as diferentes formas de vivenciar a juventude. Ou seja, implica em pensar as diferentes juventudes.

Diversos órgãos definem os limites etários da juventude e de outras fases da vida Segundo a Emenda Constitucional nº. 65 da PEC da Juventude (BRASIL, 2010), a Secretaria Nacional de Juventude (2013), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2004), e a Lei Nº 12.852 – Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), a faixa etária dos 15 aos 29 anos demarca a juventude. Reconhecemos que o conceito de juventude está além da faixa etária, pois as fronteiras entre as fases da vida são fluídas. Porém, tomamos a limitação trazida por tais órgãos nacionais e internacionais como recurso metodológico para delimitação do universo pesquisado.

A juventude é uma construção social produzida ao longo da história e está além de uma simples etapa da vida (CARRANO; DAYRELL, 2014). Existem diferentes modos de vivenciá-la, que estão relacionados aos contextos histórico-sociais e às diferenças territoriais, que caracterizam ou proporcionam diferentes acessos, visões e possibilidades aos jovens.

A temática das juventudes vem ganhando espaço na academia nas últimas décadas, principalmente a partir da relação dos jovens com a escola. Conceituar as juventudes se torna um grande desafio. Nesse sentido, não tentaremos aqui nos debruçar em conceituar ou delimitar as juventudes, mas as compreenderemos como uma “construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos históricos e sociais, foram adquirindo denotações e delimitações diferentes”

(CARRANO; DAYRELL, 2014, p. 109). É nessa perspectiva que pretendemos compreender a juventude como juventudes.

Na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, muitos jovens vivenciam também a mudança de escola ou de espaço. Em muitos casos, mudam de escola, modificando a estrutura de relações estabelecidas, distanciando de seus próximos e se aproximando de outros jovens, de outras situações e espacialidades. Ocorre ainda uma alteração significativa na vida deles, uma vez que, residentes em pequenas comunidades rurais e/ou distritos do interior, são levados a migrar ou se deslocar cotidianamente de seu lugar de origem para continuar os estudos nas sedes das cidades que concentram maior número de escolas.

Inserida na discussão a respeito do jovem-aluno na transição para o Ensino Médio, essa pesquisa discute a escolha do estabelecimento escolar pelos jovens de Santo Antônio do Salto, pequeno distrito de Ouro Preto, Minas Gerais. Propusemos, como *questão problema* a seguinte pergunta: Quais os distintos elementos que levam os jovens-alunos de Santo Antônio do Salto a permanecerem estudando na escola de Ensino Médio presente no distrito, ou, se deslocarem para estudar no Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto, localizado na sede do município?

A partir de tal questionamento nosso *objetivo geral* foi analisar os fatores que levam os jovens de Santo Antônio do Salto a permanecerem estudando na escola de Ensino Médio presente no distrito, ou, se deslocarem para o estudo no Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto, localizado na sede do município.

Como *objetivos específicos*, a proposta foi investigar qual a importância atribuída à escola e à educação escolar na construção dos projetos de futuro desses jovens, e verificar as lógicas socializadoras e estratégias de escolarização familiares presentes na escolha do estabelecimento escolar.

Dessa forma, três temáticas importantes foram trabalhadas na dissertação: *A transição dos alunos do Ensino Fundamental para o Ensino Médio; o deslocamento ou não para outro estabelecimento escolar de maior prestígio; e as transformações que esses jovens vivenciam e que influenciam na formulação de seus projetos de vida e de escolhas futuras.* Tais temáticas foram diluídas nas reflexões sobre a escolha do estabelecimento escolar, que implica também na discussão sobre a relação dos jovens com a família e, também, com a escola.

As *justificativas* para essa pesquisa transitam entre duas perguntas: i) Porque estudar o distrito de Santo Antônio do Salto? e ii) Porque estudar os jovens?

Minha família sempre me incentivou a estudar. Recordo-me até hoje das falas dos meus pais: “sua obrigação é estudar! Queremos outra vida para você!” [...] Minha trajetória escolar se deu no deslocamento entre o distrito e a cidade para concluir os estudos. Fui morador do distrito de Santo Antônio do Salto. Ainda me considero “um pouco” morador, pois tenho inúmeras relações com a comunidade, mesmo não estando lá todos os dias. Lá está a maior parte dos meus familiares e amigos. Amigos que fiz, sobretudo, no período escolar. Estudei no distrito até concluir o Ensino Fundamental e passei todo o meu Ensino Médio me deslocando até a sede do município para estudar. Na época, não havia no distrito de Santo Antônio do Salto o Ensino Médio. Os que queriam continuar os estudos tinham que se deslocar cotidianamente para Ouro Preto. Vivenciávamos a transição. Saíamos de uma escola pequena, onde todos eram conhecidos, onde existiam muitas relações de parentesco, conhecíamos todos os professores e íamos para um ambiente diferente. Escolas grandes, tanto em tamanho do prédio quanto em número de alunos. Éramos estranhos na cidade, conhecidos entre os colegas como “os da roça”. Além da estranheza da escola, havia também uma mudança de espaço. Era uma mistura entre o cotidiano mais agitado da cidade e a vida pacata no distrito. Outras relações temporais, outras espacialidades. A vida acontecia nessa transição. Me formei nesse deslocamento. Não apenas no sentido acadêmico, mas, sobretudo, enquanto pessoa.

Em minha juventude, meu grupo de pares e minha influência familiar me levaram até a Pastoral da Juventude (PJ) da Igreja Católica. Encontrei minha “turma” na PJ. Era com esse grupo que eu passava maior parte do meu tempo livre, numa vida dividida entre a escola e a PJ. Muitos amigos da escola e parentes também participavam do grupo. De lá ainda tenho bons amigos! Essa proximidade com a Igreja Católica me fez querer conhecer melhor a vida de vocacionado. Frequentei, ainda durante o Ensino Médio os encontros vocacionais organizados pela Arquidiocese de Mariana. Esses encontros aconteciam geralmente no Seminário São José em Mariana - MG. Ali construí outro grupo de pares importante em minha formação, sobretudo me aproximando dos seminaristas. Conheci e convivi com pessoas de várias cidades de Minas Gerais. Ao terminar o Ensino Médio fiz o Vestibular para Universidade Federal de Ouro Preto. Escolhi, na época o curso de Direito e coloquei Matemática como segunda opção. Muita afinidade nas duas profissões. No mesmo período, recebi o convite para viver a experiência do seminário. Aceitei. No vestibular fiquei na lista de excedentes para o curso de direito. Se não me engano, na oitava posição. Quando soube,

já estava vivendo no seminário. Aos 17 anos me mudava para a cidade de Barbacena - MG para cursar o primeiro ano do seminário. Um jovem, que até então só conhecia um pouco as cidades de Ouro Preto e Mariana. Barbacena era uma grande cidade para mim que, apesar da vida regrada do seminário, me fez conhecer muitas novidades do mundo urbano. Vivi dois anos no seminário. Um em Barbacena e outro em Mariana, cursando a Filosofia na Faculdade Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Curso que ainda não conclui. A vida no seminário instigou ainda mais meu desejo de estudar! Algo que sempre gostei. Ou fui ensinado a gostar. Não sei ao certo!

A vida de vocacionado ao sacerdócio não era para mim. Após esses dois anos, desisti do seminário. Deixei a Faculdade de Filosofia e retornei para casa dos meus pais no distrito. O que num primeiro momento me causou muita estranheza. Já estava acostumado com outro ritmo de vida. Minha perspectiva era continuar estudando. Mas, na Faculdade do Seminário, como era uma entidade privada, era quase impossível. Não tinha condições de pagar meus estudos e ainda me manter na cidade de Mariana. Além disso, acho que também não tinha vontade.

Fiquei uns meses em casa. Pensei em fazer o vestibular para o curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mas estava meio desligado do mundo externo ao seminário. Perdi a inscrição ou já era o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Não me recordo bem. No ano seguinte soube de um vestibular para Geografia no Instituto Federal de Minas Gerais campus Ouro Preto (IFMG-OP). Fiz o vestibular. Não era meu desejo, mas também não queria ficar parado em casa. Fui aprovado e comecei a estudar. Minha expectativa era tentar, depois de um tempo, a transferência para o curso de História da UFOP. Morava no distrito e me deslocava todas as noites para o IFMG-OP num transporte público cedido pela Prefeitura Municipal.

A partir do segundo semestre, o curso começou a chamar minha atenção. As discussões da Geografia Agrária e meu contato com os professores me despertaram o interesse para a Geografia e para as Ciências Sociais. Eram discussões que se relacionavam ao meu cotidiano. Envolviam o rural, as trocas materiais e simbólicas, as lutas do campo, a desigualdade e outros fatores. Me encantei pela disciplina e fiz dela meu objeto de pesquisa. Estudei o distrito de Santo Antônio do Salto num projeto de pesquisa e, também, no meu trabalho de conclusão de curso. No terceiro período do curso comecei a lecionar Geografia em uma escola estadual de Ouro Preto. Tive que sair do distrito para trabalhar e estudar. E cá estou até hoje!

A partir daí, estudar o distrito e suas relações sempre foi um grande interesse de pesquisa. Tanto nas discussões voltadas especificamente para a Geografia Agrária, pensando o mundo rural e a vida no campo, quanto em discussões de outras Ciências Humanas e Sociais que também se debruçam a compreender as relações sociais diversas que acontecem nos espaços socialmente construídos ao longo do tempo.

Pesquisas como as desenvolvidas por Maria José Carneiro (1998; 2012) e Nadir Zago (2016) me instigaram ainda mais a pensar as relações múltiplas e diversas que acontecem no meio rural e que possuem desdobramentos dos mais variados. Zago (2016), por exemplo, me motivou a querer estudar as relações entre escola e meio rural no Brasil. Tal autora considera uma necessidade pesquisar o Ensino Médio e suas inúmeras relações no meio rural brasileiro, bem como suas interfaces com as cidades e o meio urbano.

Juntamente com essas pesquisas, ao me deparar com os estudos de Juarez Dayrel (2003; 2007; 2012) sobre as juventudes, a condição juvenil e os projetos de vida, a temática da escolarização toma forma, nascendo assim essa pesquisa, na tentativa de entender melhor as complexas relações que os jovens de um pequeno distrito promovem ao construírem seus projetos de futuro ou de escolarização, sobretudo no Ensino Médio e após ele.

Destacamos aqui a falta de trabalhos sobre a temática da educação no meio rural, como também afirma Zago (2016). E ainda a ausência de trabalhos que estudam os pequenos distritos do interior. Na região específica do distrito de Santo Antônio e proximidades encontramos apenas uma pesquisa, desenvolvida por Lebourg (2015) sobre as relações dos jovens com a escola, o distrito e a sede na transição para o Ensino Médio. Investigação esta desenvolvida também no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP. Podemos notar ainda que há um interesse dos alunos desse programa de pós-graduação em estudar as relações escolares em pequenos distritos, como fez Reis (2017) ao investigar a escolarização no meio rural em sua pesquisa “A relação família-escola em contexto rural: mobilização familiar em um subdistrito de Mariana – MG” e Silva (2020) na pesquisa “Vestindo a camisa da escola: um estudo sobre o bom desempenho de uma instituição pública de educação básica”, examinando os fatores intraescolares e os elementos do cotidiano institucional de uma escola de educação básica pública situada em um distrito de Mariana - MG, que podem ser associados a um bom desenvolvimento escolar dos estudantes nos anos iniciais do

Ensino Fundamental e, conseqüentemente, aos seus resultados positivos nos exames oficiais (SILVA, 2020, p.18).

Academicamente, pretendemos com essa pesquisa corroborar com os estudos sobre juventudes e a condição juvenil, termos muito utilizados por Juarez Dayrel (2007), bem como contribuir na construção de novas reflexões acerca da temática sobre juventudes e os projetos de vida dos que vivem em pequenos distritos do interior, envolvendo a questão da mobilidade, da escolha dos estabelecimentos de ensino e a relação entre a família e escola.

Cabe ressaltar ainda, que ao identificar elementos sobre um distrito de Ouro Preto, pouco explorado academicamente, esse estudo pode servir como base para outros nas Ciências Sociais e Humanas que se debruçam em estudar as Juventudes, os distritos ou pequenas comunidades e os projetos de vida.

Esperamos contribuir também com a compreensão do papel da escola na formação dos projetos de vida dos jovens, evidenciando sua importância, bem como a formação de práticas que levem em consideração a diversidade de juventudes para além da reificação de aluno, entendendo-o como um sujeito em construção histórica, temporal, cultural e espacial.

Por fim, justifica-se ainda esta pesquisa pela atualidade e necessidade dos estudos sociológicos sobre o tema das juventudes, nos observatórios da juventude, nos programas de pós-graduação em educação, nas políticas públicas específicas para este grupo etário, bem como tantos outros aspectos que são importantes e que revelam desdobramentos infinitos sobre o tema. Dessa forma, a pesquisa contribui para o acúmulo de conhecimento científico sobre essa geração que traz inúmeros matizes e que tanto necessita de estudos e de políticas públicas de proteção do Estado.

Metodologia

A *metodologia* utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu da análise bibliográfica a respeito da temática do Ensino Médio, das juventudes, do projeto de futuro, da socialização e da escolha do estabelecimento escolar. Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizamos como técnicas de construção dos dados os questionários semiestruturados e as entrevistas com jovens moradores de Santo Antônio do Salto que

cursam o Ensino Médio na escola do distrito e com aqueles que cursam essa etapa de ensino na sede do município.

A escola de Ensino Médio localizada no distrito é a Escola Estadual José Leandro – 2º endereço (EEJL-2) e a escola na sede selecionada para a pesquisa é o Instituto Federal de Minas Gerais - campus Ouro Preto (IFMG-OP). A EEJL-2 foi a escolhida por ser a única escola localizada no distrito que oferta o Ensino Médio. Já o IFMG-OP foi escolhido por ser a escola localizada na sede que recebe alunos do distrito de Santo Antônio do Salto que vivenciam cotidianamente o deslocamento entre o distrito e a sede.

Apresentamos a seguir algumas informações gerais que nos ajudam a compreender o local estudado e, conseqüentemente, a vida dos jovens-alunos pesquisados.

Santo Antônio do Salto é um pequeno vilarejo do município de Ouro Preto elevado a distrito em 1995. Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) produzido em 2010, o distrito de Santo Antônio do Salto possui 1068 habitantes, sendo 571 mulheres e 497 homens (IBGE, 2010a). Os dados apresentados pelo censo ainda indicam que 480 pessoas residem no espaço urbano e 588 pessoas no espaço rural. Existem outras comunidades e pequenos vilarejos ao redor.

Figura 1: Vista parcial do distrito de Santo Antônio do Salto

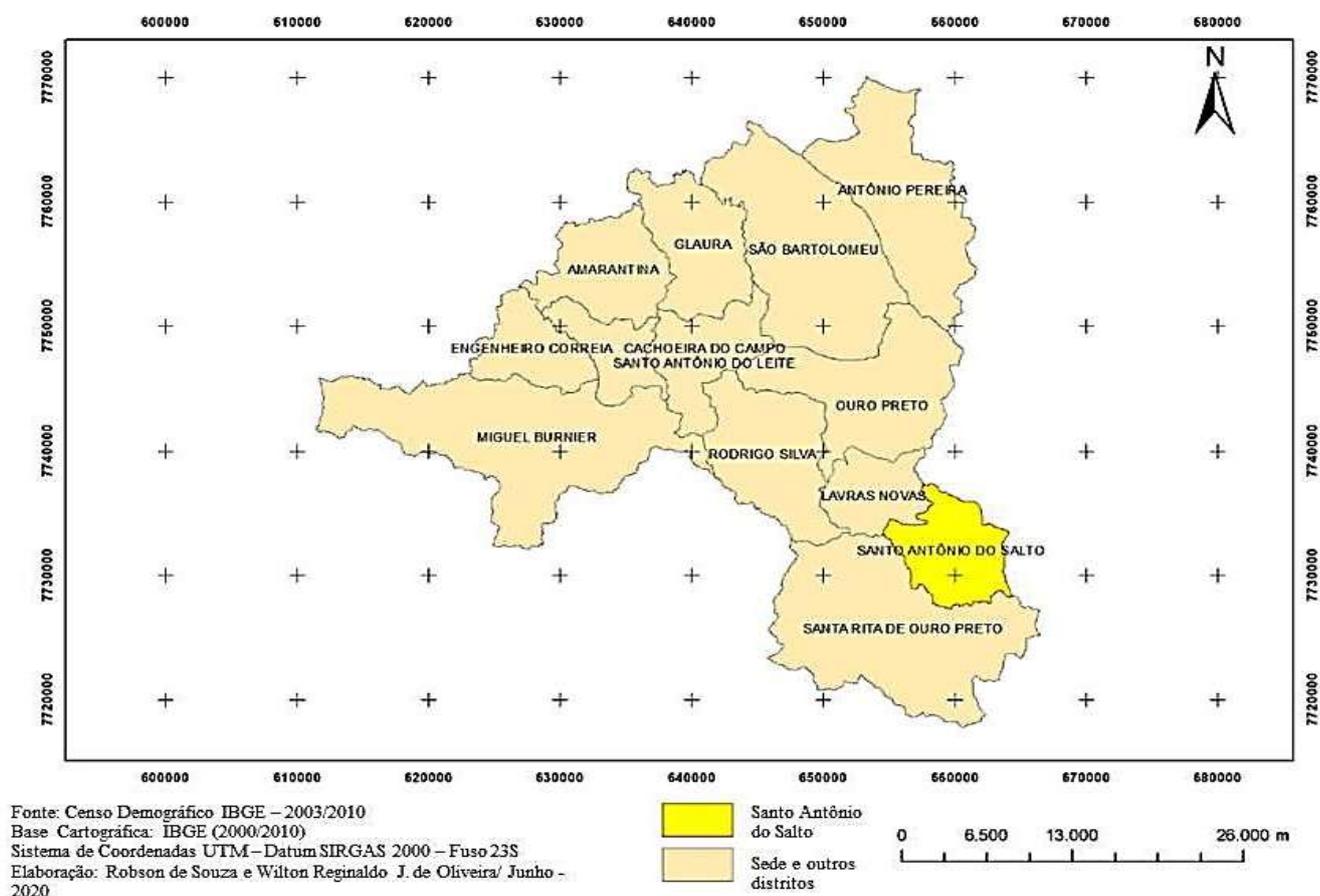


Fonte: Arquivo pessoal (SOUZA, 2019)

Precisamos considerar a existência de uma população flutuante no distrito, de pessoas que saem da comunidade ao longo da semana para trabalharem ou estudarem na sede do município e em outras localidades próximas, e que retornam aos finais de semana e/ou feriados.

Santo Antônio do Salto encontra-se a cerca de 30 km da Sede do município de Ouro Preto, fazendo fronteira com os distritos de Lavras Novas, Santa Rita de Ouro Preto e, também, com o município de Mariana, Minas Gerais.

Mapa 1: Divisão Territorial do Município de Ouro Preto – MG



Seu povoamento remonta ao século XVIII (OURO PRETO, 2019) por ocasião do início da exploração do ouro nas margens do Rio Maynard. Essa exploração acontecia na Fazenda do Salto, que além da mineração também produzia agricultura, onde hoje está o centro do distrito, local em que está localizada a Igreja de Santo Antônio.

Há várias versões para a história do distrito no imaginário de sua população. Segundo a tradição oral, alguns afirmam que o distrito recebe esse nome em razão de ser o último lugar onde se saltava o rio em direção a Fazenda Bandeirantes, sentido Piranga (MG) ou Catas Altas (MG). Outros afirmam que o nome vem da altura da Cachoeira do Rapel que se encontra no caminho para o distrito. Há ainda quem relacione o nome do distrito com a chegada da imagem de Santo Antônio nos balaios dos tropeiros que por ali passavam e saltavam o rio para chegar à pequena comunidade. Outros relacionam o nome do distrito com um afloramento rochoso no alto da montanha que, segundo os moradores, se assemelha com a imagem do Santo Antônio, padroeiro da comunidade.

Figura 2: Fotografia aérea de Santo Antônio do Salto



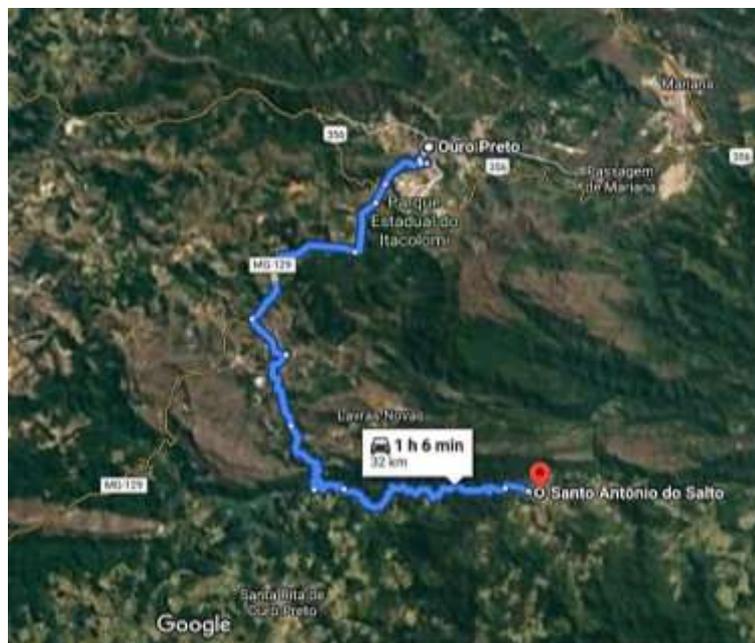
Fonte: Google Earth, 2020.

Salto, como é popularmente conhecido na região, é um vilarejo que apresenta grande área verde, com remanescentes de Mata Atlântica e grande quantidade de recursos hídricos. Está localizado num vale, cercado por serras que se inclinam em direção ao Rio Maynart criando uma paisagem natural, marcada pelas corredeiras do rio, pelas belíssimas cachoeiras e pelo cânion do funil, um entalhamento no terreno produzido pela erosão fluvial ao longo do tempo.

O acesso ao distrito é caracterizado por curvas acentuadas e morros íngremes, cercados pelas serras e cursos d'água. A estrada sem pavimentação asfáltica se torna um grande desafio para o deslocamento dos moradores, sobretudo em períodos chuvosos, quando a população fica praticamente sem acesso a sede do município e outras

localidades. Há um projeto de pavimentação de parte da estrada até o final do ano de 2020. As obras já estão sendo executadas.

Figura 3: Trajeto de Ouro Preto ao distrito de Santo Antônio do Salto



Fonte: Google Maps, 2020.

Além do centro do distrito, nos bairros próximos da Igreja, da Escola e do Posto de Saúde onde encontramos a maior densidade populacional, existem localidades ou vilarejos mais distantes, afastadas geograficamente do centro e com menor adensamento populacional, que também fazem parte do território do distrito.

O cotidiano é marcado pelas relações da vida no campo e a transitoriedade com o urbano. Misturam-se assim, as pastagens, as plantações, o garimpo de ouro e topázio com as atividades escolares, religiosas e a tecnologia dos celulares, dos computadores e da internet que aos poucos se inserem no distrito e que, de certa forma, mudam a rotina da comunidade. As relações sociais cotidianas se dão entre os familiares, os vizinhos e algumas instituições, principalmente a Igreja Católica, a Escola e o Posto de Saúde que promovem um encontro entre os moradores desse distrito.

As principais atividades econômicas do distrito estão relacionadas ao trabalho nas hidrelétricas da Companhia Energética Integrada (CEI Energética), ao setor público (escola e posto de saúde), aos comércios (mercados, bares, restaurantes, loja de vestuário e de material de construção) e ao turismo de aventura, ou ecoturismo, que tem crescido na região nos últimos anos, sobretudo pela relação com o distrito vizinho de

Lavras Novas, grande atrativo turístico da cidade de Ouro Preto - MG. Além disso, a agropecuária de subsistência também tem grande destaque, com plantações de hortaliças para consumo próprio das famílias e, em alguns casos, venda do excedente.

A relação com a religiosidade é forte e marcada pela devoção a Santo Antônio, cuja festa movimentava os ânimos da localidade. Nos últimos anos, notamos uma preocupação com a atividade turística e com a manutenção da tradição, o que pode ser observado com a criação, em 2002, do Festival de Cultura e Comidas Típicas de Santo Antônio do Salto, evento que tem despertado o interesse dos jovens e que pode ser compreendido à luz de teorias que discutem as novas formas de apropriação do meio rural, conforme afirma Maria José Carneiro (1998).

O distrito possui um prédio escolar histórico fundado em 1952 (OURO PRETO, 2020). A Escola Municipal Aleijadinho atualmente pertencente ao município de Ouro Preto, funciona nos turnos da manhã e tarde e oferece ensino do Pré-Escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental. Segundo dados do Portal QEDu (2019), a escola atende 179 alunos, que residem no centro do distrito e em seus bairros/vilarejos mais distantes. Desses 170 alunos, 13 estão matriculados na creche, 20 na Pré-Escola, 67 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 79 nos anos finais. A escola é organizada em ciclos e possui 30 funcionários.

A maioria dos professores é de Ouro Preto, de distritos vizinhos como Santa Rita de Ouro Preto ou dos municípios vizinhos de Mariana e Ouro Branco, e se deslocam para o distrito no transporte disponibilizado pela prefeitura. Poucos professores são moradores da localidade. Atualmente, nos anos finais do ensino fundamental, por exemplo, nenhum professor reside no distrito.

No período noturno, no mesmo prédio escolar, funciona o **segundo endereço da Escola Estadual José Leandro**, localizada no distrito de Santa Rita de Ouro Preto, que numa parceria entre as redes estadual e municipal passou a ofertar, desde 2006, o Ensino Médio no distrito de Santo Antônio do Salto.

No final de 2019, o Ensino Médio possuía 30¹ alunos matriculados, distribuídos em três turmas: 1º, 2º e 3º anos. Os professores e funcionários do governo estadual que atuam no período noturno da escola também não residem no Salto. Apenas a auxiliar de serviços gerais é moradora do distrito. Alguns residem em Santa Rita de Ouro Preto, mas a grande maioria vem da sede do município ou de municípios vizinhos. Cabe

¹ Dado obtido em conversa informal com a secretária da Escola Estadual José Leandro no dia 28 de outubro de 2019.

ressaltar que o dado foi obtido diretamente com a secretaria da escola, uma vez que nas plataformas como o QEdu, o número de alunos está mesclado com o total de alunos da Escola Estadual José Leandro. Ou seja, não há separação entre os alunos da escola principal e os da escola de segundo endereço.

Cabe ressaltar que o Ensino Médio no distrito foi criado recentemente. Funcionava até 2006 apenas a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Para continuar os estudos no Ensino Médio os alunos e alunas se deslocavam, num primeiro momento para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto e, posteriormente, para a sede do município. Alguns se mudavam para a sede ou para cidades vizinhas para continuar os estudos.

Nos dias atuais, o deslocamento para estudar ainda acontece com alguns estudantes que frequentam o Ensino Médio, Cursos Técnicos e Graduação do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG-OP) e os cursos superiores da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), bem como outras instituições de ensino privadas. Existe no distrito um transporte escolar concedido pela administração municipal que atende esses alunos. Dos alunos que cursam o Ensino Médio, só podem frequentar esse transporte os que estudam no IFMG-OP. Esses alunos saem de casa pela manhã e só retornam no fim da tarde ou à noite, uma vez que possuem aulas o dia todo na sede do município.

Pensar na metodologia é considerar o caminhar da pesquisa como um percurso cuidadoso. Por esse motivo, é necessário observar as condições de desenvolvimento da pesquisa e as relações que são estabelecidas entre o pesquisador e os participantes, buscando sempre conferir rigor metodológico ao trabalho. Uma metodologia bem fundamentada nos permite compreender, de forma mais holística, as possibilidades da pesquisa, as condições em que ela foi desenvolvida, o *modus operandi* com o qual se pretendeu atingir os objetivos propostos e, assim, se arriscar nas veredas da construção do conhecimento.

Além disso, é certo que a escolha do caminho metodológico depende também da pergunta central da pesquisa, do que se pretende pesquisar. Assim, é impossível construir um caminho metodológico que não dialogue com a pergunta da pesquisa, que não explicita seus objetivos e que não se relacione com a teoria utilizada. É preciso, portanto, compreender a metodologia como um caminho cuidadosamente escolhido, um processo que pode somar várias técnicas para a construção de dados.

Gatti (2007) analisa as pesquisas em educação no Brasil, fazendo um apanhado histórico e crítico da produção das pesquisas educacionais no país, nos auxiliando na compreensão da construção da metodologia nas pesquisas educacionais. Além disso, a autora traz um panorama sobre a teoria e os métodos empregados nas pesquisas, tentando evidenciar seus desafios e complexidades, na busca por construir categorias mais consistentes de construção e análise de dados, inclusive fugindo de categorias utilizadas em outras áreas de estudo.

A autora traz também a ideia dos contrapontos na educação, tendo como base os anos 1980. Tais contrapontos são identificados pelos vieses metodológicos com que a pesquisa em educação caminhava no Brasil, principalmente pelo embate entre as posições teórico-metodológicas quantitativas e qualitativas.

Três situações extraídas dos escritos de Gatti (2007) fundamentam essa pesquisa e seu caminho metodológico: i) é preciso relacionar teoria e método na construção da pesquisa; ii) o problema das pesquisas, na maioria das vezes, está no modo como se utiliza o método, daí a necessidade de pensar e repensar as técnicas metodológicas de construção de dados e, por fim, iii) método não é só etapa: é vivência! Assim, ao desenvolver o método de pesquisa caminhamos com nossas crenças, nossos valores e ações, com nossa imaginação e intuição, numa tensão entre teoria e prática.

Utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Relacionando a linha teórica que orienta a pesquisa com nosso objeto de estudo, com nossos objetivos e o problema de investigação, acreditamos que é a pesquisa qualitativa que nos dá suporte para a compreensão da nossa problemática.

Seguindo a metodologia qualitativa, selecionamos três abordagens para a construção dos dados e posterior compreensão do fenômeno: a análise bibliográfica, os questionários e a entrevista semiestruturada.

Podemos incluir a análise bibliográfica como uma técnica metodológica de documentação indireta, que diz respeito ao levantamento dos dados de diferentes formas, ou seja, “é a fase de pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse” (MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 157), é nessa fase que se incluem a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Pela análise bibliográfica, recolhemos informações prévias sobre o tema e analisamos as diferentes concepções teóricas que corroboram com a compreensão do objeto de pesquisa.

Nos questionários, tentamos traduzir nossos objetivos de pesquisa em questões específicas, tentando, sobretudo, compreender o universo pesquisado (GIL, 2008).

Segundo Gil (2008, p. 121) o questionário é uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões [...] com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas...”

Para o processo de construção dos dados foram convidados a responderem o questionário 42 jovens moradores de Santo Antônio do Salto que cursam o Ensino Médio em Ouro Preto ou que permaneceram estudando no distrito. Desse total, 30 alunos são estudantes da EEJL-2 e 12 alunos do IFMG-OP. São alunos regularmente matriculados no Ensino Médio (do 1º ao 3º ano) no ano de 2019 nas escolas selecionadas. O número de alunos da EEJL-2 foi obtido juntamente à secretaria escolar, enquanto do IFMG-OP foi obtido na área pedagógica do instituto e com o motorista responsável pelo transporte escolar dos alunos do distrito para Ouro Preto². Cabe ressaltar ainda que a proximidade do pesquisador com o universo pesquisado foi muito importante nesse momento de seleção dos sujeitos da pesquisa, uma vez que possibilitou maior contato entre eles.

Nesse sentido, o questionário construído buscou elencar informações sobre os jovens pesquisados, tentando identificar a caracterização familiar e a relação com a escola. A partir dos questionários foram selecionados os jovens que participaram da entrevista semiestruturada.

Os questionários foram organizados de acordo com os seguintes blocos orientados pelos objetivos da pesquisa:

- *Bloco 01: Caracterização familiar* – Nesse bloco indagamos aos jovens a respeito das características de sua família, tentando compreender melhor o universo familiar em que vivem. Questões referentes ao perfil socioeconômico como a renda familiar, a ocupação e trabalhos dos pais, a quantidade de pessoas que residem com os jovens, aos acessos que eles e suas famílias possuem às políticas públicas, equipamentos públicos presentes no bairro de moradia e outros estão presentes nessa caracterização.
- *Bloco 02: Relação com o espaço e com a escola* – Pretendemos nesse bloco conhecer um pouco da relação dos jovens com escola e o espaço em que vivem, buscando saber onde estudam; como vão à escola; o que fazem nos períodos de lazer; como escolheram o estabelecimento de ensino; como é organização em

² Todos os alunos que estudam no IFMG-OP deslocam-se entre o distrito e a sede no transporte fornecido pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto. O motorista, funcionário da prefeitura, organiza também uma lista dos alunos que frequentam o IFMG-OP e que têm direito ao transporte escolar.

casa para o estudo; a existência ou não de diferenças na formação escolar entre o distrito e a sede; entre outros detalhes.

Nas entrevistas buscamos capturar detalhes sobre os jovens e a escolha do estabelecimento escolar; a importância atribuída à escola e à educação escolar na construção dos projetos de futuro, bem como as lógicas socializadoras e as estratégias de escolarização presentes na escolha e na construção desses projetos. Ou seja, pelas entrevistas tentamos extrair informações mais aprofundadas sobre a condição juvenil, os elementos diversos presentes na escolha do estabelecimento escolar e conseqüentemente, o deslocar ou não do distrito para continuar os estudos, bem como as influências dessas escolhas na construção dos projetos de futuro.

Utilizamos como suporte metodológico para o desenvolvimento das entrevistas a abordagem reflexiva proposta por Szysmanski (2010), compreendendo as entrevistas como “uma situação de interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado” (SZYSMANSKI, 2010, p. 12). Dessa forma, a entrevista como prática reflexiva possui um caráter de interação social e não apenas de um instrumento fechado para obtenção de dados. Foi justamente o que perseguimos na pesquisa.

Como interação social, a entrevista pressupõe a relação entre o entrevistado e o entrevistador (e vice-versa). Nessa relação, existe um entrelaçamento de emoções. Daí a necessidade de pensar as condições de entrevista, não apenas no âmbito material (lugar da entrevista, acomodações e afins), mas considerando as condições psicossociais da interação, as relações de poder e desigualdade e a construção da narrativa, recheada de intencionalidades tanto por parte do entrevistador quanto pelo entrevistado (SZYMANSKI, 2010). Assim, nessa relação, existe uma troca de forças entre as partes. O entrevistador que busca conhecer e compreender determinado fenômeno ou problema pela interação com o entrevistado; quem tem e procura informações, aquele que elegeu a questão de estudo. De outro lado, o entrevistado, que também se coloca na pesquisa ao aceitar a entrevista, a exposição e/ou ocultação de fatos e que detém informações sobre a realidade pesquisada.

Como se trata de um roteiro de entrevista semiestruturado, optamos por organizar o roteiro em blocos que nos ajudaram a melhor compreender o fenômeno estudado, bem como a responder nossos objetivos de pesquisa. Esses blocos foram dispostos da seguinte forma:

- *Bloco 01: Condição Juvenil* – indagamos os entrevistados a refletirem sobre a condição juvenil, o modo de ser e estar jovem no mundo e na realidade que os cercam tentando indicar elementos importantes de análise do que é ser jovem morador de um pequeno distrito;
- *Bloco 02: Práticas educativas familiares* – Buscamos identificar elementos importantes da relação família-escola como o acompanhamento dos estudos pelos pais, a participação familiar na vida escolar entre outras situações que nos permitam identificar o papel da família na vida escolar dos jovens entrevistados;
- *Bloco 03: Escolha do estabelecimento escolar* – procuramos informações acerca dos distintos e diversos elementos presentes na escolha do estabelecimento de ensino utilizados pelos jovens e suas famílias.
- *Bloco 04: Projetos de Futuro* – Aqui, nossa reflexão se ateve em compreender as expectativas dos alunos em relação à escola e aos planos [gerais] para o futuro ou para o final do Ensino Médio.

A partir dos resultados dos questionários foram selecionados seis jovens alunos para a entrevista, sendo três do IFMG-OP e três da EEJL-2³. *Os critérios para a escolha dos entrevistados foram:* os projetos de futuro mais definidos, os projetos de futuro menos definidos, as condições socioeconômicas da família e os critérios utilizados para a escolha da escola de Ensino Médio. Ressaltamos que nesse momento da pesquisa não delimitamos nosso universo pela questão de gênero ou raça/cor. Sabemos das implicações dessas temáticas, porém o intuito aqui não é discorrer sobre esse outro viés da desigualdade muito presente em nossa sociedade. Nesse sentido, a pesquisa nos evidencia a necessidade de estudos futuros sobre as implicações do gênero e da raça na temática em questão.

De certo modo, podemos considerar que os questionários e as entrevistas se complementaram. Cada instrumento trouxe detalhes significativos sobre os jovens e suas famílias. Os questionários foram aplicados na residência dos jovens alunos ou em outros ambientes escolhidos por eles, mediante termo de autorização assinado pelos pais (no caso de menores de 18 anos) e pelos estudantes (Termo de Consentimento Livre e

³ Destacamos que uma jovem selecionada para as entrevistas quando respondeu o questionário estudava na EEJL-2, cursando o 1º ano do Ensino Médio. Ao final do ano de 2019, ela fez o exame de seleção do IFMG-OP e foi aprovada para o curso Técnico em Metalurgia, tendo novamente que cursar o 1º ano do Ensino Médio no ano de 2020. Portanto, quando respondeu a entrevista ela tinha mudado de escola. Ressaltamos que os dados do questionário foram utilizados para a seleção dos jovens para a entrevista e por isso ela está no grupo da EEJL-2.

Esclarecido - TCLE). Nesse termo foi explicado o tipo de pesquisa e a metodologia desenvolvida.

No caso das entrevistas, o plano era também desenvolvê-las presencialmente em locais pré-definidos pelos jovens participantes da pesquisa, no entanto, devido a pandemia da COVID-19, foi preciso modificar essa aplicação.

A pandemia modificou nossa proposta inicial de construção dos dados. Foi imperativo reformular o desenvolvimento da etapa metodológica das entrevistas, tendo em vista o avanço da contaminação e as dificuldades de contato pessoal nesse período. Ressaltamos que a chegada do vírus no distrito trouxe ainda mais insegurança tanto ao pesquisador quanto aos jovens entrevistados, uma vez que há um grande número de pessoas na área de risco na comunidade, inclusive em nossas famílias, levando a assumir a entrevista de modo remoto e escrito, usando o Formulário do Google.

Acreditamos que essa foi a melhor forma, uma vez que a velocidade de acesso à internet no distrito oscila muito, impossibilitando, na maioria das vezes, as reuniões virtuais. Além disso, é preciso considerar que alguns alunos possuem acesso à internet apenas pela rede de dados do celular e uma chamada de vídeo e/ou aplicativo de reuniões seria dispendioso para os jovens, sem contar que o sinal também não é muito estável.

Dessa forma, ao conversar remotamente com os jovens, eles indicaram o Formulário Google como um modo interessante para o desenvolvimento das entrevistas, uma vez que eles estavam acostumados com esse recurso, sendo muito utilizado por eles em atividades escolares.

Acatamos a sugestão dos jovens e produzimos o roteiro de entrevistas no Formulário Google. Enviamos o formulário aos alunos e demos a eles um prazo de 15 dias para responderem as questões. Eles foram rápidos nas respostas e todos enviaram em menos de cinco dias.

Apesar de acreditarmos que, devido as circunstâncias, a entrevista por meio do Formulário do Google foi a melhor forma para o desenvolvimento dessa etapa, precisamos indicar que tal mudança trouxe uma significativa limitação para a construção dos dados e posterior análise. Pelo Formulário não conseguimos capturar detalhes sobre a vida dos jovens e suas práticas familiares como esperávamos encontrar nas entrevistas presenciais. De modo escrito, os jovens foram, em vários momentos, muito objetivos em suas respostas, possivelmente deixando de pontuar elementos importantes de seus cotidianos. No entanto, convém destacar que a partir da entrevista, e

com a ajuda do arcabouço teórico utilizado na pesquisa, conseguimos desenvolver uma análise fundamentada, reflexiva e dialógica. É importante mencionar, ainda, a necessidade de repensar as técnicas de construção de dados e o uso das tecnologias da informação na construção das infinitas possibilidades de pesquisa em diversas áreas de conhecimento. Ressaltamos ainda que aconteceram vários diálogos via Whatsapp entre o pesquisador e os jovens participantes da pesquisa.

Os jovens participantes da pesquisa estão distribuídos em turmas e faixas de idades diferentes. Trabalhamos com jovens de todo o Ensino Médio, do 1º ao 3º ano. Esperamos com essa escolha verificar, de modo geral, as diferenças existentes na consideração da condição juvenil, dos projetos de vida e das lógicas socializadoras em faixas de idade e períodos de escolarização distintos, bem como do impacto da escolha do estabelecimento de ensino na construção dos projetos de futuro. Nos propusemos também visualizar se há diferentes visões sobre a escola e os projetos de futuro em alunos de séries diferentes e que frequentam escolas localizadas em espaços distintos. Mesmo não tendo a questão do gênero e raça como objetivos, buscamos promover um trabalho que tente ser o menos violento possível na consideração dos sujeitos, respeitando suas especificidades individuais e apontando, caso necessário, as influências do gênero e da raça na construção dos projetos futuros, bem como da escolha do estabelecimento de ensino.

Esse trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro fazemos uma reflexão sobre as *Juventudes e Socialização*. Levantamos, nesse capítulo, referenciais bibliográficos nacionais e internacionais que nos possibilitam melhor compreender a temática estudada, apresentando uma discussão acerca do conceito e delimitação da juventude, os processos de socialização, bem como as lógicas socializadoras e as práticas educativas familiares.

No segundo capítulo, *Juventudes, Projetos de Futuro e Escola*, discorreremos sobre as relações entre as juventudes e os projetos de futuro. Analisamos diferentes referenciais teóricos sobre os projetos de vida ou de futuro, bem como a construção desses projetos pelos jovens. Ainda nesse capítulo discutimos a relação entre juventudes e escola, evidenciando a etapa do Ensino Médio.

No terceiro capítulo, *Os jovens de Santo Antônio do Salto: a escolha do estabelecimento escolar e a formação de seus projetos de futuro* é onde apresentamos os resultados de nossa pesquisa, com os dados do questionário e das entrevistas analisados à luz da bibliografia trazida ao longo dos capítulos anteriores. Assim, o terceiro capítulo se destina a responder empiricamente aos objetivos propostos na pesquisa.

Encerrando a dissertação, seguem as considerações finais onde reconhecemos as possibilidades e limitações da pesquisa, explicitando se os objetivos foram alcançados, retomando pontos cruciais da temática, bem como os resultados ou achados da pesquisa e sinalizando as limitações metodológicas, estruturais e temporais na obtenção, análise e apresentação dos dados.

CAPÍTULO 1

JUVENTUDES E SOCIALIZAÇÃO

Nesse capítulo apresentamos diferentes referenciais teóricos e conceituais que nos ajudam a construir uma reflexão sobre a juventude e a socialização. Iniciamos com uma discussão sobre o conceito e a demarcação da juventude, apresentando diferentes arcabouços teóricos que nos ajudam a refletir sobre a complexidade da temática juvenil.

Em seguida, discorreremos sobre a socialização dos jovens, refletindo sobre o processo de socialização e suas inúmeras relações, buscando esmiuçar os vieses macro e microsociais recorrentes nas pesquisas educacionais e sociológicas.

Ainda neste capítulo, apresentamos uma discussão sobre as práticas educativas e as lógicas socializadoras familiares para melhor compreendermos o processo de formação dos jovens-alunos pesquisados, sobretudo na relação com suas famílias, os processos educativos e as lógicas escolares.

1.1 Juventudes

A juventude aparece nessa pesquisa a partir de sua diversidade, considerando a existência de uma múltipla juventude, ou melhor, de juventudes, uma vez que “não há um único conceito de juventude” (PAIS, 1990, p. 151) tampouco, uma única forma de ser jovem. Nessa perspectiva assumimos a temática da condição juvenil (DAYRELL, 2007) em suas múltiplas dimensões: territoriais, econômicas, espaciais, sociais, culturais e outros.

Abramo (2008), no texto “Condição juvenil no Brasil contemporâneo”, aponta para o nascimento da juventude. Segundo a autora, a juventude nasce no século XX, na sociedade moderna. Surge intimamente relacionada aos processos produtivos desenvolvidos com a Revolução Industrial, representando um tempo a mais de preparação para o trabalho nas indústrias, bem como um “amadurecimento” social frente às novas relações que se estabeleciam nas cidades urbano-industriais. Tal preparação acontece principalmente na escola, onde os jovens estariam livres do trabalho e dedicados à sua formação, ao estudo. A escola e o que ela proporciona são elementos centrais da/na condição juvenil, sobretudo ao promover a “manipulação das aspirações” (BOURDIEU, 1983, p. 4).

Com base nos estudos de Dayrell (2003); Groppo (2010); Falsarella e Grosbaum (2016); Pais (1990), Feixa e Nilan (2009), Simão (2014) e outros, compreendemos o jovem em sua atual situação e não como sua potencialidade de vir a ser, fugindo das reduções etária e cronológica, que consideram a juventude apenas como uma etapa da vida.

Pais (1990) traz contribuições muito significativas para os estudos sobre juventudes. Ao descrever as correntes de estudo da Sociologia da Juventude nos chama atenção para a existência de duas delas: a Geracional e a Classista. Na corrente Geracional os estudos sobre juventude levam em consideração a geração, caracterizando a juventude como uma etapa da vida, relacionando-a à faixa etária e indicando um aspecto unitário, pois todos os membros pertencem a um grupo etário. Considerando a reprodução social, temos a corrente Classista. Nessa corrente, as culturas juvenis são compreendidas como culturas de classe, criando distinções simbólicas intra e extraclasse entre os jovens.

A faixa etária dos 15 aos 29 anos caracteriza a idade das juventudes (UNESCO, 2004) e é usada para demarcar uma etapa da vida. Como suporte conceitual é comum a utilização da representação biocronológica, indicando as juventudes como uma fase da vida, como uma transformação social, física, psíquica entre outros. Teoricamente, as fronteiras entre as faixas de idade são fluídas e complexas. Porém, reconhecemos a necessidade de demarcação etária da juventude, sobretudo para a formulação de políticas públicas voltadas para a juventude, principalmente no que se refere à saúde, educação, lazer, projetos de futuro e tantos outros elementos essenciais ao bem estar e a formação dos jovens.

Segundo os pesquisadores Barasuol, Doula e Boessio (2017), desde a década de 1920, a juventude já é compreendida para além da faixa etária e dos fatores biológicos. Nesse sentido, Bourdieu (1983) nos lembra que as divisões entre as idades são arbitrárias, sendo objeto de manipulações das mais variadas formas, uma vez que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações” (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Ao considerarmos que as juventudes são construções históricas e uma condição social, não as percebemos como dados estatísticos. A proposta é compreender as juventudes “não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos em um conjunto de experiências

vividas pelos indivíduos em seu contexto social” (DAYRELL, 2003, p. 42). Ou seja, “a juventude e a velhice não são dados, mas construídas socialmente na luta entre os jovens e os velhos” (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Tentamos fugir das tipologias que acabam criando uma visão hegemônica e estereotipada da juventude, delimitando-a ou reduzindo-a ao recorte etário, ao comportamento social, ao desenvolvimento físico e biológico do corpo, às características culturais (SIMÃO, 2014). Compartilhamos das ideias de Pais (1990) e compreendemos as juventudes ou as culturas juvenis a partir de processos de socialização em macro e microescala, levando em consideração a cultura, os significados compartilhados, os símbolos específicos, o pertencimento ao grupo, a linguagem, os rituais e eventos, entre tantos outros. Não há como explicar as juventudes apenas por sua faixa de idade, nem tampouco pela diferença de classe social. É preciso, evidenciar processos socializadores que também exercem papel importante na formação dos jovens e conseqüentemente nas culturas juvenis, sobretudo na ótica da globalização ou da sociedade da informação, uma vez que, os jovens de hoje se (in) formam a partir de fontes globais (FEIXA e NILAN, 2009). Além de ser vivenciada, a juventude também é entendida de várias formas pelos indivíduos desse espaço social complexo e heterogêneo. Lembrem-nos Carrano e Dayrell (2014) que a juventude é uma categoria dinâmica: jovens a sentem e a experimentam de acordo com determinado contexto histórico, social e econômico.

Abrantes e Guerreiro (2005) também destacam a globalização como uma forma de convergência entre o ser jovem e viver a transição para o estatuto de adultos em diferentes sociedades. Essa conjuntura global ou globalizante, juntamente com os processos históricos vivenciados pela sociedade portuguesa⁴ como a insegurança no mundo profissional e a precariedade econômica e de trabalho acabam criando um prolongamento da juventude entre os grupos mais favorecidos, caracterizado pelo maior tempo na casa dos pais, adiamento da formação familiar e do casamento, e mais dedicação à formação escolar, desfocando, assim, a fronteira entre juventude e a idade adulta (PASQUIER, 2005).

Em contrapartida, nas camadas menos favorecidas, há uma precocidade na transição para a vida adulta, exemplificada, sobretudo entre as moças com a gravidez na adolescência, provocando o abandono escolar, a entrada prematura no mercado de

⁴ Portugal é o *locus* da pesquisa de Abrantes e Guerreiro (2005).

trabalho, os constrangimentos econômicos e a falta de liberdade na casa dos pais. Surge assim um novo paradigma familiar marcado por dois tempos: a juventude, evidenciada pela liberdade, pela experiência e pela aventura, e o mundo adulto, definido pela responsabilidade e pela estabilidade (econômica, familiar, profissional, etc.).

Ao questionar a existência de uma juventude global, Feixa e Nilan (2009) nos direcionam para três aspectos importantes da juventude contemporânea: a “hibridização”, entendida como várias fontes culturais que se interagem na lógica do local-global constituindo uma identidade que vive na diferença; os “mundos plurais”, segundo a qual as subjetividades juvenis são constituídas a partir de discursos opostos (local-global); e a terceira que é o “global”, se referindo à globalização, principalmente à econômica e cultural e sua tentativa colonizadora de apagar os elementos distintivos de uma identidade e prática local em favor do consumo.

A partir desses aspectos, somos convidados a pensar a juventude de hoje como um coletivo local e global, que constrói sua subjetividade a partir de materiais híbridos expostos das mais variadas formas, sobretudo por meio da informação. É no trânsito de (in) formações, das mais variadas, que o jovem se constitui na sociedade. Numa transitoriedade, marcada por uma espécie de “vaivém” ou do “princípio da reversibilidade” (PAIS, 2003 apud DAYRELL 2013, p. 70), que vai delineando, de certa forma, as trajetórias para a vida adulta (DAYRELL, 2013).

Nesse processo, a vida do jovem se constitui entre os espaços e tempos institucionais, da obrigação, e os espaços e tempos intersticiais, da socialização e do prazer, seguindo a experimentação como forma de conceber universos sociais diversos e de caracterizar, portanto, a condição juvenil.

Como cultura juvenil temos um sistema de valores construídos socialmente e que são atribuídos, de modo dominante, à fase da vida da juventude, no qual os jovens vão aderir de diferentes formas, modos e condições sociais (PAIS, 1990, p. 163).

Gropo (2004), ao pensar na dialética das juventudes modernas e contemporâneas, nos chama atenção para a pluralidade das juventudes: “o que existe são grupos juvenis múltiplos e diversos, não uma única juventude” (REZENDE, 1989 apud GROppo, 2004, p. 12).

Pensar na heterogeneidade da juventude é considerar os modos de ser jovem a partir das distintas relações que se estabelece no tempo e no espaço. Há, por exemplo, numa visão macro, os jovens e as jovens do campo e os da cidade. Numa visão micro, há formas de ser jovem em cada um desses espaços e em tantos outros. Essas diferenças

se estruturam nas camadas sociais, nos gêneros, raças, manifestações religiosas, nos territórios, nas distinções econômicas e educacionais, nos tipos de acessos a serviços públicos, a lazer, ao comércio, entre tantas outras situações que acabam transformando a condição juvenil.

Bourdieu (1983), por exemplo, nos faz pensar nas diferenças entre os jovens citando aqueles que se encontram no mercado de trabalho e os que são estudantes. Segundo o autor é “por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem nada de comum” (BOURDIEU, 1983, p.2 e 3), ou seja, de um lado os jovens burgueses e, de outro, os jovens das classes populares. É imprescindível pensar que se tratam de duas realidades bem distintas em todos os sentidos: de um lado as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar, do outro as facilidades de uma economia de assistidos (BOURDIEU, 1983, p.2). São lugares sociais diferentes, “dois extremos de um espaço de possibilidades oferecidas aos jovens” (BOURDIEU, 1983, p.3).

Nessa juventude, categoria social, é preciso pensar em outros elementos ou categorias [sociais e históricas] que perpassam a formação da juventude. Ou seja, mesmo que existam várias formas de ser e estar jovem no mundo contemporâneo e moderno, há elementos e situações que fazem com que determinados grupos, mesmo que distintos econômica, social, cultural e territorialmente, se tornem parte de uma categoria denominada juventude. Por exemplo, na categoria juventude se enquadram os jovens dos distritos e das cidades, os jovens e as jovens, de classe mais alta, mais baixa, estudantes de escolas públicas (estaduais e federais), de escolas particulares, de diferentes bairros, cidades, regiões, países. Jovens que carregam elementos sociais, culturais e econômicos (e porque não espaciais/territoriais?) totalmente distintos e que, ainda assim, fazem parte dessa juventude enquanto categoria social.

Conforme já mencionado, as condições econômicas influenciam no ser jovem. Tomando como referência o Censo Demográfico de 2010, Carrano e Dayrel (2014) afirmam que a maioria dos jovens do Brasil se encontra em camadas mais empobrecidas da população, indicando que a pobreza influencia diretamente a condição juvenil. Assim, podemos questionar como os espaços vividos, construídos e ressignificados pelos jovens dessas camadas populares influenciam suas escolhas e seus projetos de vida. Nesse sentido, ao tratar da condição juvenil estabelecemos um conjunto de elementos - para além da faixa etária - que caracterizam o modo de vida dos jovens.

Segundo Dayrell (2007), a condição juvenil retrata a situação (e as condições

necessárias) do jovem perante a vida e a sociedade. Trata-se, de um lado, do modo como a sociedade vê e dá significado a uma fase da vida, mas também, de outro lado, como essa fase é vivida em diferentes situações, levando em conta, é claro, as diferenças sociais de cada realidade. Essa condição juvenil é cada vez mais complexa, pois os jovens vivem, ao mesmo tempo, experiências variadas e contraditórias, estando “expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes” (DAYRELL, 2013, p.69), fazendo do jovem um ator plural, no sentido trazido por Lahire (2002).

Groppo (2010) nos faz pensar na condição juvenil a partir da dialética entre juventudes e sociedade. Existe uma relação dialética entre os jovens e a sociedade que cria a condição juvenil, estando em constante transformação, visto que essa relação dependeria de contextos históricos e espaciais de construção. Lembra-nos Simão (2014) que a sociedade moderna visibiliza o sujeito ao olhar do outro. Os sujeitos se transformam em população, os jovens em juventudes, o espaço em espaço métrico e fragmentado. Assim, a sociedade modela o jovem e ao mesmo tempo se rejuvenesce, pois a sociedade adulta influencia os jovens, os jovens influenciam os adultos (PAIS, 1990).

O que poderia ser compreendido como uma relação de negação e oposição entre a sociedade e as juventudes, pode ser vista também como de complementariedade. Tal relação se expressa no desejo de fazer parte. Os jovens desejam fazer parte do mundo dos adultos e os adultos desejam a vida dos jovens. Nesse mesmo sentido, Pais (1990) ao apresentar as correntes de estudos sociológicos sobre a juventude, traz à tona o conceito de “socialização contínua” (PAIS, 1990, p.155). Tal conceito nos mostra que a participação dos jovens na vida social aconteceria, de um lado com a socialização dos jovens pelos adultos e, por outro, uma juvenilização da sociedade adulta, o que “implica que a sociedade modele a juventude à sua imagem, mas ao mesmo tempo, se rejuvenesça” (PAIS, 1990, p. 155).

Dessa forma, a juventude compreendida nesse viés dialético é uma categoria marcada por contradições: ora ela influencia, ora é influenciada pela sociedade e pelas instituições.

O documento da UNESCO (2004), intitulado “Políticas públicas de/para/com Juventudes” traz cinco elementos que caracterizam a condição juvenil: como *meta*, a obtenção da condição da vida adulta; como *trajetória*, emancipação e autonomia; como *questão central*, a construção de uma identidade; como *marco básico*, as relações entre

as gerações; e como *processo de socialização*, considerando a relação entre jovens, modelando identidades. Esses elementos indicam situações importantes da vida juvenil, marcando o modo como os jovens desenvolvem suas relações, numa tensão constante entre o individual e o coletivo na formação da própria identidade. O documento faz também referência ao complexo vínculo entre juventudes e sociedade, destacando os agentes de socialização juvenil como a família, a escola, os diferentes grupos de jovens e a mídia.

A tentativa de conceituar a juventude demandaria um grande esforço teórico-conceitual. Nesse trabalho a proposta é promover uma análise e reflexão sobre a juventude num sentido mais amplo, numa tentativa de pensar tanto na questão da localização geográfica dos jovens, quanto nos processos de socialização que eles desenvolvem nos espaços em que vivem e que transitam. Utilizamos como aporte conceitual, a condição juvenil, na tentativa de promover uma compreensão mais ampla da juventude, suas relações com o espaço, com os processos socializadores e tantos outros desdobramentos, indicando ainda a possibilidade de inúmeras formas de ser jovem, considerando-o como um ator plural.

Assim, com base na literatura aqui trazida, assumimos duas formas de compreensão das juventudes. A primeira se refere ao fato de consideramos à faixa etária como marco fictício da juventude, não num sentido de determinante biológico, mas como um momento determinado, que não é caracterizado apenas pela condição biológica e etária. Conforme já mencionado anteriormente, acreditamos que essa compreensão seja muito útil para o desenvolvimento metodológico, sobretudo durante a escolha dos sujeitos pesquisados. A segunda forma se refere à condição juvenil e sua heterogeneidade. Acreditamos em diferentes formas de ser jovem, a partir das inúmeras relações que são estabelecidas no tempo e no espaço. Portanto, partimos do pressuposto que a juventude é uma condição social inserida num tempo e num espaço e em um contexto cultural, econômico e político.

Consideramos que a juventude está intimamente ligada à construção dos projetos de futuro, sendo necessário pensar nas relações diversas que eles estabelecem e que, de certa forma, influenciam na socialização e na construção de seus futuros.

1.2 O processo de socialização

Pensar em socialização é refletir nas relações que acontecem entre os indivíduos e a sociedade. É buscar compreender como construímos nossas relações sociais ao longo do tempo e como elas são marcadas por elementos complexos que organizam nossa vida, nossa maneira de ser e estar no mundo. Como nos diz Setton (2011, p. 715), a socialização é um “processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo”.

Desde criança, vivemos a socialização: o falar, o comer, ir ao banheiro, andar e outros elementos nos são passados por outros indivíduos. Somos tutelados a um hábito que chamamos de social. Formamo-nos enquanto indivíduos sociais através desse hábito. Já nos lembram Berger & Berger (1973) que o nosso mundo é sempre habitado por outras pessoas. Ao aprender a viver em sociedade passamos pelo processo de socialização, onde padrões sociais se impõem aos individuais, criando formas diferentes de ser e estar no mundo que são condicionadas pelos vários agrupamentos e classes sociais em que estamos inseridos. Tudo isso acontece de forma complexa, por meio de relações diversas entre os sujeitos em diferentes relações temporo-espaciais.

Ao abordar a questão da socialização nos deparamos com estudos clássicos da sociologia, principalmente da Sociologia da Educação e seu subcampo de estudo que é a relação entre família e escola. Compreender a socialização e a educação é uma das principais premissas da Sociologia da Educação, e tal compreensão seria impossível sem levar em conta a família, ambiente onde as crianças, adolescentes e jovens primeiro se formam como sujeitos, ou seja, onde acontece a socialização primária, e a escola e outros grupos e instituições, onde acontece a socialização secundária.

A família é entendida como uma instituição que impacta a vida escolar, relacionando o *background* familiar ao desempenho ou desenvolvimento escolar da criança. Bourdieu (1998) e sua teoria da reprodução social trabalha a socialização a partir dessas duas grandes instituições sociais, numa lógica macrossocial de que as práticas familiares impactam o desenvolvimento escolar.

Merece destaque a formação do capital cultural, um conceito formulado por Bourdieu, a partir da década de 60, na tentativa de compreender as desigualdades de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais (BOURDIEU, 1998). Nogueira (2010) identifica que o capital cultural é um tipo de recurso que atua na definição da posição ocupada por um indivíduo na hierarquia social.

Assim, a forma como se usa os bens materiais promove distinções relacionadas à posse de bens culturais entre os indivíduos. O capital cultural é um conjunto de bens simbólicos que seria capaz de render lucros (simbólicos) aos seus detentores, uma vez que opera, de acordo com a classe dominante. Enquanto o capital econômico atua num sentido mais direto, o cultural age de modo indireto.

Silva (1995, p. 24) nos demonstra que

Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder.

O capital cultural é passado às crianças por suas famílias por meio de um patrimônio cultural diversificado composto de estruturas mentais, domínio da língua culta, cultura geral, posturas corporais, disposições estéticas, bens culturais variados etc., os quais se transformam em vantagens, uma vez investidos no mercado escolar (NOGUEIRA, 2010).

Setton (2005a) acrescenta que o capital cultural é, de certo modo, um “conjunto de estratégias, valores e disposições promovidos principalmente pela família, pela escola e pelos demais agentes da educação, que predispõe os indivíduos a uma atitude dócil e de reconhecimento ante as práticas educativas” (SETTON, 2005a, p.80). Cabe ressaltar que todo esse processo acontece num jogo entre as classes sociais e que a classe dominante, por meio da violência simbólica, detém poder sobre as estruturas educacionais.

O capital cultural está intimamente relacionado à origem social da família, ou *background* familiar e a herança cultural dos indivíduos, fazendo-nos pensar, nesse sentido, sobre a cultura legítima, aquela imposta como dominante pelas desigualdades de classes sociais. Portanto, quanto mais próxima das expressões de cultura legítima, maior será a possibilidade de sucesso escolar da criança. O capital cultural não se refere

apenas à condição econômica, ele se insere na forma ou modo como a família adquiriu determinadas características sociais e culturais ao longo do tempo. Para Bourdieu (1998) as crianças de camadas sociais superiores recebem da família recursos culturais e simbólicos que se transmitem em vantagens no mercado escolar. Por outro lado, as crianças de camadas populares estão em desvantagem nesse mercado, uma vez que não possuem o capital cultural almejado e valorizado pela escola.

Do mesmo modo, a partir do estudo de Pasquier (2005), podemos afirmar que a cultura da elite se encaixa perfeitamente com a cultura da escola, e o *habitus* das crianças provenientes das classes dominantes está em afinidade com o dos professores: esse é o capital cultural possuído por classes sociais mais altas que facilitam o sucesso acadêmico e, de certo modo, diferenciam as relações das classes sociais com a escola.

A partir dos estudos de Bourdieu (1998), podemos evidenciar alguns elementos da interface entre desigualdade social e escola: há uma ruptura com a ideia de escola neutra, demonstrando que a escola incorpora as desigualdades da sociedade, pois faz parte dela, não sendo, portanto, neutra e imparcial como se acreditava antes. Conforme expõem também Bowles e Gintis (2008) há uma necessidade de compreender a posição social dos indivíduos, uma vez que essa posição está diretamente relacionada com a forma como ele se apropria do espaço, criando dispositivos para a ação, numa relação constante entre o social e o individual, no que se pode considerar como a formação do *habitus* (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002). É importante ir além dos indicadores socioeconômicos, evidenciando como a condição ou posição social se relaciona à escolarização, promovendo uma ruptura na crença de que a escola promove certa igualdade de condições e oportunidades para as crianças e jovens, conforme demonstram também Bowles e Gintis (2008).

Além dos estudos em macroescala, que consideram a família e a escola como as grandes variáveis do processo de socialização ou de reprodução social, como os de Bourdieu (1998), autores como Maria Alice Nogueira (2005; 2006), Daniel Thin (2006; 2010; 2011), Marília Pinto de Carvalho (2011), Annette Lareau (2007), Lahire (2002; 2003; 2004; 2005), Dessen (2010), Bento (2012), Setton (2005; 2009; 2011; 2012; 2015); Pasquier (2005) e outros apresentam diferentes formas de compreensão da socialização e seu papel na escolarização das crianças e dos jovens.

Esses autores, mesmo reconhecendo a força da família e da escola, apresentam outros agentes que também influenciam no processo de socialização, sobretudo na atualidade.

Pasquier (2005), por exemplo, destaca que, na atualidade, estamos mais distantes de uma seleção social aos moldes de Bourdieu. No entanto, indica que, o processo de massificação escolar, em que o currículo escolar longo é uma realidade nas diferentes classes sociais, trouxe também novas formas de seleção social para a escola, sobretudo relacionadas aos processos de segregação e desigualdade espacial. Para a autora, a desigualdade social na escola não encolheu. Pelo contrário, ela aumenta na medida em que a escolaridade se prolonga, alcançando e criando novas formas de desigualdade e diferenciação.

Esses estudos, além de observar elementos como a mídia, os diferentes espaços e grupos sociais, também tentam compreender, a partir de uma visão em microescala, as diferenças ou as minúcias que existem dentro das famílias e das escolas. Por exemplo, aquelas famílias que pertencem à mesma classe social não agem da mesma forma, não se organizam do mesmo modo, não educam os filhos da mesma maneira. Mesmo havendo semelhanças na origem social, o processo não acontece da mesma forma. Já nos indica Bento (2012) que há diferentes famílias habitando a família e, a partir do trabalho de Dessen (2010), podemos acrescentar que a família passa por transformações e reorganizações de seu arranjo ao longo do tempo.

Setton (2005; 2009; 2011; 2012), nos leva a refletir um pouco mais sobre a complexidade do mundo social, indicando que é preciso pensar o processo de socialização para além das instâncias tradicionais - família e escola - , observando a heterogeneidade dos processos e das instâncias. Além disso, considera que o sujeito tem um papel ativo na socialização e não apenas passivo frente às instâncias socializadoras.

Em Setton (2009) podemos observar as diferenças entre as visões macro e microescala. Ressaltamos que não se trata de uma oposição entre visões, uma dualidade entre micro e macro, mas de diferentes formas de compreender o processo de socialização em diferentes contextos históricos e sociais. Conseguimos notar, que numa visão macro a família e a escola são por excelência as principais instituições de socialização, numa organização mais fechada, em que a formação do *habitus* está nessa interface. Na visão micro, aparecem outras instituições, instâncias e elementos que também são importantes no processo de socialização, até mesmo a presença do sujeito de forma mais ativa.

Singly (2009) também evidencia o papel do indivíduo no processo de socialização, trazendo-nos um novo conceito: mobilização. Em seu texto “A apropriação da herança cultural” (2009), o autor trabalha os mecanismos pelos quais

ocorre a apropriação da herança cultural, tendo o indivíduo como foco. Ao centrar nos mecanismos de apropriação, o autor nos traz o conceito de mobilização ou mobilização familiar. Segundo ele, a mobilização explica o fato de nem todos os filhos das classes superiores serem herdeiros culturais de suas famílias e, da mesma forma, a ascensão nas famílias de classe média e popular. Nessa mobilização, destacam-se duas dimensões: a dimensão parental e a dimensão juvenil. A primeira refere-se à família e suas relações, já a segunda se refere à autonomia do sujeito frente às gerações passadas.

Centrando a reflexão no indivíduo, mas não desprezando o efeito socializador da família, por exemplo, é possível perceber na obra de Singly (2009) a influência do indivíduo (eu) na relação de socialização, promovendo a independência e distância geracional, sem ruptura com a família, ou afirmando a afiliação e ao mesmo tempo sendo autônomo em relação à família. Podemos notar por tal ótica de análise, que o indivíduo é um agente social importante na relação de socialização na contemporaneidade, participando ativamente do jogo social concomitantemente com outras instâncias socializadoras.

Assim como Singly (2009), Lahire (2005) está voltado para a sociologia em escala individual, e aponta a necessidade de uma visão mais holística, repensando os fatores e compreendendo os processos, sem tomar objetos com peso mais social que outros. A proposta do autor é promover um estudo do micro, compreendendo o social individualizado, ou seja, estudar a realidade social em sua forma incorporada, interiorizada, repensando a disposição em escala individual (LAHIRE, 2005). Além do mais, nos faz pensar nos contextos de produção das relações sociais que moldam o homem. Segundo o autor, evidenciar as bases individuais no social, numa sociologia do indivíduo, seria, portanto, levar em conta que os indivíduos são diferentes uns dos outros. Lahire (2005), diante do reconhecimento do efeito de classe na construção do individual, acentua os processos multiformes de incorporação do social e enfatizando a tensão entre as diversas disposições interiorizadas pelo indivíduo se esforçando para apreender as variações interindividuais e intraindividuais da prática social, reconhecendo, no entanto, peso dos processos socializadores na moldagem da subjetividade individual.

Com base em Bourdieu (1998a), Lahire (2003) reflete sobre como a escola converte o diploma em capital cultural e quais são os mecanismos que fazem um diploma escolar ganhar ou perder valor. A escola, a partir dos resultados das provas e testes, espelha a desigualdade. O acesso ao diploma, que confere capital escolar, se

torna uma diferenciação social. Na relação família-escola, a escola também desempenha importante função enquanto agente. Não é apenas a família que cria condições ou *habitus* mais ou menos valorizados pela escola, mas a própria escola transmite a cultura legítima, funcionando como uma moeda desigualmente distribuída. É justamente nesse sentido, que compreendemos o papel da escola na formação do jovem e conseqüentemente de seus projetos de futuro, sendo peça fundamental de um jogo social mais complexo.

Contudo, embora muito importantes, família e escola não são as únicas instituições que influenciam na constituição do indivíduo. Concordando com Setton (2011; 2012), acreditamos na existência de novas articulações de instâncias socializadoras. A autora, por exemplo, acrescenta ao jogo social a mídia, que juntamente com a escola são matrizes legitimadoras de práticas sociais e culturais entre os jovens.

Da mesma forma, Pasquier (2005) nos aponta a necessidade de levar em conta as novas formas de mídia, sobretudo o celular e a internet, na tentativa de melhor compreender as relações das gerações mais jovens com a cultura. A autora completa ainda que as relações que os jovens estabelecem com essas novas formas de mídia se inserem no cotidiano deles dentro da escola e também no convívio familiar, acreditando assim que a relação com essa cultura, num sentido amplo, é parte essencial dos relacionamentos juvenis, sobretudo com a escola. É importante compreender o crescente papel da cultura de massa na organização da sociabilidade juvenil, pois a cultura juvenil tem, cada vez mais, escapado do controle dos adultos, sendo organizada, principalmente, pelo mundo comercial.

A cultura de massa constrói um ambiente favorável à difusão de valores e padrões de conduta diversificados, configurando-se como uma modalidade socializadora e em alguns casos educativa. Antes mesmo da escola, notamos, com frequência, a presença do rádio, da TV, do cinema e da internet na vida dos mais variados segmentos sociais. Setton (2011, p. 713) acredita que o “processo de socialização das sociedades atuais é um espaço plural de múltiplas referências identitárias”. Afirma ainda, que, nas camadas populares, podemos observar com mais precisão uma mistura ou hibridação entre referências escolares e midiáticas na construção de um novo capital cultural.

Percebemos que os meios de comunicação em massa, sobretudo a expansão da rede de computadores, adquire uma presença cada vez maior no cotidiano dos jovens,

“sendo amplamente socializadores, mesmo que nem sempre educativos” (URRESTI 2011, p. 60).

Ao pensar as juventudes na globalização, Carles Feixa e Pam Nilam (2009) consideram a hibridização das identidades e a formação de mundos plurais, estabelecendo que a socialização dos jovens na atualidade se dá por meio de várias fontes culturais, exercendo diferentes relações de poder, promovendo inúmeras interações tanto locais quando globais e se apresentando da forma mais diversa possível, mesmo que coexista a dura realidade de classes que os divide em jovens de centro e de periferia. Segundo esses autores a identidade jovem (ou seriam identidades?) vive na diferença dos mundos plurais. Esse mundo é constituído de subjetividades juvenis, ou seja, “os jovens habitam um único mundo, porém de grande complexidade” (FEIXA e NILAM, 2009, p.14).

Essa hibridação, em que estruturas ou práticas distintas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, é uma constante na vida dos jovens, uma vez que eles vivenciam difusas experiências de socialização na atualidade (SETTON, 2012). A globalização, a migração, o turismo, o intercâmbio econômico e cultural, e a comunicação, por exemplo, criam uma hibridação e colocam os processos de socialização vividos pelos jovens em constante transformação.

Tal hibridação, presente na socialização, geram um *habitus*, ou seja, resulta num movimento dialético, criativo, às vezes contraditório, de relações entre um sujeito e uma conjuntura social que o circunda, que vão para além das interferências da família e da escola (SETTON, 2012).

O processo de hibridação não pode ser entendido apenas como uma fusão de valores multiculturais, mas sim, como uma possibilidade de articulação de diferentes matrizes, levando em consideração a desigualdade de uma sociedade dividida em diferentes estratos sociais.

Nessa sociedade estratificada, não podemos deixar de mencionar a questão da desigualdade e seu peso na vida dos jovens. As desigualdades se apresentam de formas distintas na organização social. E na vida dos jovens isso não é diferente! Como sujeitos sociais, imersos numa sociedade complexa, as juventudes também se encontram num jogo social desigual. Desigualdades de gênero, de raça/cor, de infraestruturas espaciais (como por exemplo, campo e cidade, centro e periferia, cidades pequenas e grandes...), vulnerabilidades territoriais, sociais e econômicas. Desigualdades que se projetam, sobretudo, nas diferenças entre classes sociais. Não queremos retomar uma discussão

sobre origem social e seu impacto nas relações de socialização, pois as pesquisas aqui trazidas, entre tantas outras, comprovam que a condição socioeconômica da família influencia as diversas relações que estabelecemos no cotidiano. Queremos, apenas, demonstrar que a desigualdade econômica ou socioeconômica é forte influenciadora das relações entre jovens, promovendo, assim, diferentes ações nos/dos mesmos dentro do jogo social.

Como exemplo da desigualdade socioeconômica na vida dos jovens, podemos citar a situação brasileira. Nesse contexto, Pochmann (2004), nos traz uma reflexão interessante sobre o ser jovem em diferentes classes sociais. Segundo ele, o modo de ser jovem no Brasil difere muito, principalmente quando há diferenças significativas entre estratos de renda. Ao se referir a questões econômicas, o autor não está preso apenas as facilidades e dificuldades que a presença ou ausência do dinheiro (capital econômico) proporciona, mas relaciona a questão da desigualdade econômica com as condições de vida dos jovens para além da questão material. Focando no acesso à educação e ao mundo do trabalho, considera que a natureza de classes no Brasil impõe formas de trabalho e estudo diferentes aos jovens, desembocando, diferentes condições juvenis.

Podemos observar diferenças entre jovens da classe média/alta e das camadas populares. Enquanto os primeiros possuem uma elevação da escolaridade, postergando a entrada no mercado de trabalho e obtendo, ao final da juventude, maiores remunerações; o segundo grupo tem o trabalho como sobrevivência social, o que gera uma baixa escolaridade e, conseqüentemente, menor remuneração. Há uma questão central: “a postergação da inatividade juvenil possibilita a ampliação da escolaridade e a melhor preparação para o mercado de trabalho” (POCHMANN, 2004, p. 230).

Gropo (2015) também nos leva a pensar além da desigualdade de classe na socialização dos jovens. Ao refletir sobre a constituição das diferentes tribos juvenis por meio de análise profundamente filosófica da juventude através das teorias pós-críticas, o autor elenca outras desigualdades presentes na vida do jovem como as “diferenças étnico-raciais, nacionais, regionais, de gênero, de opção sexual, religiosa e etc” (GROPPO, 2015, p. 572). Segundo o autor, na contemporaneidade, embebidos pela lógica pós-crítica, radicalizamos a valorização da desigualdade e só assim conseguimos compreender a complexidade do jogo social para além das matrizes tradicionais, promovendo uma espécie de cartografia social, “tentando mapear estilos que se criam, as misturas que se insinuam, as linhas de subjetivação que atuam e os dispositivos de

poder-saber que se impõem, inúmeras fontes que riscam um dado território da vida social” (GROPPO, 2015, p. 572).

Dessa forma, concordamos que a socialização é o “processo mediante o qual os atores constroem sua experiência” (DAYRELL, 2002, p. 120). É possível pensar que os atores sociais usam princípios variados ou heterogêneos na organização de suas condutas, adotando, por vezes, vários pontos de vistas ao mesmo tempo (GROPPO, 2015). Portanto, acreditamos que

os indivíduos se constroem e são construídos ao mesmo tempo, diante do confronto entre as diferentes logicas sociais, em especial a lógica da integração (oriunda da comunidade), a lógica da estratégia (operando nos mercados) e a lógica da subjetivação (operando no sistema cultural) (GROPPO, 2015, p. 575).

Temos, nesse processo híbrido, multifacetado e porque não plural, como diria Lahire (2002), um complexo de situações e instâncias que agem em conjunto na formação do sujeito. Seja pelo contato com o outro, seja pelos grupos ou divisões econômicas, seja pelas diferentes formações culturais.

Ao propor a teoria do ator plural o autor defende, inclusive, que diferentes contextos de socialização produzem distintas formas de agir. Entende, portanto, o sujeito como construção singular do social, numa articulação entre heterogeneidade e multiplicidade de sistemas de hábitos incorporados, ligados aos diferentes domínios de práticas existentes e de universos sociais, que atravessa ao longo do tempo.

Desse modo, o jovem não está condicionado apenas a instâncias socializadoras gerais. Pelo contrário, vivencia a todo instante um conjunto múltiplo e heterogêneo de elementos variados que podem ou não estar relacionado com sua origem social, ou melhor, com sua família. Nessa ótica, o jovem é socializado numa pluralidade de mundos com princípios, por vezes, mas nem sempre, heterogêneos e contraditórios.

Marcelo Urresti (2011), por exemplo, ao trabalhar os adolescentes, jovens e a socialização nos faz pensar na complexidade de relações que os adolescentes e jovens praticam no cotidiano do mundo moderno. O autor aponta, principalmente, como os meios de comunicação em massa e os grupos de pares são figuras importantes no processo de socialização. Pelos grupos de pares, ou por meio da inserção em novos campos sociais, diferentes daqueles em que os jovens constituem sua socialização primária, podem ser construídas novas mobilizações em torno dos projetos de futuro, em torno da escola, da formação profissional, entre outros elementos. Esse campo social

que está imbricado com as relações de sociabilidade construídas ao longo da vida se configura como elemento importante na construção das trajetórias dos jovens, principalmente das trajetórias escolares.

Os grupos de pares também exercem uma função diferente da escola e da família, promovendo um desequilíbrio entre essas duas instâncias socializadoras. A sociedade de pares, como aponta Pasquier (2005) está dentro da estrutura de interações das culturas juvenis. Esse grupo está fora do alcance da autoridade e vigilância da família e da escola, além de ser autônomo em relação aos gostos e organizações do mundo adulto. Pelos grupos se definem espaços, territórios, tempos, rotinas e práticas em que os adolescentes e jovens constroem um mundo compartilhado de experiências, longe da família, da escola e, ainda, totalmente diferente do modo de ser criança (URRESTI, 2011). Seria uma espécie de marco de transição. De saída do mundo pueril para um período novo, marcado principalmente por mudanças corporais, pela descoberta do sexo, por novos gostos, novas práticas, novos amigos.

Nos grupos de pares percebemos uma espécie de ampliação de redes de socialização através de amigos e amigas que se reúnem para passar o tempo, escutar e dividir gostos musicais, compartilhar conversas, fazer esportes, planejar saídas e conhecer novos lugares. Acontecem as primeiras conversas sobre sexo, sobre amores, sobre os mais variados problemas, estudos, projetos de futuro e outros. Nesses grupos são criados mecanismos singulares evidenciados pelo modo de se vestir, de conversar, de se comportar, criando um universo próprio, marcado pela tomada de consciência do lugar social que ocupa e pela identificação com outros que não são exclusivamente de sua origem familiar. É aí que se constroem autonomias pessoais mais amplas (URRESTI, 2011, p. 48). E, através dessas redes, constroem-se novas vivências, capazes inclusive de produzir diferentes trajetórias escolares (LACERDA, 2006), bem como diferentes projetos de futuro.

Pelos grupos de pares, os jovens, tentam constituir sua identidade e sua vinculação a vida social, se distanciando da família na tentativa de criar uma autonomia que se dá por meio das relações com os vizinhos, com os amigos da escola, com os colegas da igreja, companheiros de esportes, das bandas de músicas e tantos outros que fazem parte dos seus cotidianos. Ainda nesse sentido, convém destacar que, nos dias atuais, esses contatos podem acontecer de modo virtual, unindo pessoas que nunca se viram pessoalmente.

Esses grupos se inserem na vida dos jovens, ora dando suporte à sua formação social, ora funcionando como uma forma de transgressão aos anseios e práticas familiares, como uma conexão com o mundo externo à família. Os grupos de pares figuram entre as várias instâncias, ou melhor, entre os vários elementos que formam o sujeito, sobretudo o jovem, indicando um deslocamento das instâncias socializadoras tradicionais para novos padrões, marcados por relações distintas, heterogêneas e diversas. Podemos dizer que a formação do grupo de pares também tem uma clivagem social, uma causalidade do provável. Mesmo acreditando em outras influências, é impossível menosprezar o peso da classe social na construção dos grupos de pares e dos laços sociais.

No entanto, Dayrell (2002) também nos alerta que não podemos reduzir a compreensão dos jovens ao grupo de pares em que eles estão inseridos, muito menos a posição que esse grupo ocupa na sociedade. O grupo, seu estilo de vida e o consumo dos meios de comunicação de massa são parâmetros de avaliação e organização das relações interativas com a realidade. Podemos considerar que há, na contemporaneidade, uma nova forma de socialização (ou pelo menos de compreendê-la) que parte do pressuposto que a sociedade de consumo e a produção cultural formam novos espaços, novos tempos e novas formas, principalmente para os jovens.

Concordamos com Dayrell (2002) e também constatamos que os jovens têm acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto de redes diversas, com seus nós e bifurcações, seus significados e diferentes articulações, que combinados dão sentido a sua ação no cotidiano. Seria impossível pensar as juventudes na contemporaneidade sem levar em conta a fluidez, a rapidez das informações, das interações, dos movimentos. Sem contar a constante contração do tempo e do espaço que caracterizam a globalização e que influenciam o jogo social. Por isso é fundamental compreender que “a forma como o sujeito jovem se constrói e é construído socialmente, como se representa como sujeito, é fruto de múltiplos processos” (DAYRELL, 2002, p. 121).

A partir do que foi trazido pelos autores aqui discutidos, consideramos que a socialização dos jovens perpassa várias instâncias socializadoras, sendo marcada também pelo processo de globalização, numa formação híbrida que se dá, sobretudo pelas inúmeras relações com a mídia e a tecnologia, mas também com o grupo de pares. No entanto, podemos destacar o papel da instituição familiar, sobretudo ao pensar a relação desses jovens com a escola. É nesse sentido que na próxima seção refletimos

sobre as estratégias de escolarização familiar, pontuando de forma mais específica a relação família-escola na vida desses jovens, bem como as práticas educativas familiares das camadas populares.

1.3 Estratégias familiares de escolarização

Como vimos na seção anterior, são várias as lógicas socializadoras que influenciam a socialização dos jovens. No entanto, é possível indicar que é na relação família e escola que esse processo deságua, reafirmando a importância de se pensar nessa interface ao refletir sobre os processos de socialização, mesmo na atualidade. Tal processo acontece de modo diferente no interior das famílias, seguindo lógicas distintas de uma família para a outra, seja caracterizada por grupos econômicos ou classes sociais diferentes, seja por outras formas de distinção dentro de um mesmo grupo social.

Ao pensar na escolarização pela interface família-escola, a Sociologia, principalmente a partir do final do século XX, começa a dar ênfase aos processos de socialização, e não apenas no resultado ou produto final que o *background* familiar gera nos filhos. Uma grande mudança proposta pela sociologia nesse período é a análise em microescala. Como já mencionado, os estudos sociológicos começam a compreender as estratégias familiares para educação dos filhos e as trajetórias escolares dos indivíduos, pensando não apenas no produto final das relações sociais, mas nos caminhos que possibilitam o sucesso escolar em meios sociais desfavorecidos.

De certo modo, a relação família-escola se transforma com as significativas mudanças demográficas no século XX que empregaram uma nova dinamicidade as lógicas familiares. O processo de educação dos filhos transita na mudança do sentido familiar de unidade de produção para unidade de consumo, característica da transição para uma sociedade urbano-industrial. Nessa nova dimensão social o sistema escolar passa a ser compreendido pela imbricação entre escola e família, com novas formas de participação familiar (LAREAU, 2007).

Nas relações familiares de diferentes classes sociais existe uma diversidade de modos de educar os filhos. Lareau (2007) destaca dois modos: o cultivo orquestrado e o crescimento natural. O primeiro se refere a uma forma de criação organizada e racionalizada presente em classes médias (brancas e negras), já o segundo seria uma forma com menos racionalização, num modo menos restrito e organizado, presente em famílias trabalhadoras e pobres (brancas e negras). O interessante ao perceber o estudo

da autora, é verificar que as lógicas de criação dos filhos sofrem mudanças significativas ao se observar as diferentes classes sociais e que, na pesquisa desenvolvida por ela, a raça/cor não implicou em diferenças significativas nos estilos educativos familiares.

A autora também observou que enquanto a classe média usa mais a linguagem, o desenvolvimento da racionalidade e o diálogo como disciplina; os mais pobres são mais diretivos, com ênfase na disciplina física. As diferenças de classe social existem também no comportamento dos pais e dos filhos (p.18), criando um sentimento emergente de direito entre a classe média e um sentimento de restrição nas camadas populares. Tal sentimento pode ser observado na relação com agentes de instituições dominantes como médicos, professores e outros. Uma vez que a classe média é mais autônoma, consegue estabelecer um diálogo com esses agentes; já os mais pobres, com condições mais restritas, não conseguem estabelecer uma relação de diálogo, por possuírem menos recursos linguísticos, conhecimento escolar e científico. Às vezes se sentem como se estivessem envergonhados ou algo do tipo, sendo, de certa forma, passivos.

Ainda sobre os estudos de Lareau (2007, p. 28) é interessante observar três dimensões-chave propostas pela autora para analisar as diferenças entre as famílias: a organização da vida diária; o uso da linguagem, e os laços sociais.

De modo geral, temos que as famílias de classe média organizam mais a vida diária, estabelecendo atividades estruturadas aos seus filhos no intuito de desenvolver habilidades para o futuro. Enquanto isso, nas famílias pobres, percebemos que as atividades das crianças são livres, sem muita organização e sistematização. Da mesma forma, podemos conceber o uso da linguagem. Enquanto a classe média utiliza mais a racionalização e a negociação, estimulando os filhos a argumentarem, permitindo sua participação em algumas situações familiares, e opinando sobre a casa, a família, as atividades; nas famílias pobres o diálogo é mais restrito. Ao analisar o uso da linguagem podemos novamente pensar no sentimento emergente de direito, que cria uma autonomia, e no sentimento de restrição, que cria a passividade. Sobre os laços sociais, a autora observa que as famílias de classe média têm relações mais fracas com parentes e vizinhos, enquanto as famílias mais pobres apresentam laços mais fortes de parentesco e reciprocidade. Tais dimensões dominam o ritmo da vida familiar nas diferentes classes sociais.

Entretanto, Lareau (2007) também destaca que a classe social não é completamente determinante no caráter da vida das crianças, que os recursos econômicos dos pais ajudam a definir as diferenças de classe nas práticas de criação dos filhos, que os níveis educacionais superiores dos pais de classe média propiciam a eles maior vocabulário, facilitando o que a autora chamou de “cultivo orquestrado” e que a classe média vê a infância como momento de brincar e também de desenvolver as habilidades para o futuro. Tais situações podem ser evidenciadas no excerto abaixo:

As estratégias de criação são influenciadas por mais do que a educação dos pais, estando inter-relacionadas com suas experiências de vida e seus recursos, incluindo fontes econômicas, condições ocupacionais e passado educacional. Isso parece ser o mais importante ao guiar os pais de classe média a um cultivo orquestrado e os pais trabalhadores e pobres a um crescimento natural. Mesmo assim, a localização estrutural da família não determinava por completo as práticas de criação dos filhos. A interferência dos atores e a indeterminância da vida social são inevitáveis (LAREAU, 2007, p. 70)

Conforme já pontuado anteriormente, não podemos negar que existem várias situações nas lógicas socializadoras, que vão, inclusive, além dos aparatos econômicos e materiais. É impossível acreditar, sobretudo na atualidade, num determinismo socioeconômico, de classe social ou grupo. É preciso entender, como já apresentado neste trabalho, que a socialização é (multi)heterogênea, complexa e acontece por uma combinação de estruturas socializantes, numa relação entre os indivíduos e os fenômenos sociais: econômico, político, moral, estético e outros (SETTON, 2015).

Convém também pensar a socialização tendo em vista as diferenças das lógicas socializadoras das famílias e da escola. Daniel Thin (2006) nos ajuda a refletir sobre as relações entre famílias de camadas populares e escola, estabelecendo uma reflexão sobre o processo de confrontação entre as lógicas socializadoras. Nessa relação podemos observar que a escola carrega a lógica socializadora dominante e legítima, enquanto as camadas populares as lógicas socializantes dominadas e ilegítimas. Tal constatação se faz observando, principalmente, três aspectos: i) a relação com o tempo; ii) os modos de comunicação e iii) o modo de autoridade. Esses três aspectos indicam movimentos diferentes das relações de socialização presentes na escola e nas famílias populares. A escola possui um tempo mais organizado, definido e delimitado. Há horários para todas as atividades e momentos definidos para o desenvolvimento de cada uma delas. A comunicação se dá pelo uso de uma linguagem formal, baseada nas regras gramaticais e na valorização do diálogo; e a autoridade se dá pelos valores morais sem

castigos físicos. Relação parecida observamos na reflexão de Lareau (2007) quando discute a diferença entre as famílias de classe média e as trabalhadoras, como já demonstrado.

Entretanto, Thin (2006) vai além das diferenças entre as classes. O autor propõe compreender a apropriação das lógicas socializadoras pelas famílias populares. Tal apropriação, segundo ele, acontece pela confrontação entre as lógicas socializadoras escolar e das famílias de camadas populares:

As lógicas escolares são confrontadas com lógicas diferentes, que às vezes resistem a elas através de apropriações heterodoxas, ao mesmo tempo em que as lógicas das famílias populares são trabalhadas, consideradas e modificadas pela confrontação com as lógicas escolares (THIN, 2006, p. 224).

Podemos entender a partir das colocações do autor, que as famílias populares fazem um esforço de apropriação das práticas escolares que elas não podem contornar. Ou seja, a escola faz exigências à essas famílias, que por sua vez se apropriam dessas exigências e as traduzem em práticas socializadoras:

A apropriação possibilita evidenciar as práticas que são aceitação do jogo escolar, submissão às determinações da escola e alteração das lógicas escolares por sua conversão à ordem das lógicas populares (THIN, 2006, p. 223)

Dessa forma, há uma distância entre as lógicas socializadoras da escola e das famílias de camadas populares. Tal distanciamento é indicado pelas relações diferentes com o tempo, com a autoridade e com a linguagem. Por meio da confrontação tais famílias apropriam-se de práticas educativas escolares dentro do jogo social, traduzindo ou ressignificando suas ações.

Thin (2010), em outro estudo, analisa os problemas teóricos da relação famílias de camadas populares e escola. Debruça-se em discutir o problema da autonomia ou da heteronomia das classes populares em suas relações com o mundo dominante. Em outras palavras, busca compreender a dicotomia entre uma perspectiva de estudo legitimista, que considera as famílias com menos recursos heteronômicas em relação a classe dominante, estando sempre sujeitas a ela, sem nenhum tipo de autonomia, e a perspectiva relativista que considera uma autonomia da classe popular ante a cultura dominante, tendo a capacidade de governar-se pelos próprios meios.

Decerto, podemos extrair dos estudos de Thin (2006; 2010) que o modelo escolar se impõe como modelo educativo para as famílias de classe popular e que as famílias ora se distanciam da escola, devido à sua formação cultural, sua condição econômica, suas formas de organização do cotidiano, uso da linguagem e outros; ora a escola tem importância incontornável na vida dessas famílias. Tudo isso acontece por meio da crença na legitimidade e da dominação simbólica das práticas escolares dos educadores que executam tais práticas.

Segundo Thin (2010), existem lógicas socializadoras próprias das famílias populares, relacionadas às suas formas de existência, bem como as disposições socialmente produzidas pelos membros das classes populares. Assim, é interessante observar como os membros das famílias das camadas populares entram no jogo escolar, adaptam-se às situações impostas pela escola realizando suas próprias lógicas. Por outro lado, é importante evidenciar que algumas famílias conseguem entrar no jogo escolar, outras não. Em alguns momentos prevalecem as lógicas escolares, noutros, as familiares. Daí a tensão entre as duas lógicas que, muitas das vezes, explica os casos de indisciplina, violência, apatia, evasão e outros.

Tal adaptação só acontece se analisarmos a tensões e /confronto entre lógicas socializadoras diferentes: de um lado a escola, como instituição representante da cultura dominante e, de outro, as famílias populares e as inúmeras estratégias que elas criam para participarem do jogo.

O confronto revela as dissonâncias e contradições entre as lógicas socializadoras; escapa de uma análise unilateral que se centra na figura do dominante; leva em conta a relação desigual entre escola e famílias populares; supõe o encontro e a interdependência; promove a coação; permite pensar nos efeitos das relações nos protagonistas do jogo social (escola, família, professores, alunos...); admite a análise das práticas familiares das camadas populares no seu encontro com as lógicas das escolas; não se reduz a uma alteridade radical, tampouco a uma conformidade submissa e é um misto de conformidade e não conformidade (THIN, 2010).

A partir do confronto, Thin (2010) reconhece que as relações das famílias populares com a escola são ambivalentes, no sentido de uma existência simultânea (e de mesma intensidade) do sentimento de incontornabilidade da escola - e da escolarização - e da distância das famílias e suas lógicas socializadoras em relação a ela. Tal ambivalência está presente em cada uma das práticas das famílias populares e tem como resultado a apropriação, ou seja, “[...] as práticas das famílias populares na sua relação

com a escola são consideradas **práticas de apropriação** dela, a partir das lógicas socializadoras populares e das lógicas escolares que a elas se impõem.” (THIN, 2010, p. 71) [*Grifo meu*].

Convém aqui tomar os estudos de Thin (2011) na tentativa de diferenciar as práticas educativas familiares e a socialização familiar. Enquanto a primeira se refere às ações intencionais utilizadas para educar; a segunda se refere à interação cotidiana da família, suas condições de existência e relações intrafamiliares. No entanto, a socialização e as práticas educativas acontecem concomitantemente no cotidiano familiar. No que se refere às famílias de camadas populares, a prática educativa, na maioria das vezes, acontece de forma difusa, indireta, sem o objetivo claro e diretivo de educar os filhos aos moldes da escola, ou melhor, sem a intenção pedagógica de educar como a escola educa (VIANA, 2005). São práticas que estão imbricadas ao modo de ser/ viver da família, à sua forma de socialização.

Como já mencionado, tomamos aqui a família com suas transformações contemporâneas (SINGLY, 2007): arranjos monoparentais, família autônoma e individualista em relação aos familiares próximos, diminuição do número de filhos, dedicação de mais tempo e dinheiro para a criação dos filhos e maior participação da mulher no mercado de trabalho. Todas essas transformações caracterizam um contexto social e histórico em que a escola e o diploma escolar têm grande valor de mercado, sendo, ainda mais, objeto de desejo e de interesse tanto das famílias abastadas quanto das populares. Nogueira (2006), por exemplo, relaciona a diminuição do número de filhos como uma possibilidade de aumentar os investimentos na escolarização, pois a educação é uma forma de ascender socialmente (SINGLY, 2007).

As famílias populares investem na educação escolar de seus filhos, mesmo com poucos recursos econômicos e fraco capital cultural. Lahire (2004), ao trazer a ideia do “mito da omissão parental” nos deixa claro que existe uma crença no fato de que as famílias mais pobres não participam da vida escolar de seus filhos. Em sua obra o autor nos apresenta formas diferentes de investimento familiar das camadas populares na educação dos filhos, refutando a ideia da omissão parental.

Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo o instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos (LAHIRE, 2004, p. 26).

Não se pode negar que existem famílias omissas, porém, não se pode relacionar cientificamente a omissão à classe social. É sabido que as estratégias ou investimentos familiares na educação dos filhos têm como objetivo o seu sucesso escolar, (NOGUEIRA, 2006). São ações com o objetivo de promover o bom desempenho escolar e se relacionam ao nível educacional dos membros, às profissões que exercem, às diversas experiências, principalmente às escolares, às condições materiais e econômicas para investimento e ao rendimento escolar dos filhos (DIOGO, 2006).

Na mesma direção dos autores aqui trazidos, ao propor um levantamento bibliográfico sobre os fatores que explicam a longevidade escolar nas camadas populares brasileiras, Oliveira e Nogueira (2019) apresentam algumas variáveis que impactam a longevidade escolar. Nesse estudo, as autoras destacam as práticas familiares de escolarização; a mobilização individual; o capital social; as características socioeconômicas singulares; a influência escolar e do professor; as constituições de disposições e os acontecimentos de circunstâncias favoráveis. As autoras apresentam uma síntese sobre as principais pesquisas que se debruçam em estudar a longevidade escolar a partir dessas variáveis. Uma das variáveis levantadas pelas autoras e que muito nos interessa nessa pesquisa são as práticas educativas familiares.

Podemos elencar, a partir do estudo de Oliveira e Nogueira (2019), uma série de práticas educativas das famílias populares, como a presença da ordem moral doméstica; o fechamento familiar; o suporte de irmãos mais velhos; a valorização da escola como meio de mobilidade social; a presença materna como suporte afetivo e estimulador da permanência escolar; a estabilidade do ambiente familiar; a vigilância sobre os filhos; o esforço dos pais no sentido de amenizarem as dificuldades econômicas; a atenção dos pais com o trabalho escolar do filho; a expectativa de superação da escolaridade pregressa dos pais; o reconhecimento positivo da relação escolar e o reconhecimento do valor escolar dos filhos; o genitor com maior grau de escolaridade como o mais influente na construção do projeto escolar prolongado; a regularidade das práticas domésticas; as estratégias educógenas⁵; as estratégias de investimento diversificado; o impedimento da valorização do ócio.

⁵ Segundo Nogueira (2013) o termo “educógenas” se refere a famílias que se caracterizam por oferecer certo tipo de ambiente familiar favorável à educação, ou seja, famílias que por suas atitudes, hábitos e estilo de vida, seriam mais capazes de incitar os filhos ao êxito escolar. O termo foi usado pela primeira vez no trabalho de Jean Floud, em 1961.

Juntamos a essas práticas o acompanhamento do desempenho escolar dos filhos; os investimentos em atividades extraclasses; o auxílio na preparação para as avaliações; a presença dos pais na escola; o apoio para os deveres e a escolha do estabelecimento escolar, conforme pontua Lahire (2004).

Reiteramos, entretanto, que as práticas aqui expostas servem apenas de suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que nos ajudam a compreender teoricamente as práticas educativas familiares, bem como a relação entre famílias de camadas populares e escola. Nada impede que outras práticas sejam pontuadas ao longo da análise dos dados não só dessa pesquisa, mas de outras que se debruçam também a refletir sobre tais práticas.

Destacamos em nossa pesquisa a prática familiar de escolha dos estabelecimentos escolares. Assim, no próximo tópico, debruçamo-nos a pensar sobre as inúmeras relações existentes no ato de escolha do estabelecimento de ensino pelos jovens e suas famílias.

1.4 Os jovens e a escolha do estabelecimento de ensino

Na atualidade, escolher o estabelecimento de ensino passa a ser algo fundamental dentro da lógica moderna e liberal em que se encontra a educação. Estudos como o de Resende, Nogueira e Nogueira (2011) demonstram, por exemplo, a relação entre a escolha do estabelecimento escolar e os diferentes perfis familiares, destacando que esse processo de escolha acaba se firmando, também, como mais uma faceta das desigualdades escolares.

A ideologia neoliberal considera a escola como um mercado, que produz um bem a ser consumido. Nesse processo, os pais buscam as melhores escolas para os filhos e as escolas buscam os melhores alunos. Os pais interessados na longevidade escolar e no sucesso dos filhos almejado pelo maior grau de instrução escolar. Já escolas, interessadas nos melhores alunos que farão aumentar seus números nos coeficientes educacionais das diferentes avaliações internas e externas.

Van Zantem (2005), ao estudar os efeitos de concorrência sobre as atividades dos estabelecimentos escolares nos demonstra o funcionamento do quase mercado escolar em seis regiões da Europa, concluindo que além da busca por melhores alunos, também temos uma busca pelas melhores estruturas educacionais, os melhores professores, melhores metodologias de ensino e tantos outros fatores que aumentam o

prestígio escolar e conseqüentemente seu lugar nos rankings educacionais e na hierarquia do mercado escolar.

O quase mercado escolar pode ser entendido como um espaço de disputa pelas melhores escolas públicas. Esse mercado, comum entre as escolas particulares, que usam de várias estratégias para selecionar os alunos, sobretudo a questão econômica, aos poucos se insere na lógica das escolas públicas, assumindo outra roupagem. Como essas escolas não podem selecionar os alunos usando a prerrogativa financeira, elas utilizam de outras formas, criando acirradas disputas pelo acesso a uma matrícula naquelas que gozam de melhor prestígio e, portanto, o que chamamos “quase-mercado escolar”, pois os recursos financeiros não entram diretamente nas transações que envolvem a matrícula. Nesse processo acontecem a seleção oculta de alunos, as distorções no conceito de qualidade e critérios pouco transparentes de admissão de escolas que, enquanto públicas, são para todos (COSTA, 2011).

No caso brasileiro, mesmo não tendo no país a implementação de políticas de livre escolha⁶ do estabelecimento de ensino, podemos notar processos velados de escolha (COSTA e KOSLINSKI, 2009). Cabe ressaltar, que lidamos nessa pesquisa com escolas públicas. No que se refere à rede privada, há no país uma demanda de mercado pouco regulado pelo estado e muito influenciada pelo poder aquisitivo das famílias (RESENDE, NOGUEIRA E NOGUEIRA 2011). Nesse mesmo sentido, podemos notar nas escolas brasileiras uma busca das escolas por melhores posições no mercado escolar, conforme demonstra estudos como os de Costa e Koslinsky (2009, 2011) e Souza (2010).

Resende, Nogueira e Nogueira (2011) fazem referência ainda que o ato de escolha do estabelecimento de ensino acontece por duas características: primeiro, um Estado que dá mais autonomia aos pais para a escolha e segundo, os próprios pais que buscam maior participação na vida escolar dos filhos, principalmente pensando a educação como forma de construção de um futuro melhor ou de uma mobilidade social e econômica. Entretanto, não podemos reduzir a escolha a um ato racional de custo e benefício, pois existem diferentes variáveis que condicionam esse processo, tais como o meio social em que vivem as famílias.

⁶ No Brasil os estados e municípios promovem o zoneamento escolar em que os alunos e suas famílias são matriculados em áreas ou regiões mais próximas de suas residências, seguindo orientações das Secretarias Municipais e Estaduais de Educação.

Inspirados em Resende, Nogueira e Nogueira (2011) podemos destacar algumas variáveis dentro do jogo de escolha dos estabelecimentos escolares dos grupos sociais:

- i. *Possibilidade da escolha*: Existem grupos que conseguem inserção em escolas particulares de alto prestígio, outros em escolas particulares de médio e baixo prestígio. Entre os mais pobres, há a necessidade de pensar de forma mais prática nas condições materiais como transporte, alimentação, traslado de casa/escola e outros. Ou seja, existe uma infinidade de elementos (materiais e simbólicos) utilizados pelos diferentes grupos sociais que condicionam o processo de escolha dos estabelecimentos de ensino.
- ii. *Propensão diferenciada em fazer escolhas*: a importância que os pais dão a escola, bem como o peso que a escola tem no futuro dos filhos geram o processo de escolha, sobretudo nas camadas médias.
- iii. *Crítérios de escolha*: As famílias de camadas médias se preocupam mais com os critérios internos ao processo educativo, relacionados à qualidade do ensino, uma vez que os pais, além de maior poder aquisitivo, também possuem maior escolarização. Em contrapartida, nas camadas populares os pais, com baixa escolarização e nível socioeconômico têm sua preocupação mais voltada para os critérios práticos e funcionais, como a distância da escola em relação à casa.
- iv. *Informações sobre as escolas*: Determinados grupos de pais possuem informações mais detalhadas sobre o trabalho e organização pedagógica das escolas, o que, de modo geral, influenciam no processo de escolha. As famílias de camadas populares, por sua vez, possuem fraco capital social e têm acesso a poucas informações sobre a qualidade do ensino oferecido pelas escolas.

Essas quatro variáveis indicam as múltiplas desigualdades nas condições de escolha da escola para os filhos e influenciam fortemente nas trajetórias escolares, conforme já demonstrado. Contudo, não são apenas as famílias que escolhem as escolas de acordo com seu leque de possibilidades. As escolas fazem o mesmo.

Fazendo um estudo na cidade do Rio de Janeiro, Costa e Koslinsky (2009) partem da existência significativa de diferentes prestígios entre as escolas públicas da cidade. Tomando a ideia de um “quase mercado oculto” ou “quase mercado educacional” nas escolas públicas, os autores apresentam diferentes estratégias de mercado dentro do processo de escolha. Assim, de um lado temos as estratégias das

escolas, com a busca de alunos que se encaixam no perfil ou sistema da escola, com boas notas, bom desempenho em exames internos e externos e certo grau de comprometimento, disciplina e organização. De outro lado, temos os pais, mais informados, com maior ambição escolar, recursos econômicos e culturais mais elevados e inseridos numa rede de sociabilidade privilegiada, e que possuem condições mais favoráveis para escolher e ingressar os filhos em escolas de maior prestígio.

Nesse sentido e reafirmando as variáveis dispostas no jogo citadas anteriormente, Costa e Koslinsky (2012), em outro trabalho sobre a temática da escolha do estabelecimento escolar, destacam dois tipos de escolhas parentais. Segundo os autores, a escolha pode acontecer (i) por conveniência prática, ou seja, a proximidade com a casa da família, com o trabalho dos pais, em locais menos dispendiosos, são critérios levados em conta pelos pais na escolha do estabelecimento de ensino dos filhos ou pela (ii) função educativa da escola, levando em conta os atributos internos da escola, como o projeto político pedagógico, as metodologias, o desempenho nas avaliações internas e externas, a “fama” prestigiosa da escola e outros. Podemos acrescentar ainda que algumas famílias, com maiores recursos econômicos e culturais mesclam esses dois tipos de escolhas, organizando a escolha por conveniência prática concomitantemente a função educativa.

Corroborando com essa ideia, podemos citar também o trabalho de Alves (2008). Segundo a autora, quando os pais não podem pagar por uma escola de alto prestígio, eles utilizam alguns recursos como: escolha de escolas particulares de baixo custo econômico e também menor reputação; submissão a exames de seleção de escolas federais e busca de vagas em algumas escolas públicas de melhor qualidade, geralmente distantes do lugar de moradia das famílias.

Dessa forma, podemos notar que no processo de escolha do estabelecimento de ensino das camadas populares se mesclam fatores internos e externos ao sistema escolar que condicionam a escolha e conseqüentemente a organização da trajetória escolar de seus filhos. Estratégias são levadas em conta, de diferentes modos e em diferentes situações, na busca pelo sucesso escolar dos filhos, bem como na tentativa de conseguir vaga num estabelecimento de maior prestígio que caiba no “orçamento” familiar, em condições materiais e imateriais de subsistência dentro de determinado sistema de ensino, ou seja,

as escolhas familiares são feitas a partir de oportunidades e limites colocados pela estrutura social, o que envolve a posição social da ocupação dos pais, a estrutura familiar, os capitais econômicos e culturais dos membros da família, suas redes sociais, bem como outros aspectos que caracterizam a posição social e as disposições culturais da família (ALVES, 2010, p. 448).

Partimos do pressuposto de que a escolha do estabelecimento de ensino é uma dimensão da desigualdade escolar e que cada grupo social realiza escolhas dentro de seu universo de possibilidades (RESENDE, NOGUEIRA e NOGUEIRA 2011). Também com base na literatura sobre o tema consideramos que mesmo nos grupos menos favorecidos da sociedade, acontecem processos importantes, complexos e ativos de escolha de estabelecimento escolar seguindo diversas e diferentes variáveis.

Além disso, existem, no sistema educacional, dois conjuntos de fatores: os fatores de oferta e os de demanda. Tal conjunto de fatores regulam as diferenças de desempenho educacional. Os fatores de oferta são as oportunidades educacionais disponíveis, enquanto os de demanda se referem às decisões familiares, derivadas de suas condições socioeconômicas e estruturais (ALVES, 2010). Assim, elementos internos do núcleo familiar como a escolaridade de seus membros, a condição socioeconômica de existência e as características culturais se mesclam com fatores externos, tais como o prestígio das escolas próximas das famílias, a formação de seus professores, o lugar das escolas nos *rankings* educacionais, os projetos pedagógicos e a própria “fama” prestigiosa que a escola tem em determinada comunidade.

A partir da pesquisa desenvolvida por Resende, Nogueira e Nogueira (2011) podemos concluir que existem dois agrupamentos escolares utilizados durante o processo de escolha: o primeiro, de modo geral, mais seletivo e com maior prestígio onde se encontram as escolas da rede privada, sobretudo as de alto prestígio, e as escolas da rede federal. O segundo compreende as escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino. Na pesquisa desenvolvida por esses autores, observamos que a escola da rede federal se destaca frente às outras escolas públicas. Os autores apresentam alguns critérios utilizados para a escolha parental das escolas. Como na pesquisa houve uma divisão entre escolas levando em conta o desempenho na “Prova Brasil” (RESENDE, NOGUEIRA e NOGUEIRA 2011, p. 966), os critérios de escolha são apresentados seguindo dois grupos: nas escolas de melhor desempenho, os métodos de ensino e a qualidade da escola, bem como a recomendação das redes sociais foram os critérios mais utilizados. Já nas escolas comuns, podemos perceber critérios mais

funcionais relacionados aos horários das aulas, à distância ou localização da escola em relação ao local de moradia da família, os gastos com transportes e outros.

Em todos os estudos trazidos nesta pesquisa, tanto nas camadas abastadas, quanto nas camadas populares, as estratégias, mesmo que diferentes, têm como objetivo final o sucesso dos filhos. Tal sucesso pode ser entendido a partir de um projeto, ou seja, da organização de formas para alcançar um objetivo final. Assim, escolher determinado estabelecimento de ensino faz parte de um projeto familiar para a educação dos filhos e, conseqüentemente, para organização do futuro dos mesmos. Cabe ressaltar, no entanto, que as famílias podem construir esse projeto de modo consciente ou inconsciente, pois não há apenas racionalidade na construção dos projetos de futuro, sobretudo nas camadas populares. Algumas famílias podem nem construir projetos, mas, sempre se mobilizam em busca de um futuro de sucesso para sua prole, como demonstrado por Lacerda (2006):

elas têm expectativas em relação à escola e ao processo de escolarização dos filhos e se mobilizam, ainda que não elaborem projetos, realizando investimentos na busca de favorecer a escolarização dos filhos, de acordo com os recursos que dispõem e em referência ao futuro que acreditam ser possível para seus filhos (LACERDA, 2006, p. 173).

Resende, Nogueira e Viana (2015) também apresentam várias dimensões da questão da escolha, que podem ser condensadas, por um lado, nas condições objetivas das famílias dos alunos e, por outro, no efeito da mobilização familiar em relação à escola. As autoras apresentam uma relação entre a escolha da escola e os processos de construção social do desempenho escolar. Todo esse processo acontece de modo complexo, com várias nuances entre os grupos familiares, mesmo que analisados numa escala microsociológica, indicando uma relação entre família, aluno e escola, inserida em uma rede de quase-mercado escolar que pode fortalecer os desejos escolares das famílias para o sucesso escolar dos filhos, bem como para seus projetos futuros.

Nesse mesmo sentido, Alves (2010), ao relacionar as escolhas familiares com a questão da estratificação educacional e o desempenho escolar, conclui que, com as ações de escolha do estabelecimento de ensino, as famílias populares tentam superar a estratificação escolar relacionada à hierarquia construída no quase mercado existente na rede pública de ensino. Por outro lado, a procura por escolas diferenciadas, com melhores índices e mais bem qualificadas, cria (ou enfatiza) a estratificação escolar e social, aumentando as desigualdades escolares, familiares, sociais e econômicas.

No que diz respeito à escolha do estabelecimento de ensino podemos ainda tomar aqui sua relação com a questão da desigualdade socioespacial ou do efeito do território na vida escolar. Tomamos nesse sentido, os estudos de Paula e Nogueira (2018) e de Batista e Érnica (2012). Tais estudos demonstram a influência da localização e do espaço social na vida escolar, analisando como as desigualdades socioespaciais impactam o universo escolar.

Paula e Nogueira (2018) buscaram compreender como as desigualdades socioespaciais impactam as desigualdades escolares, analisando como as características sociais e urbanas estruturam as estratégias e as escolhas familiares. O foco da pesquisa desses autores é a região metropolitana de Belo Horizonte. Para tal, analisam um bairro específico da cidade indicando as diferenças microssociais presentes nele. Numa espécie de “geografia das oportunidades”, os autores apontam como as características sociais e territoriais favorecem ou não as preferências escolares.

Batista e Érnica (2012) estudaram o efeito do território sobre as oportunidades educacionais, analisando como a vulnerabilidade social da vizinhança escolar impacta a oferta educacional e o desempenho dos estudantes. Esses autores nos indicam que as características socioterritoriais, presentes de forma simbólica e material no espaço geográfico, estão relacionadas com a segregação social e, conseqüentemente, com a segregação escolar.

O modo como os sujeitos ocupam os espaços está relacionado com as relações de poder simbólicas e materiais que são ali exercidas. Dessa forma, a vulnerabilidade social do território afeta a qualidade da escola, promovendo uma espécie de efeito de vulnerabilidade do território sobre a escola. Fazendo um levantamento dos mecanismos que atuam na relação entre vulnerabilidade territorial e segregação escolar, Batista e Érnica (2012) nos chamam a atenção para a desigual distribuição de equipamentos sociais no território, o que faz com que as escolas desses espaços sejam um *continuum* territorial, ou seja, sendo o principal local da comunidade onde é possível acessar determinados equipamentos e serviços sociais.

Nas escolas inseridas nesses espaços de vulnerabilidade podemos observar a desigual composição do corpo docente, geralmente com ausência e/ou alta rotatividade de professores, especialistas e gestores escolares ao longo do tempo; bem como o evitamento escolar, comum nessas regiões, criando uma espécie de “decantação” ou separação dos bons alunos. Algo que, na maioria das vezes gera segregação.

Em síntese, a partir do que nos traz a literatura, podemos fazer três apontamentos sobre o processo de escolha do estabelecimento escolar. Primeiramente, observamos que a posição que as famílias ocupam no espaço social interfere nos percursos escolares dos filhos, bem como no processo de escolha da escola. Destacamos também que as características sociais do território influenciam as estratégias educativas das famílias, sobretudo na escolha (e não escolha) do estabelecimento de ensino. E por último, que as famílias, utilizando seus recursos econômicos, sociais e culturais, tentam reduzir as barreiras negativas do território vulnerável ao escolherem os estabelecimentos de ensino para os filhos.

1.4.1 A escolha da escola de Ensino Médio

Como mencionado, no Brasil, mesmo não tendo uma política de livre escolha escolar acontece um quase mercado oculto entre as escolas públicas onde, de um lado, os pais que não têm condições ou não optam por escolas particulares procuram as melhores escolas públicas para os filhos a partir de seus desejos, suas condições materiais e simbólicas de existências, entre tantas outras variáveis. De outro lado, as escolas, pela lógica do quase mercado, buscam os bons alunos, promovem modos velados de evitamento escolar, criando sistemas excludentes de acesso. Tal processo tem gerado um aumento da desigualdade e cada vez mais uma hierarquização entre as escolas.

No caso específico do Ensino Médio no Brasil, persiste a divisão entre rede privada e pública que condiciona a realidade escolar brasileira. No entanto, observando apenas a rede pública podemos notar diferenciações entre os regimes administrativos municipais, estaduais e federais (GOMES e NOGUEIRA, 2017). Assim, as escolhas familiares das escolas de Ensino Médio acontecem entre as escolas privadas e públicas, mas também na hierarquia das escolas públicas divididas administrativamente entre os municípios, estados e o governo federal.

É importante ressaltar alguns elementos que respondem pela excelência das escolas e que podem servir de subsídio para melhor compreender as escolhas das escolas de Ensino Médio. Por exemplo, Gomes e Nogueira (2017) ao estudarem os fatores de excelência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp/COLUNI/UFV) evidenciam que o processo rigoroso de seleção, bem como o corpo docente altamente qualificado e especializado, a carga horária de aulas e as

práticas disciplinares e de avaliação são elementos que promovem a excelência do colégio e, conseqüentemente, motivam a busca pelo ingresso.

Ainda nesse sentido, podemos destacar fatores como as taxas de aprovação nos vestibulares, no ENEM e em outros exames externos, a fama prestigiosa de determina escola, as relações que são estabelecidas entre as dinâmicas escolares e a comunidade e, em muitos casos, a construção histórica de sucesso de algumas escolas também podem figurar como elementos que chamam a atenção das famílias e dos jovens.

Lacerda (2006a), em sua tese de doutorado, ao estudar as trajetórias escolares pouco prováveis, evidencia o caso dos iteanos, trazendo para a discussão elementos que tornaram o Instituto Tecnológico da Aeronáutica – ITA – uma instituição de alta qualidade e reconhecimento social. Ressaltamos que o ITA não é escola de Ensino Médio, mas os elementos apresentados podem nos ajudar a compreender as motivações de escolhas escolares. A autora apresenta como elementos que caracterizam a alta qualidade os detalhes das instalações dos prédios, a constituição histórica e tradicional, a seletividade, o estilo educativo, o espírito de corpo e o rendimento social dos títulos escolares. O que, de certo modo, também funciona como atrativos para a escolha da instituição.

Em outro trabalho, agora sobre instituições de Ensino Médio na cidade de Viçosa - MG, Lacerda (2013) apresenta o universo das escolas de Ensino Médio da cidade. São apresentadas pela autora as características da oferta pelo território, bem como a competição e as lógicas de ação dos estabelecimentos e a composição social de seus públicos. É interessante notar as diferenciações entre os estabelecimentos, sobretudo relacionadas à questão territorial, o que promove certa geografia de oportunidades na cidade no que se refere ao ingresso no Ensino Médio. Assim, divididas em escolas públicas e privadas a oferta se mostra desigual pelo território. E a análise nos permite indicar que existem desigualdades dentro do universo de escolas privadas e dentro do universo das escolas públicas. O quase mercado escolar de Ensino Médio evidenciado pela autora é caracterizado pelas escolas da rede estadual e pelo CAP/COLUNI/UFV, que é instituição federal. As escolas privadas evidenciam o mercado escolar, sendo também fundamentais para a caracterização dos processos sociais e de escolarização de determinada localidade.

A pesquisa de Lacerda (2013) evidencia como a hierarquia escolar está associada à localização territorial, bem como às condições materiais e simbólicas das famílias. A autora destaca a forte pressão que o CAP/COLUNI exerce nas famílias e nos

alunos de todos os meios sociais. Pressão essa que atinge de forma desigual os diferentes meios sociais e as diferentes regiões geográficas da cidade. O que se relaciona ao fato de as instituições federais apresentarem, de modo geral, posição de destaque na hierarquia escolar brasileira, mesmo no que se refere ao Ensino Médio, exercendo forte atratividade entre as famílias e os jovens de todas as camadas sociais.

Nesse contexto de escolas públicas e se assemelhando aos colégios de aplicação como o CAP/COLUNI, os Institutos Federais (IFs), também exercem grande atratividade em várias regiões do Brasil. Os IFs possuem estrutura diferenciada de outras escolas públicas e privadas, parecendo-se com as universidades, mas ofertando o Ensino Médio em concomitância com o técnico. Surgiram no Brasil como fruto da tentativa de promover a verticalização do ensino numa mesma instituição, aumentando o leque de possibilidades para a formação de mão de obra qualificada (NUNES e OLIVEIRA, 2017, p. 194). Destacamos ainda que os IFs também ofertam cursos superiores, aumentando ainda mais o leque de possibilidades de continuação e especialização dos estudos.

Anjos (2013), ao estudar a opção pelo Ensino Médio integrado num IFs pontua que a escolha dos alunos entrevistados se dá por duas questões: aqueles que escolheram o Ensino Médio integrado principalmente pela opção do ensino técnico e aqueles que optaram principalmente por conta da qualidade do Ensino Médio (ANJOS, 2013, p. 61). Sem adentrar a discussão sobre a dualidade das escolhas, a autora, ao apresentar os dados da pesquisa, indica que a escolha dos alunos, de modo geral, se dá por conta da qualidade do ensino, considerado mais avançado do que as escolas públicas, do beneficiamento num futuro próximo, da possibilidade de um ensino mais aprofundado e valorizado.

Não podemos, entretanto, simplificar a questão, afirmando que a escolha se dá apenas pela busca pela excelência escolar. É mister ressaltar, como trouxemos nessa seção, que existe uma série de questões complexas e múltiplas que envolvem a escolha dos estabelecimentos escolares e vão muito além da busca consciente e planejada pela excelência.

Nesse sentido, no próximo capítulo refletimos sobre a construção dos projetos de futuro dos jovens. Pensamos nas suas perspectivas ou projeções futuras e suas interfaces com a família, os amigos e a escola, acreditando que essas instituições influenciam na construção dos projetos e nas formas de planejamento de seu futuro.

CAPÍTULO 2

JUVENTUDES, PROJETOS DE FUTURO E ESCOLA

Nesse capítulo apresentamos relações entre as juventudes, os projetos de futuro e a escola a partir de referenciais teóricos nacionais e internacionais. A proposta do capítulo foi, portanto, discutir a construção dos projetos de futuro pelos jovens e suas inúmeras relações.

Trabalhamos ainda a juventude e a escola, pensando, de modo geral, nas relações existentes dentro do jogo social e educativo entre eles. Para isso, estabelecemos conexões entre os jovens, a escola e o Ensino Médio, especificamente no caso de jovens e famílias de camadas populares.

2.1 Os projetos de futuro

O que ser quando crescer? Esse questionamento nos acompanha desde a infância. Somos indagados a todo instante, principalmente pela família e pela escola, a pensar no futuro. Projetamo-nos numa profissão, nos estudos, no casamento, numa possível mudança de cidade, de estilo de vida ou algo do tipo. Tudo isso nos faz pensar na ideia de projeto.

De acordo com Machado (2006) a ideia de projeto está presente na vida do ser humano, como um pretender ser. Como seres humanos não vivemos sem projetos. Mesmo que não tenhamos nossas vidas como um projeto, estamos pensando em algo para o futuro. O projeto carrega em si características que são fundamentais para sua compreensão: incertezas do que será vivido, ou seja, do desconhecido. Não se projeta o que já vivenciou ou o que já se conhece. Existe um imaginário de novidades nos projetos. De curiosidade do desconhecido. De experimentação. Há também um caráter indelegável neles, ou seja, não se pode planejar pelo outro. Trata-se de um ato individual, apesar de ser influenciado pelas coletividades.

Em Gilberto Velho (2003) o projeto aparece como uma conduta organizada para determinado fim. Nessa organização está a memória. Ao organizar os projetos, através da memória o sujeito relaciona o presente e o passado, orientando, a partir daí, a formulação de seu futuro. Tudo isso não acontece de forma linear e simples. Tampouco de forma isolada. Há uma complexidade, uma vez que existe um campo de possibilidades que influencia a construção dos projetos e está diretamente relacionado

às características sociais e históricas de determinado período. Ou seja, o sujeito possui um campo de possibilidades constituído de elementos particulares e coletivos, ambos construídos ao longo da história (tempo) em um determinado lugar (espaço), passando por constantes ressignificações, o que Velho (2003) denomina de metamorfose. Essa capacidade de transformação do campo de possibilidade que influencia na formulação dos projetos é o que torna os projetos dinâmicos, podendo se alterar ao longo da trajetória de vida. Os projetos são construídos em função da experiência sociocultural, de um código de vivências, interações e interpretações.

Assim como Velho (2003), Boutinet (2002) também se refere ao tempo, ressaltando a existência de uma relação intrínseca entre o passado, o presente e o futuro na formulação dos projetos. O passado aparece como experiência; o presente caracterizado como “o que fazer”, onde os projetos são elaborados e transformados; e o futuro caracterizado como busca. Também está intrínseco a esse processo outros dois elementos: o sonhar, projetar-se em busca de algo novo; e os suportes, considerados aqui como elementos influenciadores do processo de formulação dos projetos pelos seres humanos. Estes podem ser a família, os amigos, as condições financeiras (condições concretas de existência), os elementos simbólicos e sociais, a mídia e o contato com as informações, os serviços públicos ou a ausência deles, dentre outros.

Com outro olhar, D’Angelo (2003) nos remete a ideia de projeto de vida como uma das perspectivas de análise integral da construção, da experiência e da prática pessoal-social. Os projetos aparecem como planos de possibilidades autorregulativas, articulando mecanismos psicológicos da realidade subjetiva e prática dos indivíduos, em suas dimensões temporal e social, considerando os contextos histórico e cultural. O autor traz ainda o projeto como uma categoria interpretativa psicológica e pedagógica, como uma intenção emancipatória do desenvolvimento humano.

Os projetos de vida integrariam, assim, as direções e modos de ação fundamentais da pessoa num amplo contexto de sua determinação dentro das relações entre sociedade e indivíduo. Ou seja, o projeto seria o resultado do modo de enfrentamento e experimentação da realidade, da história de vida pessoal no contexto social, temporal e espacial. No entanto, não podemos deixar de dizer que existe na formulação dos projetos de vida ou de futuro, algo inconsciente. Assim como as escolhas, mencionadas no capítulo anterior, os projetos não são totalmente objetivos ou racionais. Tampouco totalmente subjetivos. Estão permeados, de certa forma, por uma propriedade de classe, uma espécie de causalidade do possível.

Ao pensar nos projetos de vida como categoria básica de interpretação da identidade individual e social, Hernández D'Angelo (2000) relaciona-os à formação da identidade, ou ainda, a um processo complexo de formação da personalidade, que leva em conta o contexto sociocultural, a mediação dos adultos (principalmente porque esse processo acontece com os adolescentes e jovens) e as normas e padrões sociais. O que acontece na articulação entre o espaço social e individual. Por isso, o pessoal e o coletivo são elementos importantes na/da formulação dos projetos de vida para o autor.

O que o indivíduo espera ou quer ser toma forma nas possibilidades externas e internas, em sua relação com o mundo e consigo mesmo, dando-o uma razão de ser em determinado contexto social. No projeto de vida articulam-se funções e conteúdos da personalidade: valores (morais, estéticos, sociais...); a programação de metas (planos de ação social, tarefas...); os estilos e mecanismos de ação que implicam formas de autoexpressão ou autodireção pessoal (D'ANGELO, 2000; 2003). É possível dizer, utilizando Lahire (2004), que nos projetos se manifestam as disposições familiares, criadas e reproduzidas por gerações precedentes e incorporadas pelo indivíduo.

Podemos notar que, mesmo seguindo uma linha de análise mais psicológica sobre os projetos de vida do que os autores já abordados, D'Angelo (2003) também nos apresenta referências sobre sua dimensão temporal, sobretudo de projeção para o futuro. Encontramos também uma série de elementos que caracterizam os projetos de vida, o que D'Angelo (2000; 2003) chama de "Situação Social de Desenvolvimento". Essa Situação Social de Desenvolvimento seria a relação entre a posição que se ocupa no sistema das relações sociais acessíveis e a posição interna do sujeito, isto é, as possibilidades e recursos disponíveis para a formulação dos projetos de vida, bem como o sistema de necessidades, objetivos, aspirações, orientações, ações e valores que os constituem. De tal modo, compreendemos que os projetos possuem um contexto social múltiplo e concreto, específico, relacional e dinâmico. Podem aparecer, também, situações de oposição, contradição e conflitos que se refletem em motivações e planos específicos de vida, mostrando seu caráter dinâmico.

O projeto de vida ou de futuro seria então um plano de ação. Um objetivo estruturado, em que o indivíduo se debruça tanto de forma material, quanto de forma simbólica para alcançá-lo. Temos no projeto de vida uma escolha que está relacionada às possibilidades de futuro. Os sujeitos transformam os sonhos, desejos e fantasias em objetivos que serão perseguidos, dando um rumo à sua vida, num sentido de orientação

para o futuro. É passível de mudanças, dependendo da maturidade com que se encara o futuro, da forma como se entende a vida, como se estabelece as relações, como se vive.

Os projetos possuem, portanto, uma estratégia, seja consciente ou inconsciente, e trazem para uma formulação prática tanto as experiências individuais, quanto as experiências coletivas, principalmente daquelas que são estabelecidas no cotidiano, como as relações com a família, com os amigos, com a escola, com o trabalho, entre outros. A dimensão temporal também está presente na distância entre o momento atual e o “futuro”, projetos de longo prazo dependem mais de uma estabilidade financeira, por exemplo... ou das chances objetivas de sucesso...

As formulações para o futuro transitam entre “o que ser” e “o que não ser”, incorporado pelas lógicas socializadoras vivenciadas pelos indivíduos em suas relações sociais diversas. Entender os projetos de vida é interpretar o modo como os sujeitos se posicionam diante da construção do futuro e de suas identidades, como mostra Dayrell (1999).

Na sociedade da informação, o futuro tem sido cada vez mais das incertezas, o que gera, principalmente nos jovens, uma necessidade de viver o presente. Tal fato tem colocado nos projetos uma relação temporal mais curta e a ideia de que o presente pode ser estendido, por isso... “os projetos de vida tendem a ser elaborados na medida da experimentação de si no contexto de um campo de possibilidades, sem metas rígidas, em um processo de exploração marcado pela provisoriedade” (DAYRELL, 2013, p. 69).

Refletindo sobre as juventudes e suas escolhas, Dayrell (2013) discorre sobre as relações entre projeto de vida e a escola. O autor destaca que os projetos de vida devem ser compreendidos no contexto da condição juvenil na qual ele se constrói, por isso, seria a ação do indivíduo em escolher uma possibilidade de futuro, condicionada por suas condições de vida. Nesse processo, os desejos se transformam em objetivos, em busca de um rumo para a vida, numa relação constante entre passado, presente e futuro.

Reconhecemos então que o tempo é um elemento fundamental na organização dos projetos de vida e assume diferentes formas. Observamos que a lógica urbano-industrial cria a ideia de um tempo linear, em que o passado não volta, o presente é e o futuro pode ser. Tal condição acaba por caracterizar a forma de pensar a juventude como um tempo de preparação. Nesse sentido, a juventude passa a ser compreendida como o período privilegiado de pensar e elaborar projetos de vida; e a escola, como a formadora de metas para o futuro, constituindo cidadãos, trabalhadores, pais de família, etc.

Dayrell (2013) apresenta a escola como peça central na formulação dos projetos de vida pelos jovens, principalmente a etapa do Ensino Médio, que apresenta duas dimensões centrais da condição juvenil: a continuação do estudo e a preocupação com o mundo do trabalho. Por isso, é importante pensar no lugar que a escola ocupa na formulação dos projetos, bem como nas formas que ela contribui [ou não] para a elaboração dos mesmos.

Cabe ressaltar ainda que a escola é socialmente considerada como agente promotor da mobilidade social. Não sendo a única forma, mas um dos principais meios de mudança nos padrões socioeconômicos, de formação profissional ou de mudança cultural, principalmente das camadas populares.

Na perspectiva da mobilidade social, Dayrell (2013) enfatiza o “ajudar a família” como sendo um dos principais projetos de vida dos jovens de camadas populares. Muitos jovens veem na escola e nas possibilidades que o estudo pode trazer uma forma de melhorar suas vidas e de suas famílias. Assim, enfatizamos como a experiência familiar está imbricada na relação dos jovens com a escola e a construção dos projetos futuros.

Para compreender os projetos de vida dos jovens e a relação com a escola, é fundamental problematizar as diferentes instâncias institucionais presentes no seu cotidiano e as possíveis interferências na elaboração dos projetos de vida, com atenção especial à experiência familiar (DAYRELL, 2013, p. 71).

Nesse sentido, concordamos com Machado (2006) e Dayrell (2007; 2012; 2013) e reconhecemos que a escola é um dos espaços sociais em que os elementos dos projetos de vida e de futuro podem ser evidenciados, em todos os seus processos, levando em consideração tanto as definições individuais e coletivas, quanto os valores simbólicos presentes nas relações sociais diversas. A escola é entendida aqui como o local do encontro de sujeitos diversos, de construção de identidade e de projetos, de diferentes formas de ver e encarar o mundo. É uma instituição que influencia a vida dos jovens e a criação de seus projetos, juntamente a outras instituições como a família.

A noção de projetos de vida é utilizada nesta pesquisa em uma perspectiva ampla, não se limitando às escolhas profissionais. Consideramos que há uma dimensão profissional na formulação dos projetos de vida dos jovens, no entanto, essa dimensão sozinha não explica os projetos, tampouco possibilita apreender a complexidade do mundo jovem. A questão do trabalho é importante e tem lugar privilegiado na vida dos

jovens, sobretudo os jovens de classe popular. Porém, a vida não se limita a trabalho (ALVES e DAYRELL, 2015).

Nesse sentido, ao pensar os projetos de futuro, assim como Alves e Dayrell (2015), acreditamos na necessidade de ponderar os elementos das condições estruturais e conjunturais que compõem o campo de possibilidades (VELHO, 2003; 2013) e as situações de desenvolvimento social (D'ANGELO, 2000; 2003) ou condições subjetivas que estão postas na dimensão individual.

Nos projetos de vida observamos a reunião de elementos que se expressam pelo campo de possibilidades, pela formação da identidade e pelo desejo e determinação do sujeito. Ou seja, elementos externos e internos que (re)significam os projetos a todo instante. Nesse sentido, é importante conhecer a realidade dos jovens para assumir uma posição mais crítica e reflexiva frente ao campo de possibilidades e as situações de desenvolvimento social.

Tipologias para os projetos de vida dos jovens são trazidas por Alves e Dayrell (2015): os projetos *miméticos* em que os jovens se projetam de acordo com o sucesso de alguém; os *hipomaniacos*, em que existe um excesso de otimismo e euforia na formulação dos projetos, numa mistura de fantasia e realidade que não se preocupa muito com o campo de possibilidades; os *estratégicos*, que sabem o que querem, conhecem o campo de possibilidades e criam planejamentos bem organizados para colocar em prática seus projetos futuros; e o *projeto de recusa*, onde existe a negação de alguns objetivos e/ou experiências próximas que os jovens tendem a recusar ao longo da formulação de seus projetos. Existe ainda os *fora de projetos* (BOUTINET, 2002 apud ALVEZ e DAYRELL, 2015), que concentram toda a energia no presente. Nessa tipologia percebemos uma desilusão com o futuro e uma falta de expectativa e perspectiva com o que está por vir.

Tais tipologias nos ajudaram nessa pesquisa para caracterizar os projetos dos jovens ouvidos, porém não orientaram todas as análises porque estivemos abertos a outras características e tipologias que pudessem surgir ao longo da pesquisa de campo.

Conforme mencionado anteriormente, com base nos autores trazidos neste capítulo, os projetos refletem os valores individuais e dos grupos com os quais vivemos, sendo, portanto algo individual e coletivo, formado por meio de nossa ação num tempo e num espaço carregado por intencionalidades diversas, num jogo social multifacetado, complexo e heterogêneo vivenciado nos mais diversos espaços como na família, na

escola, nas mídias, nos grupos e outros. Não é algo exclusivamente interno, tampouco puramente externo. Depende das relações. Do Eu no Social, do Social no Eu.

Em estudos como o de Costa e Koslinski (2006) podemos verificar essas diferenças. Ao desenvolver uma pesquisa sobre o valor atribuído a educação escolar e aos aspectos que esta pode estar associada, os autores verificam diferenças de classes entre estudantes de escolas do Rio Janeiro no que se refere aos projetos futuros, a visão sobre a escola e outros.

Em síntese, os dados obtidos pelos pesquisadores indicam a existência de expectativas de futuro profissional e escolar bem diferenciados entre os jovens das escolas pesquisadas. Cabe ressaltar que as escolas da pesquisa de Costa e Kolinski (2006) se encontram em diferentes bairros, com níveis socioeconômicos e culturais variados. Assim, entre grupos de estudantes em melhores escolas, turmas e situações socioeconômicas favoráveis os valores da escola e do estudo na formulação dos projetos de vida ou futuro foram quase unânimes, o que se modifica à medida em que se observa os grupos de áreas mais periféricas, uma vez que a escola e os estudos vão ganhando menos importância. Interessante notar ainda que há uma complexa relação entre fatores culturais, a circulação por meios sociais, o aporte familiar, a experiência vivida no processo de escolarização e a origem socioeconômica, o que nos faz crer que refletir sobre os projetos de vida de jovens é uma tarefa difícil e que não pode se pautar apenas na questão material ou econômica.

Há uma forte relação entre os projetos de futuro e a escola. Coutrim, Cunha e Matos (2016) visualizam essa relação em pesquisa com escolas da cidade de Mariana e Belo Horizonte, em Minas Gerais, ao analisarem a participação da família na escolha profissional de jovens egressos do Ensino Médio, evidenciam que a maioria dos jovens pesquisados afirma que o desempenho escolar influencia no futuro profissional, demonstrando assim, que os “projetos para o futuro dependem do sucesso alcançado nos estudos” (COUTRIM, CUNHA e MATOS, 2016, p. 183).

A escola é, então, entendida como a principal referência para a mobilidade social. Local para a construção dos projetos de vida, em conjunto com a família e outras instâncias influenciadoras, ela é compreendida pelas famílias e pelos jovens como uma forma de ascendência. A educação é caminho de mudança de status e renda (COUTRIM, CUNHA e MATOS, 2016, p. 185).

Observamos que os projetos de vida abarcam uma série de situações complexas da vida dos jovens, sendo algo extremamente complexo pensar que um jovem de 16

anos consiga, desde já, planejar sua vida toda. Por isso, nosso intuito nesta dissertação não foi pensar os projetos de tão longo prazo. Embora nosso referencial teórico aborde os projetos de vida, nós trabalhamos com projetos de futuro.

Sendo assim, na próxima seção abordamos as relações entre os jovens, a escola e o Ensino Médio, buscando compreender as influências dos jovens na escola e da escola na vida dos jovens. Refletiremos ainda sobre o período do Ensino Médio como marcador dos projetos de futuro dos jovens, indicando heterogêneas desigualdades desse processo que influenciam ou marcam a construção do futuro.

2.2 Os jovens, a escola e o Ensino Médio

Notamos uma tendência em centralizar os estudos na escola quando se trabalha a juventude e a escola. As pesquisas feitas até 1998 no Brasil, como afirma Dayrel (2012), são exemplos dessa centralização. Nesse período não se apreende o jovem em sua existência, mas a sua relação com a instituição escolar, se debruçando em entender os jovens a partir da sua condição de alunos. O autor nota ainda que entre os anos 1999 e 2006 as concepções e análises da juventude e escola passam a se reformular, e os estudos enfocam as subjetividades dos jovens, ampliando as temáticas de análise para a cultura juvenil e sua relação com a escola.

Não podemos negar o importante lugar que a escola ocupa na vida dos jovens. Ela está presente em seu cotidiano, seja como obrigatoriedade entre as faixas de idade dos 04 aos 17 anos, seja como uma possibilidade de mudança e de construção de futuro, sobretudo para os jovens de camadas populares ou menos favorecidas. É inegável as transformações diretas e indiretas que a escola causa no ser jovem, bem como as transformações que as diferentes juventudes promovem nos processos de socialização, seja dos conteúdos escolares ou das formas de vivência escolar. Como afirma Abromovay, Castro e Waiselfisz (2015, p. 33), a escola se destaca como “ambiente de socialização mais constante e frequente de jovens, sendo a convivência na escola maior, em número de horas, do que na família, em muitos casos”.

No caso específico do Ensino Médio, Stoski e Gelbcke (2016) observam uma dualidade: de um lado seu caráter profissionalizante, de preparação do jovem para o mercado de trabalho, de outro, seu caráter propedêutico, como uma iniciação ao Ensino Superior.

Além disso, as autoras destacam o caráter heterogêneo dessa etapa de ensino que recebe uma diversidade de jovens com processos de socialização dos mais variados. Ainda evidenciam outro dado importante: a existência de jovens estudantes trabalhadores, que fazem parte de uma parcela economicamente ativa do nosso país.

Isso significa que diante da diversidade das juventudes, o Ensino Médio [e a escola de forma geral] nos apresenta um grande desafio em relação aos jovens. De um lado temos a escola que não consegue alinhar seus processos educacionais aos novos anseios da sociedade e conseqüentemente da cultura juvenil, e de outro os jovens que não conseguem se sentir parte integrante da escola. Todo esse processo acaba gerando altos índices de evasão e tantos outros problemas estruturais como indisciplina, violências e desinteresse, promovendo um descompasso entre a cultura escolar e as culturas juvenis (ABROMOVAY, CASTRO, WAISELFISZ, 2015).

Para os jovens de camadas populares, o Ensino Médio é ainda mais relevante, sendo crucial na sua formação pessoal e profissional. Além de garantir a longevidade escolar, estar no Ensino Médio pode significar outro tipo de transição, uma vez que novos projetos de futuro podem surgir principalmente ao visualizarem novas oportunidades de vida no que se refere às possibilidades de trabalho.

Outra reflexão importante sobre juventudes e Ensino Médio se refere à sua expansão e as mudanças que acarretam à escola e à juventude, como afirma Leão e Santos (2018, p.790)

Com a acelerada expansão das matrículas, percebem-se mudanças qualitativas importantes como a maior presença de jovens dos meios populares e o maior número de estudantes negros, que trazem para a cena escolar novas questões ligadas ao pertencimento étnico, social e de gênero desses jovens estudantes, alimentando novos conflitos e demandas que ocorrem em um contexto de modernização econômica.

Podemos observar que, na atualidade, a escola passa a receber um número maior de jovens-alunos, de diferentes condições socioeconômicas e culturais, sendo um ambiente ainda mais heterogêneo e diverso. Daí a necessidade em perceber a escola na visão dos jovens, tentando compreender seus desejos e anseios ao longo do processo de escolarização.

A pesquisa intitulada “Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?” organizada por Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015) nos traz a visão dos alunos sobre a escola e o processo escolar. Ao serem questionados sobre o sentido

da escola e do Ensino Médio, os jovens pesquisados afirmaram que a escola e o diploma não são suficientes para sua qualificação profissional, bem como percebem um distanciamento entre a cultura escolar e a cultura juvenil, evidenciando que a problemática que envolve a escola e os jovens não é apenas de ordem econômica, da falta de condições físicas, materiais e financeiras, mas também de uma diferente assimilação cultural, de diferentes valores trazidos pelos jovens e que não são incorporados pela escola, promovendo assim uma tensão no jogo social entre os jovens e a escola.

Na escola, o jovem é despido da condição social de ser jovem e se transforma em “aluno”, ou seja, é visto por uma perspectiva exterior a ele, em uma imposição normativa do sistema de ensino, perdendo-se de vista a diversidade, as buscas e os parâmetros de comportamento que fazem parte das modelagens de juventudes. A escola desconsidera, portanto, a cultura juvenil, a qual se caracteriza por ser dinâmica, diversa, flexível e móvel. (ABRAMOVAY, CASTRO E WAISELFISZ, 2015, p. 31)

Ainda nesse sentido, Nora Krawczyk (2009, p. 29) enfatiza que:

Durante o ensino médio, o jovem perde muito rapidamente o entusiasmo pelos estudos. [...] No primeiro ano, os jovens se sentem orgulhosos porque, em certa medida, superaram o grau de escolaridade de seus pais. No segundo ano, começa o desencanto, principalmente pelo fato de ter que enfrentar as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem, enquanto as amizades e a sociabilidade entre os pares passam a ser mais importantes. No terceiro momento, a proximidade de um novo ciclo de vida fica mais evidente, e os alunos se confrontam com um universo de possibilidades bastante frustrante: o ingresso à universidade não se configura como uma possibilidade para a maioria dos estudantes e o desejo de trabalhar e/ou melhorar a vida profissional também se torna uma experiência muito difícil de ser concretizada.

Observamos que o Ensino Médio é um momento de desafio para os jovens. De um lado a cultura juvenil e suas experiências; de outro, a cultura escolar. É preciso considerar também os desafios pessoais, a busca por melhores condições de vida seja continuando os estudos ou se inserindo no mercado de trabalho.

A pesquisa de Santiago (2016) sobre o que pensam os jovens a respeito da educação, da escola e a perspectiva de futuro, evidencia algumas proposições e nos dá pistas interessantes sobre a importância da escola e do Ensino Médio para os jovens. Primeiramente, no que se refere à finalidade, fica evidente que a educação se assume como construção de conhecimento e qualificação profissional, além de representar uma forma de mudança ou melhoria de vida. A escola aparece como um espaço de estudo e aprendizado, mas também de relações, como local de fazer amizades. Observamos tanto

o caráter formativo e preparatório ou propedêutico da escola na voz dos jovens estudantes, quanto seu caráter de socialização, marcado principalmente pelas amizades.

Além de apresentar aspectos sobre a importância e finalidade da escola na vida dos jovens, Santiago (2016) também revelou elementos que marcam a desigualdade entre a cultura juvenil e a cultura escolar. Tais elementos se evidenciam pelas questões de ordem pedagógica e didática (metodologias de aulas e outros) que foram avaliados pelos jovens como aspectos negativos da escola. O autor verificou ainda que os jovens esperam mudanças das escolas, sobretudo na inserção de novas tecnologias, na promoção de aulas mais dinâmicas, criando um melhor processo de ensino e aprendizagem, fazendo assim com que “o tempo dos jovens” seja também “o tempo da escola” (SANTIAGO, 2016, p. 46).

Ao pensar nessa relação entre cultura escolar e cultura juvenil, Pasquier (2005) nos lembra que a escola é um lugar onde as preferências culturais estão se contorcendo sob a pressão de demandas coletivas. Estão em constante atrito diferentes visões e modos de ver o mundo, bem como diferentes características culturais, econômicas e sociais. Diferentes culturas, que englobam desde as diferenças geracionais até as diferenças socioeconômicas.

São várias as relações estabelecidas entre os jovens e a escola. Especificamente no Brasil, notamos uma desigualdade entre os estados brasileiros, seja no que se refere aos elementos materiais e econômicos, bem como aos variados acessos dos jovens e suas famílias. Além disso, é possível notar que as relações dos jovens com a escola também não são as mesmas, nem de um estado para o outro, nem dentro de um mesmo estado ou cidade, ou ainda, entre a cidade e o campo. Há, nesse sentido, diferentes formas de compreender a interação entre jovens e o Ensino Médio. Destacamos aqui a questão da desigualdade entre o campo e a cidade, ou entre a cidade e os pequenos distritos do interior.

No meio rural, as escolas de Ensino Médio são mais recentes que na cidade. Fazem parte, como afirma Krawczyk (2009, p. 35) de um projeto político recente na agenda governamental, “são propostas que visam à ampliação da cobertura do Ensino Médio integrado ao profissionalizante para essas regiões, voltada [...] para a produção agropecuária, com ênfase na modalidade agroecológica”. Tal discussão sobre o Ensino Médio no meio rural é complexa, haja vista que compreende uma reflexão ainda maior sobre os espaços Urbanos e Rurais (KRAWCZYK, 2009).

Sobre os jovens que vivem nos espaços rurais, a heterogeneidade das formas de socialização também é perceptível. No entanto, é comum perceber que os jovens residentes no campo ou nos pequenos distritos do interior, assim como esses espaços, são compreendidos como atrasados, com pouco desenvolvimento tecnológico, sem acesso à informação, a educação, a formação. É comum relacionar o espaço rural e o interior e todos que nele vivem ao atraso.

Breitenbach e Troian (2018) em um estudo bibliográfico sobre Jovens e Juventudes em estudos rurais no Brasil, apresentam algumas formas de caracterização da juventude rural brasileira, conforme exposto abaixo:

Figura 4: Caracterização da Juventude Rural do Brasil



Fonte: Breitenbach e Troian (2018, p. 797).

No que se refere à educação, podemos observar que no meio rural há maior evasão e repetência escolar; maiores taxas de pobreza; bem como dificuldades de inserção nas atividades urbanas devido à baixa escolaridade (KRAWCZYK, 2009; ZAGO, 2016). Além disso, é possível identificar que a cultura jovem urbana é tida como a ideal, além de que, o urbano, de certa forma, é tido como o espaço que traz muitas vantagens aos jovens em relação ao rural. Tudo isso, aliado às características de desenvolvimento industrial nas cidades, à Revolução Verde⁷ no campo e à consequente mecanização do trabalho agrícola, promovem ou impulsionam o êxodo rural. Diante de

⁷ Conjunto de técnicas modernas utilizadas na agricultura, a partir da década de 1950, para potencializar a produção agrícola, com o uso de equipamentos tecnológicos, pesticidas e insumos agrícolas. Tais técnicas impulsionam a produção, diminuem a necessidade de mão de obra na medida em que utiliza, cada vez mais, as máquinas para o processo de produção.

tantos apelos em prol do modo de vida urbano, a migração para o meio urbano tornou-se comum entre os jovens do campo, principalmente entre as mulheres (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998)

Nadir Zago (2016) em seu artigo sobre migração rural-urbana, juventude e Ensino Superior, destaca que há um grande deslocamento dos jovens rurais para as cidades em busca do estudo

No plano educacional, a escola com classes multisseriadas – embora ainda numericamente importante - sofreu redução, e muitos estudantes, com a política de nucleação das escolas rurais e o subsídio ao transporte escolar, passaram a se deslocar das áreas rurais para as áreas urbanas a fim de continuar os estudos (ZAGO, 2016, p.64)

Além de constatar o forte processo de nucleação que expulsa os estudantes da comunidade, Zago (2016) afirma que existe uma imensa desigualdade entre campo e cidade também no que se refere ao acesso à educação. A autora chama atenção para as pesquisas em educação, que ainda são muito raras nas realidades rurais, visto que privilegiam a condição urbana, da infância à juventude (ZAGO, 2016, p. 64).

A relação entre os jovens e a escola é tema complexo de ser analisado. Há grande diversidade e desigualdade entre os estudantes brasileiros. É preciso criar espaços de debates cada vez mais críticos sobre essa relação, salientando a existência dessa heterogeneidade de juventudes e a desigualdade escolar, principalmente a desigualdade entre campo e cidade (ou centros urbanos e distritos do interior) que ainda se mostra evidente na atualidade.

Assim, concordando com Falsarella e Grosbaum (2016, p. 301)

Entendemos que continuar levantando e atualizando informações sobre as atitudes e percepções dos alunos em relação à escola é fundamental por três motivos. Primeiro, porque é a voz do jovem – o principal protagonista nessa história – que está sendo considerada. Segundo, porque as percepções dos alunos têm influência em seu aprendizado. Por fim, porque as condições proporcionadas pela escola e as relações interpessoais nela estabelecidas – que constituem o clima escolar – levam o aluno a atitudes mais positivas (ou mais negativas) com relação à instituição, aos professores e ao próprio aprendizado.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar em modelos escolares mais dialógicos que propiciem uma melhor inserção dos jovens nos espaços escolares, dando maior visibilidade às culturas juvenis e deixando que os jovens sejam protagonistas de suas

histórias a partir de suas vivências coletivas e particulares, bem como das relações que estabelecem com a escola em determinado tempo e espaço.

Pensando na diversidade da juventude, propomos nesta pesquisa ferramentas metodológicas que proporcionem compreender de modo mais complexo a realidade dos jovens estudados.

Dessa forma, apresentamos no próximo capítulo, os resultados obtidos por meio dos questionários e entrevistas. Num primeiro momento, apresentamos o conjunto de jovens estudados, destacando os dados obtidos na aplicação dos questionários. Trazemos informações sobre as famílias dos jovens, indicando elementos que nos permitam compreender as características socioeconômicas, a formação dos pais e o tamanho familiar. Trazemos também a relação dos jovens com a escola e o local em que vivem, indicando elementos a respeito de suas práticas de lazer, suas rotinas de estudos e a influência da escola em suas vidas, principalmente observando os projetos de futuro.

Num segundo momento, mostramos os dados obtidos durante as entrevistas, analisando elementos pontuais a respeito das práticas educativas familiares, a socialização, a escolha do estabelecimento de ensino e a formação/construção dos projetos de futuro.

CAPÍTULO 3

OS JOVENS DE SANTO ANTÔNIO DO SALTO: a escolha do estabelecimento escolar e a formação de seus projetos de futuro

Nesse capítulo apresentamos os dados da nossa pesquisa. De início, é feita a caracterização do universo pesquisado a partir dos questionários aplicados aos jovens-alunos que cursam o Ensino Médio na EEJL-2⁸ e no IFMG-OP.

Em seguida, são trazidos os resultados obtidos com as entrevistas semiestruturadas desenvolvidas com seis jovens-alunos, sendo três do IFMG-OP e três da EEJL-2. Ressaltamos, desde já, que uma aluna da EEJL-2 acaba de ser aprovada para o Instituto Federal. Apresentamos as práticas educativas familiares, alguns elementos de socialização, a escolha da escola de Ensino Médio e os projetos de futuro ou de escolarização de cada jovem entrevistado. Nessa parte, indicamos as respostas dos jovens na entrevista semiestruturada que aconteceu de modo remoto e escrito, por meio do Formulário do Google. Ressaltamos que a pandemia da COVID-19 nos fez optar pelo modo remoto e escrito, evitando o encontro presencial conforme orientação da Organização Mundial da Saúde e das autoridades sanitárias do Brasil. As entrevistas foram feitas de modo escrito devido às dificuldades de acesso à internet no distrito, o que impossibilitava o encontro virtual com os entrevistados, conforme mencionamos na introdução desse trabalho.

Por fim, apresentamos uma discussão sobre as variáveis: *práticas educativas familiares e redes de sociabilidade; a escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro*. Nossa análise parte dos pressupostos teóricos utilizados nessa pesquisa, buscando refletir sobre o universo pesquisado e contribuir com as discussões a respeito da temática da juventude, socialização, escolha da escola e projetos de futuro, sobretudo nas relações entre espaços distintos, como é o caso dos pequenos distritos do interior. Ressaltamos que, ao se aproximarem do fim do Ensino Fundamental os jovens do distrito se deparam com a necessidade de escolher entre ficar estudando na escola estadual do distrito ou se deslocarem para continuar os estudos na sede do município. Tal questão, como já foi apresentado nos capítulos anteriores, é muito complexa e implica não somente em decisões prévias como também traz desdobramentos que precisam ser analisados.

3.1 Os jovens-alunos de Santo Antônio do Salto

⁸ Conforme mencionado na introdução, a Escola Estadual José Leandro está localizada no distrito de Santa Rita de Ouro Preto e possui uma unidade no distrito de Santo Antônio do Salto que funciona no noturno, no prédio escolar do município, onde se localiza a escola de Pré-Escolar e Ensino Fundamental I e II.

Conforme mencionado anteriormente, nossa pesquisa se desenvolve com um grupo heterogêneo de jovens. Nesse grupo temos os que estudam numa escola estadual e outros que estudam numa escola federal de orientação técnica.

O grupo que está matriculado na escola federal se desloca cotidianamente entre a sede do município e o distrito para estudar e o da escola estadual desenvolve os estudos na própria comunidade em que reside.

O IFMG-OP oferece o Ensino Médio integrado aos cursos técnicos de diferentes áreas. Os jovens participantes dessa pesquisa que estudam no IFMG-OP cursam o Ensino Médio em concomitância com um curso técnico da área de Mineração, Metalurgia e Automação Industrial, sendo o último o curso de maior seletividade dentro da nossa amostra. O ingresso nessa escola é feito por um processo seletivo realizado por meio de uma prova escrita.

Destacamos que, segundo dados da Pró-reitoria de Ensino, por meio da Diretoria de Avaliação Institucional (DAE) do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG 2018, 2019), o campus Ouro Preto oferta o Ensino Médio integrado com o curso técnico nas áreas de Mineração, Metalurgia, Edificações, Administração e Automação Industrial.

Em 2018, o Instituto recebeu 1253 candidatos, disputando 362 vagas. O curso de Ensino Médio – Técnico em Administração – Integrado foi o que teve maior número, sendo 6,6 candidatos por vaga seguido pelo curso de Automação Industrial – Integrado, com 3,6 candidatos por vaga.

Em 2019, 1196 pessoas se inscreveram para o vestibular que tinha a mesma quantidade de vagas do ano anterior. O curso de Técnico em Administração continuou sendo o de maior procura tendo 5,8 candidatos por vaga. Seguido do curso de Técnico em Mineração com 3,7 candidatos por vaga. Vejamos na tabela 1 os dados sobre a relação candidato/vaga nos anos de 2018 e 2019:

Tabela 1 – Relação de candidatos aos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFMG|-OP nos anos de 2018 e 2019.

Cursos integrados ao Ensino Médio	2018	2019
-----------------------------------	------	------

	Total de inscritos	Total de vagas	Candidato x vaga	Total de inscritos	Total de vagas	Candidato x vaga
Técnico em Administração	332	50	6,6	290	50	5,8
Técnico em Automação Industrial	259	72	3,6	242	72	3,4
Técnico em Edificações	262	80	3,3	272	80	3,4
Técnico em Mineração	269	80	3,4	298	80	3,7
Técnico em Metalurgia	131	80	1,6	94	80	1,2
Soma/Total	1253	362	3,7	1196	362	3,5

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados fornecidos pela Diretoria de Avaliação Institucional (DAE) do Instituto Federal de Minas Gerais (SOUZA, 2019).

Os jovens participantes dessa pesquisa estão distribuídos nos seguintes cursos técnicos: cinco fazem o curso Técnico em Mineração, seis fazem Técnico em Metalurgia e um faz o curso Técnico em Automação Industrial.

Dessa forma, percebemos a inexistência de jovens do referido distrito no curso de maior seletividade, ou seja, não encontramos jovens no curso de Administração. É válido levar em conta que, no processo de escolha da escola, no caso do IFMG-OP, os alunos se veem ainda num processo de escolha de um curso técnico que pode influenciar na sua entrada no Instituto. Por exemplo, se o estudante escolhe um curso de alta seletividade, sua nota precisa ser maior para que possa conseguir o acesso. Se escolhe um curso pela seletividade baixa, as chances de acesso são maiores. A seletividade do curso, a nosso ver, pode ser um elemento influenciador no momento de escolha, pois é um cálculo mais ou menos racional das chances objetivas de sucesso.

Os alunos que estudam no distrito frequentam uma escola de segundo endereço. Como já mencionado ao longo dessa dissertação, o prédio principal da Escola Estadual em que estudam se encontra num distrito vizinho.

O IFMG-OP e a EEJL-2 estão em espaços socialmente distintos, possuem equipamentos e processos formativos diferentes, bem como díspares prestígios socioeconômicos e acadêmicos construídos ao longo do tempo.

Não podemos nos esquecer das inúmeras características que conferem aos jovens (e à sociedade de modo geral) um caráter de desigualdade e diversidade. Desigualdade socioeconômica, de gênero, cultural, de bens e acessos a serviços. Diversidade cultural, étnica, religiosa, de formação familiar entre tantos outros elementos. Dessa forma, concordamos com Ribeiro, Lânes e Carrano (2006) que a

diversidade de perfis caracteriza as juventudes brasileiras e completamos que essa diversidade (e desigualdade) se faz presente tanto em macro quanto em microescala.

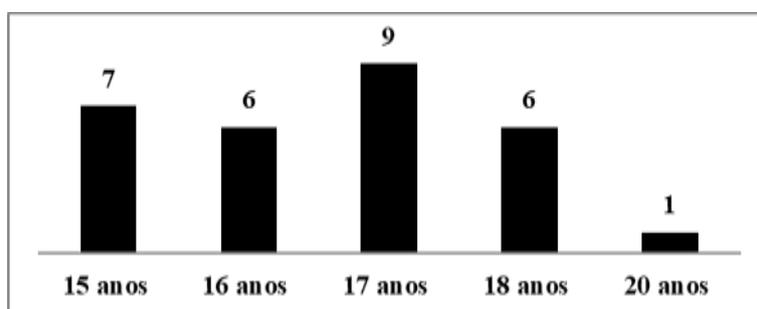
[...] a noção de “juventudes” é um complexo processo socioeconômico-cultural que se expressa simultaneamente em diversidades e desigualdades, objetivas e subjetivas. Dessa forma, ao tratarmos da juventude, devemos ter em mente a dupla dimensão dessa categoria que expressa simultaneamente um momento do ciclo de vida e determinadas contingências de inserção dos sujeitos na estrutura social (RIBEIRO, LÂNES e CARRANO, 2006, p.77).

Conforme já mencionado, na tentativa de compreender melhor as juventudes dessa pesquisa utilizamos o questionário e a entrevista como recurso metodológico. Os questionários foram aplicados a 29 jovens, sendo 12 estudantes (41,4%) do IFMG-OP e 17 (58,6%) da EEJL-2. Ressaltamos que os jovens foram convidados a participar da pesquisa por meio de uma conversa com o pesquisador.

Dos 42 jovens de Santo Antônio do Salto matriculados nos três anos do Ensino Médio nas duas escolas em 2019, 29 (69,04% do total) responderam ao questionário. Do total de jovens participantes dessa pesquisa, 14 (48,2%) se autoafirmaram do sexo feminino e 15 (51,8%) do sexo masculino. Sendo seis jovens do sexo feminino e seis do sexo masculino que estudam no IFMG-OP e oito jovens do sexo feminino e nove do sexo masculino na EEJL-2.

A idade desses jovens varia dos 15 aos 20 anos, como demonstrado no gráfico 1. Ressaltamos que não encontramos jovens com 19 anos de idade.

Gráfico 1 – Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Separando os dados do Gráfico 1 por escolas, conseguimos observar melhor a idade dos jovens pesquisados. A tabela 2 demonstra essa divisão:

Tabela 2 – Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto distribuídos por escola – Ouro Preto, 2019

Idade	IFMG-OP	EEJL-2
15 anos	2	5
16 anos	2	4
17 anos	3	6
18 anos	4	2
20 anos	1	-
Total	12	17

Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Os jovens participantes da pesquisa estão distribuídos nos três anos do Ensino Médio conforme caracteriza a tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição etária dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, por idade e série, 2019

	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	20 anos	Total de jovens
1º ANO	7	4	4	2	-	17
2º ANO	-	2	3	-	-	5
3º ANO	-	-	2	4	1	7

Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Dos 17 alunos que cursam o 1º ano do Ensino Médio, oito estudam na EEJL-2 e nove jovens no IFMG-OP. No 2º ano, todos os alunos participantes da pesquisa estudam na EEJL-2. Já no 3º ano, dos sete alunos participantes, três estudam no IFMG-OP. A tabela 4 apresenta os alunos por idade, série e escola:

Tabela 4 – Distribuição dos jovens estudantes do Ensino Médio moradores de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, por idade, série e escola, 2019

	15 anos		16 anos		17 anos		18 anos		20 anos	
	IFMG-OP	EEJL-2								
1º ANO	2	5	2	2	3	1	2	-	-	-
2º ANO	-	-	-	2	-	3	-	-	-	-
3º ANO	-	-	-	-	-	2	2	2	1	-

Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Nas tabelas anteriores (Tabelas 2 e 3) podemos notar a distorção idade-série, que no grupo pesquisado se destaca entre os alunos do 1º ano. Segundo Saraiva (2010) a distorção idade-série considera os alunos que possuem dois anos ou mais acima da

idade ideal para a série recomendada. No caso dessa pesquisa, quando comparamos as duas escolas, a distorção é maior entre os alunos que estudam no IFMG-OP. Nessa escola, temos cinco alunos com idade entre 17 e 18 anos cursando o 1º ano (17,24% do total geral da amostra). Cabe ressaltar, como veremos nas entrevistas, que diversos alunos não são aprovados no processo seletivo do IFMG-OP assim que saem do Ensino Fundamental. Geralmente, esses alunos fazem o exame mais de uma vez e, quando são aprovados, vão para o IFMG-OP, mesmo que isso implique em retornar para o 1º ano do Ensino Médio. No entanto, vamos verificar também que os alunos da escola federal possuem maior índice de reprovação quando comparados aos alunos do EEJL-2.

O grupo de jovens que estuda no IFMG-OP é menor (41,4% do IFMG-OP e 58,6% da EEJL-2). Tal fato pode ser explicado pelo exame de seleção ou mesmo pela falta de conhecimento ou de estruturas que proporcionem aos jovens a continuação dos estudos em concomitância com o curso técnico numa instituição de maior prestígio social e acadêmico, localizada na sede do município. Vale lembrar ainda que, para estudar no IFMG-OP, os jovens, além de precisarem ser aprovados em um processo seletivo, precisam se deslocar cotidianamente ou se mudarem para a sede do município. Tal processo demanda maior esforço dos jovens e de suas famílias para a manutenção da vida escolar.

Para esses alunos estudar no IFMG-OP não é só uma questão de escolha. Eles e suas famílias precisam de condições econômicas que proporcionem o acesso e permanência na escola localizada em outro espaço, uma vez que eles ficam fora de casa o dia todo. Mesmo tendo o transporte público e diferentes formas de auxílio estudantil, os alunos necessitam de material tanto para o Ensino Médio quanto para as disciplinas do curso técnico, de acesso à internet e outros equipamentos que proporcionam o acompanhamento das aulas, das tarefas e dos conteúdos.

Ressaltamos que todos os alunos que frequentavam o IFMG-OP, em outubro de 2019, aceitaram participar da pesquisa. O mesmo não aconteceu com o total de alunos matriculados na EEJL-2, onde dos 30 alunos matriculados, também em outubro de 2019, apenas 17 retornaram com os questionários. Ao procurarmos dados sobre os alunos que não responderam ao questionário ou não estavam presentes nos momentos de encontro com o pesquisador, nos deparamos com a realidade da desistência e da infrequência dos alunos no Ensino Médio, situação bem recorrente na fala da supervisora pedagógica e de alguns professores da EEJL-2, durante uma conversa informal.

Sobre o conjunto familiar observamos que oito jovens (27,59%) moram com mais de cinco pessoas em suas residências, nove (31,03%) moram com quatro pessoas, seis jovens (20,69%) residem com cinco pessoas, cinco jovens (17,24%) moram com três pessoas e apenas um jovem (3,45%) mora com duas pessoas, conforme demonstrado no gráfico 2:

Gráfico 2 – Número de pessoas residentes no mesmo domicílio que os jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, 2019



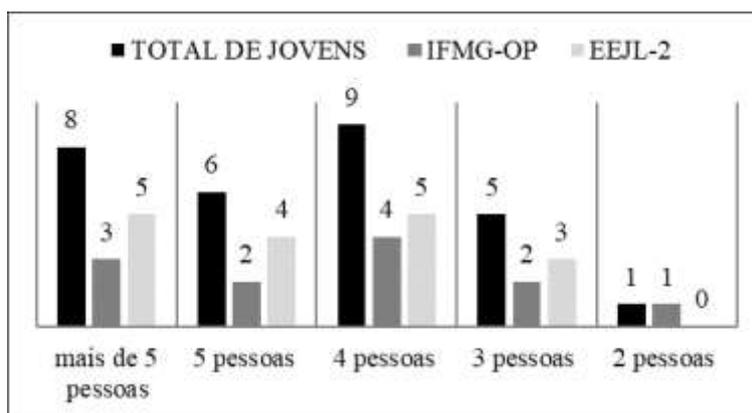
Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Analisando por escolas, percebemos que dos oito jovens (27,59%) que residem com mais de cinco pessoas, três (10,34%) estudam no IFMG-OP e cinco (17,24%) na EEJL-2. Nove jovens (31,03%) residem com quatro pessoas, sendo quatro (13,79%) do IFMG-OP e cinco (17,24%) da EEJL-2. Seis jovens (20,68%) moram com cinco pessoas, sendo dois (6,9%) do IFMG-OP e quatro (13,79%) da EEJL-2.

Analisando de modo relativo, observando o total de jovens em cada escola, podemos compreender melhor essa diferença. Assim, temos que dos 12 jovens que estudam no IFMG-OP, 25% residem com mais de cinco pessoas; 16,66% com cinco pessoas e 33,33% com quatro pessoas. Da EEJL-2, dos 17 jovens, 29,41% com mais cinco pessoas; 23,52% com cinco pessoas e 29,41% com quatro pessoas.

No gráfico 3 podemos visualizar os detalhes a respeito da divisão do número de pessoas residentes no mesmo domicílio que os jovens separados por escolas:

Gráfico 3 – Número de pessoas residentes no mesmo domicílio que os jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019



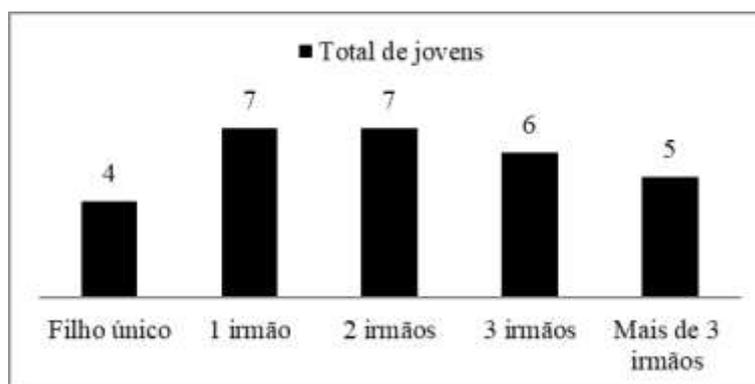
Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

O tamanho da família tem se constituído em objeto de investigação em muitas pesquisas sobre a relação família-escola. Há uma forte associação entre o tamanho da família e o resultado educacional. As mudanças na configuração dos arranjos familiares, com advento da industrialização e dos processos de urbanização, em que a família deixa de ser uma unidade de produção e passa a ser uma unidade de consumo, também é objeto de análise na relação família-escola. Tais mudanças transformam a estrutura populacional e a família numerosa, importante para a produção no mundo rural, dá lugar às famílias pouco numerosas no mundo urbano. Os filhos simbolizam agora gastos econômicos e sua redução é sinônimo de mais investimento (DESSEN, 2010). Também as pesquisas de Nogueira (2006) e Singly (2007) demonstram que há uma relação entre a diminuição do número de filhos e a possibilidade de aumentar os investimentos na escolarização. As famílias educógenas tendem a possuir menos membros, conforme já indicado por Dessen (2010), uma vez que a redução do número de filhos pode significar mais investimentos na escolarização e na formação da prole.

Observamos que apenas seis jovens (20,69% do total) residem com até três pessoas, sendo três estudantes do IFMG-OP (25% dos 12 jovens) e três da EEJL-2 (17,64% dos 17 jovens). Outros 23 jovens residem com mais de três pessoas, totalizando 79,31% da nossa amostra total.

A presença de irmãos entre os jovens dessa pesquisa é um dado interessante. Mesmo residindo com mais de três pessoas, a maioria dos jovens possui poucos irmãos, conforme demonstra o gráfico 4:

Gráfico 4 – Número de irmãos dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto, 2019

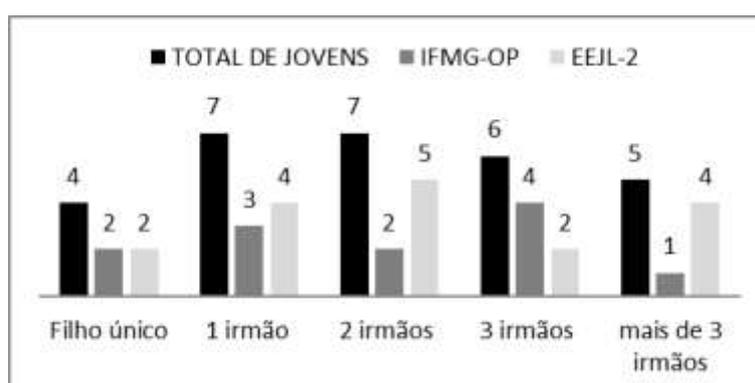


Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

O número de irmãos está intimamente relacionado ao arranjo familiar ou a família extensiva morando na mesma residência. É possível que esses jovens residam com avós, tios, primos e outros parentes. Conforme mencionado nos capítulos anteriores, segundo a literatura sociológica, o maior contato com os parentes próximos na estrutura e organização da família (LAREAU, 2007) é uma característica das famílias de classe popular.

Observamos que a maior parte dos jovens-alunos pesquisados (18 alunos – 62,07%) possui até dois irmãos, sendo sete (24,13% do total e 58,33% do total relativo) estudantes do IFMG-OP e 11 (37,93% do total e 64,70% do total relativo) da EEJL-2, conforme mostra o gráfico 5:

Gráfico 5 – Número de irmãos dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Onze alunos (37,93% do total) apresentam mais de dois irmãos, sendo cinco do IFMG-OP e seis da EEJL-2. De modo relativo, observando o universo de cada escola, temos que 41,66% dos alunos do IFMG-OP e 35,29% da EEJL-2 possuem mais de dois irmãos. Quatro jovens não possuem irmãos, o equivalente a 13,79% do total da amostra,

sendo dois jovens de cada escola, ou seja, 16,66% do IFMG-OP e 11,76% da EEJL-2. É interessante observar também que entre os cinco jovens-alunos que afirmaram ter mais de três irmãos, apenas um é estudante do IFMG-OP.

Cabe ressaltar que, de modo geral, o universo pesquisado possui uma característica de poucos filhos por família. Seguindo os critérios ou parâmetros do IBGE (2010b; 2013; 2018) podemos considera-las como famílias pouco numerosas, uma vez que a maioria apresenta até dois filhos. O que se insere na discussão sobre as mudanças na estrutura familiar pós Revolução Industrial que, conseqüentemente, influencia a redução do número de filhos, conforme exposto acima. Verificamos que 37,93% das famílias possuem até dois filhos. Esse dado também chama a atenção, pois as famílias, mesmo morando num distrito, relativamente distante da sede do município e com características rurais, apresenta uma taxa de fecundidade de até dois filhos, número bem próximo da taxa de fecundidade brasileira em 2016, que era de 1,69 (IBGE, 2013) e menor que a taxa de fecundidade rural da região Sudeste em 2010 que era de 2,24 (IBGE, 2010b). Para os anos de 2018 e 2020 temos as projeções de 1,77 e 1,76, respectivamente para a taxa de fecundidade no Brasil, indicando a tendência de diminuição do tamanho familiar (IBGE, 2018).

Sobre a renda familiar, nove jovens (31,03%) afirmaram que suas famílias vivem com menos de um salário mínimo⁹. Desse número, apenas um estuda no IFMG-OP, indicando assim importante diferença econômica entre os estudantes das duas escolas. Notamos que as famílias economicamente mais vulneráveis estão entre os alunos da EEJL-2, uma vez que oito jovens dessa escola, ou seja, 27,58% do total da amostra afirmaram que suas famílias vivem com menos de um salário mínimo. Separando por escolas, temos que 52,94% da EEJL-2 vivem com menos de um salário mínimo. Em contrapartida, apenas 8,3% do IFMG-OP possui essa renda.

A maior parte das famílias (13 jovens – 44,83%) se encontra na faixa de renda entre um e dois salários mínimos, principalmente entre os jovens do IFMG-OP (oito jovens – 27,58% do total pesquisado e 66,66% do total relativo).

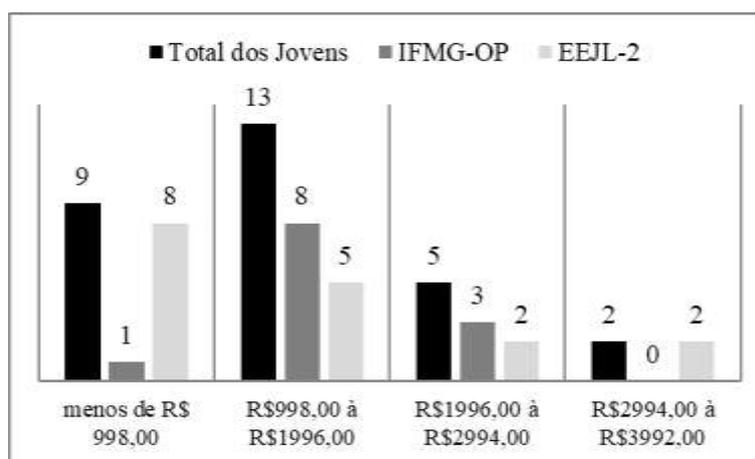
É interessante observar que 20 jovens (68,97%) afirmaram que suas famílias possuem renda de um ou mais salários mínimos e as que possuem as maiores rendas (entre R\$2.994,00 e R\$3.992,00) são dois estudantes da EEJL-2. Ressaltamos que desses 20 jovens, 11 (37,93% do total e 91,66% do total relativo) são estudantes do

⁹O salário mínimo em Outubro de 2019 era de R\$ 998,00

IFMG-OP e nove (31,03% do total e 52,94% do total relativo) da EEJL-2, o que indica novamente uma significativa diferença econômica entre essas famílias, embora o rendimento médio de todas elas seja baixo.

No gráfico 6 podemos identificar melhor os dados sobre a renda familiar dos jovens pesquisados:

Gráfico 6 – Renda familiar dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Observamos também que a maior parte das famílias (16 famílias = 55,17%) possui rendimento mensal de apenas uma pessoa e um jovem afirmou que ninguém da família possui remuneração. Dos jovens que estudam no IFMG-OP, sete afirmaram que apenas uma pessoa da família possui remuneração, três afirmaram que duas pessoas são remuneradas e apenas dois jovens afirmaram que três ou mais pessoas recebem salários.

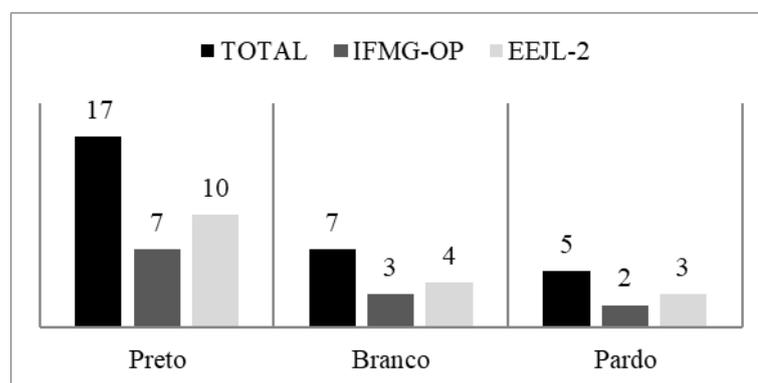
Os benefícios sociais como bolsa família, benefício de assistência social e outros são recebidos pelas famílias de 14 jovens (48,27%). Observando a partir das escolas em que estudam, cinco jovens (17,24% do total e 41,66% do total relativo) do IFMG-OP e nove (31,03% do total e 52,94% do total relativo) da EEJL-2 afirmam receber auxílios. Ao desenvolver nossa metodologia não nos ativemos em detalhar qual o tipo de benefício social recebido pelos jovens, por isso não conseguimos afirmar com precisão de qual benefício os jovens e suas famílias fazem uso.

Dos 12 estudantes do IFMG-OP que responderam ao questionário, 11 (91,66%) recebem assistência estudantil, seja em forma de bolsa permanência ou vale refeição, o que nos demonstra também a dificuldade das famílias do distrito em manter os filhos estudando na sede do município e a necessidade desses programas estudantis para a

manutenção da condição de vida escolar desses alunos. Destacamos ainda que todos os alunos do IFMG-OP ingressaram como estudantes de escolas públicas e nenhum deles por cota racial, mesmo tendo sete alunos se autodeclarando pretos.

Sobre a diferença racial, o gráfico 7 nos traz a divisão realizada por meio da autodeclaração dos alunos:

Gráfico 7 – Divisão racial (autoafirmação) dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Observamos que a maioria (58,62%) dos jovens pesquisados se autodeclararam pretos. Não identificamos diferenças significativas nessa divisão entre as duas escolas, uma vez que a maior parte dos respondentes de cada escola (58,33% do IFMG-OP e 58,82% da EEJL-2) se autodeclarou preta.

Analisando a infraestrutura do local em que vivem, notamos que a maior parte dos jovens (21 = 72,4%) mora em locais que possuem ruas asfaltadas ou com calçamento de pedras, sendo oito (27,58% do total e 66,66% do total relativo) do IFMG-OP e 13 (44,82% do total e 76,47% do total relativo) da EEJL-2. Ao pensar na localização dos bairros onde residem os jovens, percebemos que tanto no IFMG-OP quanto na escola estadual, apenas dois alunos (6,89% do total da amostra), um de cada escola, o que representa 8,3% do total relativo ao IFMG-OP e 5,88% relativo à EEJL-2, residem mais distantes do centro do distrito.

Todos os jovens residem no distrito desde que nasceram, vivem em casa própria e com acesso a TV. Três não possuem rádio na residência. Onze não possuem computador, sendo três estudantes do IFMG-OP e oito da EEJL-2. Apenas um não possui telefone celular e cinco deles não tem acesso à internet, destes, apenas um estuda no IFMG-OP.

Os pais desses jovens têm, em sua maioria, profissões que demandam baixa escolaridade. Apareceram nos questionários as seguintes profissões: mecânico, trabalhador rural, trabalhador braçal, eletricitista, pedreiro, auxiliar de serviços gerais, gari, carvoeiro, motorista, auxiliar de viagem, operador de usinas e máquinas, “faz bicos”, secretário administrativo. Ressaltamos ainda que três jovens não registraram presença paterna, três não sabem a profissão do pai e um tem o pai falecido.

Sobre as mães, os jovens indicaram as seguintes profissões: contabilista, do lar, doméstica, auxiliar de serviços gerais, balconista e pedagoga. Destacamos que dezesseis jovens (55,17%) assinalaram que as mães são “do lar”, não desempenhando atividade remunerada fixa.

A literatura utilizada nesta pesquisa nos mostra que a ocupação dos pais influencia o estilo educativo dos filhos e que a escolarização dos pais também é objeto importante a ser analisado ao pensarmos na longevidade escolar, na importância que se dá à escola, à educação escolar e, conseqüentemente ao diploma, bem como nas diferentes formas de organização das famílias e da vida dos filhos, numa espécie de formação de famílias educógenas (LAREAU, 2007; SINGLY, 2009, NOGUEIRA, 2006; DIOGO, 2006).

A maior parte dos pais e mães completou o Ensino Médio. Esse dado indica algo interessante sobre o universo pesquisado. As famílias, mesmo distante da sede, possuem nível educacional médio, o que é pouco comum para as áreas rurais e/ou distritos distantes, uma vez que, nesses espaços a tendência é que as pessoas deixem mais cedo ou tenham um acesso mais dificultado à escola (ZAGO, 2016).

Vejamos na tabela 5 os detalhes e as diferenças de escolarização entre os pais dos alunos do IFMG-OP e da EEJL-2 participantes dessa pesquisa:

Tabela 5 – Escolaridade dos pais e mães dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto divididos por escola, 2019

Nível de Escolaridade	Pai		Mãe	
	IFMG-OP	EEJL-2	IFMG-OP	EEJL-2
Fundamental I incompleto	1	2	1	-
Fundamental I completo	1	2	2	4
Fundamental II incompleto	-	2	2	3
Fundamental II completo	2	3	1	2
Médio incompleto	-	-	-	1
Médio completo	6	6	5	6
Superior incompleto	-	-	1	-
Superior completo	1	-	-	1
<i>não soube informar</i>	1	2	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Ao comparar os alunos do IFMG-OP e da EEJL-2 percebemos que a diferença do grau de escolaridade dos pais, no caso dessa pesquisa, não é expressiva, uma vez que a maioria possui diploma de Ensino Médio. Entretanto, podemos observar uma ligeira vantagem dos alunos do IFMG-OP em relação aos da EEJL-2, uma vez que o universo pesquisado da EEJL-2 é maior. Nesse sentido, podemos perceber que os pais dos alunos que estudam no IFMG-OP possuem maior escolaridade. Ressaltamos que o grau de instrução dos pais também é objeto de análise sobre a relação família-escola. A literatura (LAREAU, 2007; SINGLY, 2009, NOGUEIRA, 2006; DIOGO, 2006) nos mostra que o grau de instrução, assim como a profissão, influencia nas práticas educativas das famílias, e, conseqüentemente, na longevidade escolar dos filhos. Podemos observar ainda que o grau de escolaridade dos pais se relaciona também à escolha do estabelecimento de ensino, conforme demonstram também as pesquisas de Resende, Nogueira e Nogueira (2011) e Alves (2008; 2010).

Em relação à escolha da escola, é unanimidade entre os jovens que estudam na EEJL-2 que a escolha se deu por ser a única do distrito, numa espécie de escolha funcional ou “não escolha”. Todos os 17 jovens (58,6% do total da amostra) assinalaram essa opção. Apenas um jovem associou também a influência dos pais ao escolher a escola do distrito.

Entre os jovens que estudam na sede do município, 10 (34,48% do total e 83,33% do total relativo) afirmaram que a escolha se deu por ser uma boa¹⁰ escola, dois¹¹ jovens (6,9% do total e 16,66% do total relativo) afirmaram ainda haver influência dos pais na escolha e apenas um (3,45% do total e 8,33% do total relativo) assinalou a influência dos amigos e familiares.

Enquanto os jovens da EEJL-2 relacionaram a escolha ao fato de ser a única do distrito, os do IFMG-OP sinalizaram que a escolha se deu por considerarem a escola como boa, evidenciando o prestígio escolar da instituição, numa escolha mais ativa.

Podemos notar, conforme afirmam Resende, Nogueira e Nogueira (2011) que existem diferentes condições de escolha do estabelecimento de ensino dentro dos grupos sociais. Percebemos ainda, que os jovens da EEJL-2 fazem uma escolha mais funcional da escola, indicando, de certo modo, uma conveniência prática relacionada à proximidade com sua casa (COSTA E KOSLINSKI, 2012). No entanto, cabe destacar que a EEJL-2 é a única do distrito e que, para ingressar no IFMG-OP os alunos precisam fazer um exame de seleção, o que, de certo modo, se configura na busca pelos melhores alunos como demonstrado pela literatura a respeito do quase mercado oculto (COSTA, 2011).

Questionados sobre o que fazem no tempo livre os jovens afirmaram “jogar no celular”, “nadar”, “usar as redes sociais”, “ir para a casa da tia”, “ficar em casa vendo filme e tv”, “ajudar a mãe”, “jogar futebol”, “praticar música”, “ler um livro e sair com os amigos”, “dormir”, “fazer nada”. Três jovens (10,34%) afirmaram “estudar” ou “fazer o dever que os professores passam” nos momentos livres. Dois deles (6,89% do total e 16,6% do total relativo) estudam no IFMG-OP. Duas jovens (6,89% do total e 11,76% do total relativo) que estudam no distrito afirmaram ler livros nos momentos livres.

Em casa, 15 jovens (51,72%) disseram possuir um local e um tempo específico para o estudo. Nove (31,03% do total e 52,94% do total relativo) são alunos da EEJL-2 e seis (20,68% do total e 50% do total relativo) do IFMG-OP. Observando o total da

¹⁰ Ressaltamos que não indicamos nos questionários o que seria uma boa escola. Esperamos as relações que os próprios jovens fizessem ao assinalarem essa opção. Sabemos da complexidade em torno desse conceito, que traz à tona situações pedagógicas, de organização, de prestígio, de valorização histórica, social e cultural e tantos outros elementos. Não pretendemos, nesse texto, entrar no mérito do que seria uma boa ou má escola. O dado serve de base, apenas, para caracterizar a escolha.

¹¹ Um jovem assinalou duas opções afirmando que escolheu se deu por ser uma boa escola, mas também pela influência dos pais.

amostra, não conseguimos identificar diferenças significativas nas atividades de lazer entre os estudantes das duas escolas.

Sobre o acompanhamento escolar, apenas dois jovens do IFMG-OP (6,89 % do total e 16,66% do total relativo) afirmaram não ter acompanhamento dos pais. Dos jovens que estudam na EEJL-2, dezesseis (55,17% do total e 94,11% do total relativo) afirmaram que os pais acompanham seus estudos e um não respondeu essa questão. As formas de acompanhamento variam entre as duas escolas.

Entre os jovens da EEJL-2 o acompanhamento familiar está relacionado à participação nas reuniões, nos eventos, na ajuda dos deveres de casa (quando possível), nos conselhos e na exigência das boas notas. Já, entre os que estudam no IFMG-OP o acompanhamento familiar se dá pelo acesso às notas, pelo apoio, incentivo e subsídio nas dúvidas em atividades.

Sobre as atividades escolares, 16 jovens (55,17%) afirmaram ter auxílio dos pais ou de outras pessoas para estudar e fazer as atividades, sendo 11 jovens da EEJL-2 (37,93% do total e 64,7% do total relativo) e cinco do IFMG-OP (17,24% do total e 41,66% do total relativo).

No que se refere a vida escolar, os jovens responderam questões sobre a reprovação e abandono; as matérias em recuperação, ser ou não um bom¹² aluno e a continuação dos estudos. Sete alunos (24,13%) foram reprovados ao longo do percurso escolar. Desses, cinco (17,24% do total e 41,66% do total relativo) estudam no IFMG-OP. Tais resultados demonstram que, mesmo diante de situações críticas, como as reprovações, estudantes e famílias ainda acreditam que permanecer no IFMG-OP vale a pena. Tais reprovações trazem não apenas frustração aos estudantes e às suas famílias como também prolongam a vida escolar e adiam o ingresso dos estudantes no mercado de trabalho. Percebemos pelas respostas dos questionários, que o esforço das famílias e desses jovens para se manterem em uma escola de prestígio implica também abrir mão do acesso ao diploma no menor tempo possível.

¹² Ao considerar o ser ou não um bom aluno, não delimitamos o conceito na expectativa de que os alunos indicassem como eles se sentem em relação ao processo educacional. A tentativa é de que eles pudessem fazer inferências próprias e particulares sobre o que é ser “bom aluno”. Reiteremos ainda que a discussão sobre ser ou não um bom aluno perpassa vários campos, sendo algo complexo de se delimitar. No entanto, possui relação com a organização, com o acompanhamento do conteúdo, com o desenvolvimento intelectual, com o rendimento, comportamento e tantos outros aspectos escolares que não julgamos não pertinentes à esta pesquisa.

Em relação às recuperações em mais de duas matérias, 13 alunos (44,83%) afirmaram ficar nessa situação e, novamente, a maioria, oito jovens (27,58% do total e 66,66% do total relativo) estuda no IFMG-OP.

Dos jovens que estudam no distrito 15 (51,72% do total e 88,23% do total relativo) afirmaram ser bons alunos e justificaram com as seguintes afirmações: “sempre faço as atividades”; “me comporto”, “me esforço”, “frequento a escola”, “sou esforçada”, “faço todos os deveres”, “tiro boas notas na maioria das matérias”. Apenas dois alunos do distrito afirmaram que não são bons alunos, justificando: “não sou bom aluno, porque faço bagunça” e outro “não gosto de estudar”.

Os alunos do IFMG-OP também justificaram a resposta relacionando o ser bom aluno ao comportamento, às boas notas e execução de atividades: “sou dedicada”, “tenho boas notas”, “faço todas as atividades”, “respeito e não faço bagunça” foram as justificativas de sete jovens que afirmaram ser bons alunos. Quatro jovens (13,79% do total e 33,33% do total relativo) não se consideram bons alunos e justificaram: “não sou de estudar em casa”, “falta de vontade”. Um aluno se considera “mais ou menos” e não justificou o motivo de não se considerar bom aluno ou não.

É interessante observar que, dos 17 jovens-alunos do distrito, os 15 jovens que afirmaram ser bons alunos desejam continuar os estudos após o Ensino Médio e apenas dois não demonstram esse desejo, os mesmos que não se consideram bons alunos. Aqui, podemos notar que os êxitos influenciam positivamente na expectativa de futuro, principalmente em dar continuidade aos estudos. No grupo de alunos do IFMG-OP, essa relação parece não ser tão direta. Dez jovens (34,48% do total e 83,33% do total relativo) pretendem continuar os estudos e dois (6,89% do total e 16,66% do total relativo) pretendem parar após o Ensino Médio. No entanto, dos quatro jovens que afirmaram não ser bons alunos, dois deles, ainda assim, desejam continuar os estudos.

Assim como Costa e Kolinski (2006) percebemos que pode haver uma influência da escola na formulação dos projetos de vida desses jovens, sobretudo no que se refere a continuação dos estudos. Tais autores, ao observarem escolas da cidade do Rio de Janeiro, destacam que entre grupos de estudantes em melhores escolas, turmas e situações socioeconômicas favoráveis os valores da escola e do estudo na formulação dos projetos de vida ou futuro foram quase unânimes, o que se modifica à medida em que se observa os grupos de áreas mais periféricas, uma vez que a escola e os estudos vão ganhando menos importância. De certo modo, podemos verificar tal situação no caso dessa pesquisa, uma vez que entre os alunos do IFMG-OP, mesmo os que se

autojulgaram não serem bons alunos, pretendem continuar os estudos após o Ensino Médio.

Perguntados sobre como se veem daqui a 10 anos os jovens pesquisados trouxeram projeções distintas. Entre os estudantes da EEJL-2 os jovens responderam: “trabalhando”; “formada, fazendo o que gosto e com minha casa própria”; “meus sonhos se realizando aos poucos”; “formado num curso superior e trabalhando”; “trabalhando na profissão que eu escolher”; “formada para engenharia civil ou direito”; “formada em medicina e trabalhando”; “estudando bastante para realizar meu sonho de ser médica”; “ser rica, linda e maravilhosa”. Notamos que nesses planos de futuro, o mundo do trabalho tem relevante importância e aparece em quase todas as afirmações. Em diversos casos, os jovens ainda não decidiram qual profissão seguir, bem como os cursos que desejam fazer após o Ensino Médio.

Os jovens do IFMG-OP, sobre os planos de futuro indicaram: “trabalhando”; “trabalhando na PM¹³”; “com estabilidade financeira”; “comandando uma empresa e tendo boa renda para ajudar minha família”; “formada em psicologia e com casa própria”; “com um bom estudo, trabalhando para ter as coisas que sempre sonhamos”; “fazendo doutorado”; “ainda não pensei sobre isso”. Os alunos do IFMG-OP também apresentam, em sua maioria, planos voltados para o mundo do trabalho, para independência e o estudo. Notamos projetos menos audaciosos em comparação com os jovens da EEJL-2. Apenas um jovem apresentou o desejo de fazer um doutorado, indicando interesse em ter maior longevidade escolar que os demais.

Podemos perceber, tanto entre os jovens da EEJL-2, quanto do IFMG-OP, jovens que podem ser classificados na tipologia *fora de projeto*, aqueles que ainda não pensaram no futuro, se dedicam apenas ao momento presente, ou não têm muito certo o que fazer pós o Ensino Médio. Também evidenciamos *projetos de recusa*, não aparecendo nenhuma profissão dos pais ou mães dos jovens entre seus planos de futuro, bem como um desejo em ter profissões mais qualificadas (ALVES, DAYRELL, 2015).

A maioria dos jovens pesquisados apresenta um projeto de futuro. O mundo do trabalho aparece de forma frequente nos questionários, indicando, como nos afirma Alves e Dayrel (2015) que o trabalho tem um grande peso na organização dos projetos de vida dos jovens brasileiros. É interessante ressaltar que uma jovem, estudante do IFMG-OP, relacionou o futuro com o mundo do trabalho objetivando ajudar a família,

¹³ O aluno utilizou a sigla que comumente se refere a Polícia Militar.

mostrando, como também afirma Dayrel (2013), a importância da família ao pensar os projetos de vida dos jovens.

No quadro 1 sintetizamos os projetos de vida dos alunos pesquisados, divididos por cor e sexo. Ressaltamos que, mesmo não sendo um objetivo de nossa pesquisa, é interessante observar como essas variáveis impactam ou não nos projetos de vida dos jovens.

Destacamos que entre os jovens do sexo masculino percebemos projetos mais voltados para o mundo do trabalho. Interessante notar que esses alunos também se autodeclararam pretos. Entre as jovens, percebemos que, em seus projetos, mesmo aparecendo o mundo do trabalho, o estudo também é presente, elas esperam estar “formadas”. De modo mais pragmático, destacamos que seis jovens possuem o projeto de futuro relacionado à formação num curso superior e quatro esperam estar formados, porém não indicaram a modalidade.

Quadro 1 – Divisão por sexo e cor dos projetos de vida dos estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto – Ouro Preto divididos por escola, 2019

Jovem	Sexo	Cor/raça	Escola	Projeto de futuro	Classificação (projeto)
Jovem 1	Masc.	Preto	IFMG-OP	Fazendo doutorado	Muito definido
Jovem 2	Fem.	Preto	EEJL-2	Estudando bastante para realizar meu sonho de ser médica	
Jovem 3	Fem.	Branco	EEJL-2	Formada em medicina	
Jovem 4	Fem.	Pardo	IFMG-OP	Formada em psicologia	
Jovem 5	Fem.	Preto	IFMG-OP	Formada, comandando uma empresa, tendo uma boa renda para ajudar minha família	
Jovem 6	Fem.	Preto	EEJL-2	Formada em Engenharia Civil ou Direito	
Jovem 7	Masc.	Branco	IFMG-OP	Trabalhando na PM	
Jovem 8	Fem.	Preto	EEJL-2/ IFMG-OP	Rica, linda e maravilhosa	Pouco definido
Jovem 9	Masc.	Preto	EEJL-2	Meus sonhos se realizando aos poucos	
Jovem 10	Fem.	Preto	IFMG-OP	Ainda não pensei sobre isso	
Jovem 11	Fem.	Preto	IFMG-OP	<i>não respondeu a questão</i>	
Jovem 12	Masc.	Branco	EEJL-2	<i>não respondeu a questão</i>	
Jovem 13*	Masc.	Branco	EEJL-2	Trabalhando na profissão que eu escolher	
Jovem 14	Masc	Preto	EEJL-2	Trabalhando	
Jovem 15	Masc	Pardo	EEJL-2	Trabalhando	
Jovem 16	Masc	Preto	EEJL-2	Trabalhando	
Jovem 17	Masc	Preto	IFMG-OP	Trabalhando	
Jovem 18	Masc	Preto	IFMG-OP	Trabalhando	
Jovem 19	Masc	Preto	IFMG-OP	Trabalhando	
Jovem 20	Masc	Preto	IFMG-OP	Trabalhando	
Jovem 21	Fem	Preto	EEJL-2	Formada	
Jovem 22	Masc	Pardo	EEJL-2	Com casa própria e com boa renda	
Jovem 23	Fem	Preto	EEJL-2	Formada e trabalhando	
Jovem 24	Masc	Pardo	EEJL-2	Formado num curso superior e que eu goste. Também trabalhando se possível.	
Jovem 25	Fem	Branco	EEJL-2	Formada, fazendo o que eu mais gosto, ter a minha casa própria	
Jovem 26	Masc	Preto	EEJL-2	Com um bom emprego	
Jovem 27	Fem	Branco	IFMG-OP	Boa, com um bom estudo, trabalhando, ter as coisas que sonhamos em ter	
Jovem 28	Fem	Branco	IFMG-OP	Com boa estabilidade financeira	
Jovem 29	Fem	Pardo	IFMG-OP	Com um bom emprego e estabilidade financeira	

*o jovem faleceu no início de 2020.

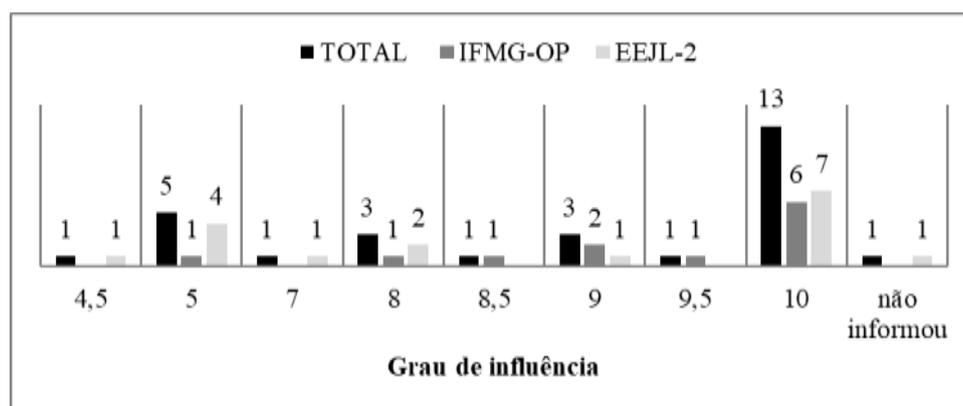
Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Esses projetos podem apresentar uma característica de provisoriedade, podendo se transformar ao longo do tempo, como afirma Dayrel (2013). Além disso, percebemos que esses jovens acreditam na escola – e no estudo – como um importante elemento de mobilidade social, evidenciando que os projetos para o futuro dependem do sucesso nos estudos, como aconteceu na pesquisa de Coutrim, Cunha e Matos (2016) e que a escola é peça central na formulação dos projetos e do futuro (DAYRELL, 2013).

Para esses jovens a escola tem peso significativo na vida e na formação. Questionados sobre a influência da escola em suas vidas numa escala de 0 a 10, os jovens pesquisados mencionaram valores de 4,5 a 10.

Notamos que a maioria dos jovens acredita que a escola tem forte influência em suas vidas, recebendo assim um papel de destaque no seu cotidiano. De todo o grupo pesquisado, 21 jovens (72,41%) assinalaram nota maior ou igual a oito para o grau de influência da escola. Apenas um jovem da EEJL-2 não respondeu essa questão. Conseguimos identificar diferenças entre os jovens que estudam na EEJL-2 e no IFMG-OP. Dos 12 jovens-alunos que estudam no IFMG-OP, 11 (91,67%) atribuíram nota maior que oito para a influência da escola. Já entre os 17 jovens que estudam na EEJL-2, 10 (58,82 %) alunos atribuíram nota maior que oito para a escola. Esses detalhes estão podem ser verificados no gráfico 8:

Gráfico 8 – Escala de influência da escola na vida dos jovens estudantes do Ensino Médio de Santo Antônio do Salto - Ouro Preto, divididos por escola, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor (SOUZA, 2019)

Assim como Santiago (2006), podemos evidenciar que a escola assume um importante papel na construção de conhecimento, bem como na qualificação profissional, podendo indicar uma mudança ou melhoria de vida dos jovens. Nesse sentido, reiteramos que para os jovens de camadas populares, o Ensino Médio é ainda

mais relevante, sendo crucial na sua formação pessoal e profissional. Além da longevidade escolar, estar no Ensino Médio pode significar um tipo de transição, uma vez que novos projetos de futuro podem surgir principalmente ao visualizarem novas oportunidades de vida relacionadas às possibilidades de trabalho.

No que se refere às diferenças na formação entre as duas escolas, 22 alunos (75,86%) afirmaram perceber diferenças. Sendo onze alunos de cada escola (91,66% do IFMG-OP e 64,7% da EEJL-2). Sete alunos (24,13%) não percebem diferenças na formação entre as duas escolas, sendo seis alunos (20,68% do total e 35,29% do total relativo) que estudam no distrito e um (3,44% do total e 8,33% do total relativo) que estuda no IFMG-OP. Assim, comparamos que 91,66% dos alunos do IFMG-OP e 64,70% da EEJL-2 observam diferenças de formação entre as duas escolas.

As diferenças elencadas pelos alunos se referem ao ensino, ao processo de aprendizagem e as perspectivas de emprego e futuro. Entre as justificativas, destacamos: “ensino fraco no distrito”, “aprendizado mais completo no IFMG-OP”, “quem estuda no IFMG-OP consegue arrumar emprego mais rápido”, “vê mais conteúdo”, “no distrito ficamos prejudicados pela estrada”, “fora daqui temos mais possibilidades”, “o ensino é mais avançado”... Tais afirmações nos remetem aos estudos de Zago (2016), que apresenta as diferenças entre campo e cidade também no que se refere a educação e ao acesso que os jovens possuem à educação escolar, mostrando que o meio rural ainda é tido como inferior ao urbano. Há nas repostas dos jovens certa relação com a desigualdade espacial entre o distrito e a sede.

A relação dos jovens com a escola e com os estudos é diferente entre os dois grupos, o que pode ser observado na influência da escola em suas vidas. É evidente que ao escolherem o IFMG-OP, os jovens e suas famílias acreditam que a escola, localizada na sede do município, oferta melhores condições de aprendizagem e mais perspectivas futuras, sendo um projeto mais articulado para o futuro dos jovens.

A partir da leitura de Lacerda (2008), podemos caracterizar o IFMG-OP, de forma geral, como uma escola de prestígio¹⁴, elencando características como as que a autora apresentou ao estudar o Instituto Tecnológico de Aeronáutica: as formas de apresentação física como uma importante forma de distinção; os fundamentos da tradição do IFMG-OP; seus índices de aprovações nos vestibulares e no ENEM; bem como a possibilidade de inserção no mercado de trabalho por meio do curso técnico

¹⁴ A autora trabalha o conceito de excelência que pensamos não se encaixar totalmente no caso do IFMG-OP.

integrado ao Ensino Médio; a seleção para o ingresso na escola, que de certa forma, acaba criando um ambiente homogêneo; o estilo educativo da instituição e as formas de disciplina consciente, autônomas e independentes; a imagem de excelência compartilhada no município de Ouro Preto e região, formando ao longo do tempo, um alto número de alunos e profissionais que se inserem no mercado mais exigente.

Dos 12 alunos que estudam no IFMG-OP, 11 jovens (91,67%) acreditam que a escola no distrito é “mais fraca” e que estando no IFMG-OP suas possibilidades de futuro são maiores e melhores. Um aluno chegou até a mencionar a dedicação e formação dos professores como elemento diferenciador e motivador para prosseguir os estudos.

Na próxima seção apresentamos maiores detalhes sobre o processo de construção dos projetos de vida dos jovens estudantes de Santo Antônio do Salto, capturando, por meio das entrevistas, elementos que podem contribuir para uma melhor compreensão da temática pesquisada, bem como fatores que nos indiquem as diferenças e semelhanças nas relações desses alunos com a escola, a família, o espaço em que vivem e seus projetos de vida.

3.2 Breves retratos dos jovens entrevistados

Apresentamos os perfis dos jovens entrevistados indicando os elementos destacados por eles no que se refere às práticas educativas familiares, a socialização, a escolha da escola do Ensino Médio e os projetos futuro. Utilizamos nomes fictícios para preservar a história dos jovens e de suas famílias.

Julgamos importante retomar aqui alguns critérios e informações básicas sobre as entrevistas com o objetivo de melhor situar o(a) leitor(a) no contexto da pesquisa de campo. Como já mencionado, as entrevistas foram desenvolvidas de modo remoto e o roteiro com as perguntas foi disponibilizado aos jovens por meio do Formulário do Google. A partir das respostas no questionário de pesquisa, os jovens foram selecionados seguindo os critérios: *os projetos de futuro mais definidos, os projetos de futuro menos definidos, as condições socioeconômicas da família e a escolha da escola de Ensino Médio*. Convém destacar que não delimitamos nosso universo pela questão de gênero ou raça/cor. Dessa forma, as entrevistas foram desenvolvidas com três jovens que estudam no IFMG-OP (sendo duas do sexo feminino e um do sexo masculino); duas jovens da EEJL-2 e uma jovem que na aplicação do questionário estudava na

EEJL-2 e no momento da entrevista havia sido aprovada no IFMG-OP. Cabe ressaltar também que os jovens estão em períodos escolares distintos e duas delas, inclusive, já haviam concluído o Ensino Médio quando responderam o roteiro de entrevista.

3.2.1 Eliza: “rica, linda e maravilhosa”

Eliza é uma jovem de 16 anos que acaba de ser aprovada, em 2020, no IFMG-OP para o curso de Técnico em Metalurgia. Cursava em 2019 o 1º ano na EEJL-2. Ela reside no distrito desde que nasceu. Tem quatro irmãos, sendo três mais velhos e uma irmã mais nova. Seus irmãos mais velhos deixaram estudos após o Ensino Médio. Um deles nem concluiu. A irmã mais nova faz o Ensino Fundamental na escola municipal do distrito. Seu pai e sua mãe possuem Ensino Fundamental II incompleto. Seu pai é pedreiro e sua mãe é doméstica. Mora, em casa própria, com mais de cinco pessoas em sua residência e sua família possui uma renda total de um salário mínimo. A família não recebe benefícios dos programas sociais como bolsa família e outros. Sua casa fica na principal rua do distrito, uma rua de pedras que concentra a maior parte da população da comunidade.

Segundo o depoimento de Eliza, quando não está na escola, gosta muito de ficar no celular, navegando na internet e, às vezes, vai às festas no distrito com a família e os amigos. Não tem o costume de visitar frequentemente os amigos. Suas conversas se dão mais por aplicativos e redes sociais. Afirma, inclusive, que tem o hábito de acessar vários meios de comunicação, estando em contato com colegas de diferentes lugares. encontra-se com esses colegas esporadicamente nas festas. Ainda não possui muitos amigos na escola, mas é preciso levar em conta que Eliza foi aprovada recentemente para a nova escola e que as aulas estão suspensas devido a pandemia da COVID-19.

Eliza nos conta que na família não possui ninguém que a inspire acadêmica e profissionalmente. Encontra mais essa inspiração e influência nos amigos e não informa quem são eles nem o que fazem. Também diz que sente muita diferença ao se relacionar com os colegas de outros lugares e mais ainda, sente uma “melhor conexão” com os colegas que não residem no distrito.

A família é presente em seu processo educativo. Principalmente a mãe, que tem um papel central em suas respostas. Notamos um protagonismo da mãe, é ela quem a motiva, ajuda e participa da vida escolar. É quem a incentiva a fazer o Ensino Médio no IFMG-OP.

Eliza diz que sempre possuiu uma rotina de estudos em casa, tendo lugar e horários específicos para o estudo. Nunca foi reprovada e se considera uma boa aluna. Não costuma ficar em recuperação nas matérias escolares e nunca pensou em abandonar os estudos.

Ao ser questionada sobre a motivação para o estudo, a jovem relata que está na busca por um futuro melhor! Eliza acredita que a escola pode trazer esse futuro. Sempre gostou de estudar, de ler histórias em quadrinho e acredita que o acompanhamento familiar da sua vida escolar foi muito bom.

Entrou para a escola com quatro anos de idade, na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito de Santo Antônio do Salto, onde estudou até o 9º ano do Ensino Fundamental. Gostava da escola, principalmente dos professores que, segundo ela, era o que a escola tinha de melhor. Não opinou sobre o que a escola tinha de pior, mas deixou claro que não queria ter estudado em outro lugar.

Seu objetivo, ao sair do 9º ano, era estudar na sede do município. Não queria continuar os estudos no distrito. Queria estudar no IFMG-OP, pois considera o ensino melhor. Segundo ela, “estudar no IFMG-OP pode ser um recurso para ter um futuro melhor”.

Prestou o processo seletivo duas vezes. Na primeira, assim que saiu do 9º ano, tentou para o curso de Técnico em Mineração. Não conseguiu ser aprovada. Achou o processo bem difícil. Ficou um ano estudando na EEJL-2 e ao final do 1º ano do Ensino Médio, fez novamente o exame de seleção, agora para o curso de Técnico em Metalurgia. Achou novamente o processo difícil e, segundo ela, teve que estudar muito para ser aprovada. E foi. Atualmente, cursa novamente o 1º ano do Ensino Médio, agora em concomitância com o curso Técnico em Metalurgia.

Eliza afirma que, numa boa escola, o ensino é o mais importante e o IFMG-OP tem esse requisito. Além disso, acredita também que o IFMG-OP tem mais recursos, além de ter um bom ensino e de contribuir melhor para o seu futuro do que a escola de Ensino Médio do distrito. Por isso, acha que fez a melhor escolha.

Sobre os projetos de futuro, Eliza afirmou no questionário que desejava continuar os estudos e que se projetava “rica, linda e maravilhosa”. Essa resposta nos chamou a atenção no momento da escolha dos entrevistados. Uma resposta um pouco inusitada que nos remete a ideia de ao mesmo tempo um projeto pouco definido, mas que apresenta um desejo de ser rica, de ter uma melhor situação econômica. Sua projeção mudou. Os projetos dos jovens são dinâmicos, provisórios como afirma Dayrel

(2013). Podemos dizer que a Eliza agora tem um projeto mais estruturado. Pode continuar sendo “rica, linda e maravilhosa”, mas pretende também continuar os estudos e espera cursar Psicologia. Ainda não sabe em qual instituição. Se vê, no futuro, formada e trabalhando. Quem sabe no seu próprio negócio, como afirma na entrevista.

Eliza vê importância na escola: acredita que ela auxilia os jovens a atingir os objetivos, sobretudo dando-lhes motivação para continuar a estudar.

3.2.2 Sandra: a busca pela estabilidade financeira

Sandra é uma jovem de 18 anos que acaba de se formar no curso de Automação Industrial do IFMG-OP. Filha única. Seu pai é secretário administrativo e possui Ensino Superior completo. Sua mãe é dona de casa e possui Ensino Fundamental II completo. Em sua casa moram apenas os três, com uma renda familiar entre um e dois salários mínimos. Não recebem auxílios dos programas sociais como bolsa família e outros. Mora no distrito desde que nasceu. A família tem casa própria, que se localiza na principal rua do distrito.

Começou a frequentar a escola aos três anos de idade, na Escola Municipal Aleijadinho, no distrito de Santo Antônio do Salto. Tem gosto pela leitura, mesmo afirmando que os pais não liam histórias para ela quando criança. Nos conta também que adora livros de suspense e ação.

No Ensino Fundamental, os pais participavam ativamente das reuniões e atividades escolares. Nesse período, a mãe era quem mais ajudava nas tarefas e deveres. Sempre estudou em seu quarto, com horários definidos, num acompanhamento mais sistemático

Sua rotina de estudos se modificou um pouco após ingressar no curso de Automação Industrial do IFMG-OP, sobretudo pela questão do tempo, como nos relata: “Por estudar de 7 horas às 16h40min durante a semana [no IFMG], minha rotina de estudos [em casa] era feita aos finais de semana por volta das 13 horas até às 16 horas”.

Seus pais a incentivavam estudar, mesmo quando tirava notas baixas: “Diziam que era normal, mas que da próxima vez era pra eu me dedicar mais para tirar uma nota melhor”.

Sandra nunca foi reprovada e se considera uma boa aluna, justificando ser muito dedicada na escola. Fora da sala de aula estuda pela internet, usa livros em casa e

também se encontra com colegas de sala para estudar. Quando não tinha aula, costumava adiantar os trabalhos para não deixar acumular.

Os pais e a avó foram os maiores incentivadores dos estudos. São especialmente os pais quem acompanham sua vida escolar: “Me perguntavam sempre sobre o que eu estudei e se eu tinha entendido a matéria, quando era algo que eles sabiam falar sobre, debatíamos sobre o assunto”.

Nossa entrevistada também afirma ter muita dificuldade em matemática e por isso ficava em recuperação. Segundo ela: “Tinha certa dificuldade em matemática, pois é uma matéria que necessita conhecimento acumulativo o que muitas das vezes eu não tinha”. Porém, nunca pensou em abandonar ou desistir de estudar.

Sobre a motivação em estudar, Sandra demonstra a importância dos estudos para alcançar seus objetivos de vida: “Tenho objetivos na vida pelos quais sei que só vou conseguir conquistar estudando”.

A casa de Sandra fica distante da sua escola de Ensino Médio. Ela fica o dia todo na sede do município, uma vez que tem aulas das 07:00 às 16:40, como já mencionado. Utiliza o transporte público disponibilizado pela prefeitura para frequentar as aulas.

Desconsiderando o período em que está no IFMG-OP, Sandra afirma que sai poucas vezes do distrito. Quando sai são para consultas a médicos e dentistas, ou para acompanhar a mãe. Em seu tempo livre costuma ir para o sítio de seu avô, localizado também no distrito.

Segundo o depoimento, raramente visita os amigos, mas acessa muitos meios de comunicação, conversando com pessoas de outros lugares, especialmente parentes e amigos, os quais encontra esporadicamente no distrito. Afirma ter muitos amigos no IFMG-OP e ter uma relação de muito companheirismo e amizade com eles. Ela encontra diferenças na relação com os amigos do distrito e de outros lugares. Aponta que a principal diferença está na visão de mundo: “as visões de mundo são bastante diferentes”.

Sobre as influências da família e amigos, Sandra diz possuir uma amiga que a influencia na vida escolar e profissional. Elas são amigas desde o Ensino Fundamental. Estudaram juntas. Ela conta como a amiga a influencia: “Todas as vezes em que eu estava triste, um pouco desmotivada ela sempre arrumava um jeito de me incentivar”. Na família, o pai tem figura de destaque como influenciador da filha. Sua trajetória escolar a motiva a continuar os estudos e a se dedicar: “Meu pai, ele mora junto comigo. Ele começou o Ensino Superior de Licenciatura em Física tarde e por todas as vezes que

ele foi mal nas provas e mesmo assim não desistiu de concluir o curso, isso foi uma fonte de inspiração para mim”.

Sandra cursou o Ensino Fundamental na Escola Municipal Aleijadinho. Sempre gostou de estudar lá. Gostava muito dos professores e afirma que eles eram o que tinha de melhor na escola. Aponta que o início do ano letivo era muito conturbado e afirma que essa era a pior parte da escola, no entanto, não queria ter feito o Ensino Fundamental em outro lugar: “O início do ano letivo sempre faltava professor e às vezes isso se prolongava até o meio do ano. Apesar disso, eu não queria ter estudado em outro lugar”.

Sandra fez o Ensino Médio no IFMG-OP. Após o 9º ano do Ensino Fundamental, seu objetivo era fazer o Ensino Médio técnico para conseguir um emprego mais rápido. Queria estudar no IFMG-OP para fazer um curso profissionalizante e considera o Instituto o melhor de Ouro Preto para aprender. Assim que saiu do 9º ano, em 2015, prestou o processo seletivo, obtendo uma nota baixa e consequentemente não sendo aprovada. Ficou um ano estudando na EEJL-2 e no ano seguinte, em 2016, prestou novamente o exame de seleção, sendo aprovada. Fez o curso de Automação Industrial, sua opção desde 2015. Ela afirma que a escolha do curso se deu pela familiaridade e pelo gosto pelos computadores e programação.

Seus pais e familiares a incentivaram a escolher a escola, com destaque para o pai: “O meu pai sempre me contava que o IFMG era o caminho para eu adquirir mais conhecimento”. Segundo ela, o Instituto atende os requisitos de ser uma boa escola, pois tem uma “boa metodologia de ensino e os professores estão interessados em ensinar”. Em vista disso, Sandra acredita que fez a melhor escolha para a sua vida, pois “adquiriu conhecimento e visões de mundo que não teria se tivesse estudado no distrito”.

Ela compara as duas escolas e destaca que “a estrutura do IFMG é melhor, ela abrange diversas áreas de conhecimento do aluno, sem falar que nela não há falta de professores e o aprofundamento das matérias é sempre bom; coisa que na escola do distrito não tem”.

Sandra se formou no IFMG-OP no início de 2020. Devido a pandemia da Covid-19 está aguardando as cerimônias de formatura. Sua pretensão é continuar os estudos e cursar Odontologia na Universidade Federal de Minas Gerais. Ela se vê, no futuro, formada e financeiramente independente, com seu próprio consultório odontológico e acredita que a escola auxilia a atingir os seus objetivos: “É através da escola que vou

adquirir conhecimentos e experiência para poder colocar em prática coisas que serão necessárias para atingir meus objetivos”.

3.2.3 Iara: a vontade de dar uma vida melhor para a família

Com 17 anos, Iara está no 2º ano do curso de Técnico em Mineração no IFMG-OP. Mora com os pais, no distrito de Santo Antônio do Salto, desde que nasceu. Seu pai é eletricitista e sua mãe é dona de casa. A família reside em casa própria localizada na principal rua do distrito. Ela possui três irmãos mais velhos, filhos do primeiro casamento do seu pai. Iara não soube informar sobre a vida escolar dos irmãos. O pai da Iara não é nativo da comunidade. Ele veio para trabalhar e acabou se mudando para o distrito. A família vive com uma renda mensal de dois a três salários mínimos e não recebem auxílios dos programas assistenciais do governo.

Iara ingressou na escola aos três anos de idade, na Escola Municipal Aleijadinho e nos diz que desde sempre gostou de ler, com um gosto especial pelas histórias em quadrinhos. Quando criança sua mãe lia muitas histórias infantis para ela. Recorda também que adorava brincar de “aulinha” com a prima mais nova, onde ensinava para a prima tudo que aprendia na escola. Acredita que essa brincadeira também era uma forma de estudar.

Normalmente estudava em seu quarto, com uma rotina diária de estudos. No Ensino Médio em andamento no IFMG-OP, a rotina mudou um pouco, pois passou a estudar de forma integral, ficando pouco tempo em casa. Ainda assim, continua estudando em seu quarto. Normalmente, estuda pela internet, principalmente com a ajuda de vídeo-aulas no Youtube.

Acredita ser uma boa aluna, pois faz todas as atividades pedidas pelos professores e estuda também fora da sala de aula. Inclusive, até quando não tem aula, Iara aproveita o tempo livre entre o “colocar as matérias em dia” e as séries televisivas que gosta de assistir.

Iara nunca foi reprovada, nem pensou em desistir ou abandonar os estudos. Costuma ficar em recuperação nas matérias exatas e relaciona isso ao seu gosto pelas humanidades: “fico nas matérias de exatas, pois dedico mais nas matérias de humanas que gosto mais”.

A mãe e uma prima são as pessoas que mais a incentivaram a fazer o Ensino Médio no IFMG-OP. São elas também que acompanham sua vida escolar,

principalmente acessando o sistema online de informações dos alunos disponibilizado pela escola. No entanto, afirma também que em sua família não possui ninguém que te inspire na vida escolar e profissional.

A motivação para estudar está na possibilidade de um futuro melhor para ela e sua família, conforme afirma ao ser questionada sobre o que lhe motiva a estudar: “Pensar em dar um futuro melhor para minha família”.

Para estudar a jovem se desloca cotidianamente para a sede do município no transporte público ofertado pela Prefeitura Municipal. Ela afirma que sai do distrito de segunda a sexta para estudar. O transporte público para os alunos do IFMG-OP sai do distrito às 6 horas e retorna às 17 horas. Ela diz ainda que em alguns finais de semana e feriados sai do distrito para se divertir com amigos e parentes. Em seu tempo livre vai a festas e fica navegando na internet.

Visita seus amigos com frequência, praticamente todo final de semana. Acessa muitos meios de comunicação e conversa com pessoas de diferentes lugares, principalmente com os amigos que fez na escola. E encontra com esses colegas e amigos cotidianamente no ambiente escolar. Tem uma boa relação com os colegas onde estuda e afirma ter influência desses amigos e colegas: “somos um ajudando o outro”.

Iara destaca que também sente diferenças na relação com os amigos do distrito e os de outros lugares: “Acredito que a maturidade, e a maldade sobre o mundo que vivemos. A maior parte dos adolescentes que mora no distrito não tem maturidade do que fazem”.

Até o 9º ano do Ensino Fundamental, Iara estudou na Escola Municipal Aleijadinho. Ela afirma que gostava “mais ou menos” da escola. Os professores eram o que a escola tinha de melhor, sobretudo porque “sabiam explicar mais”. Afirma também que ficavam muito sem aula e nem, sequer, tinham reposições. Fato esse que considera como ponto negativo ou pior da escola.

Nossa entrevistada pontua uma situação interessante a respeito do IFMG-OP: “Gosto do lugar, e acho que alguns professores deveriam explicar melhor. Acho a carga horária bem pesada também”.

Quando questionada sobre seu objetivo após o 9º ano, ela afirma que sua primeira meta era mudar de escola, “queria ir para outro local, que é onde estudo hoje”. Como razões para a escolha da escola do Ensino Médio ela indica o fato de ser uma escola técnica e também com carga horária maior.

Ela fez o processo seletivo para o IFMG-OP duas vezes. Na primeira, assim que saiu do 9º ano, não conseguiu ser aprovada. Tentou o curso Técnico em Edificações e, segundo ela, por “ser um curso concorrido e não ter uma boa base” não conseguiu entrar. Então, cursou o 1º ano do Ensino Médio na escola do distrito. Em seguida, fez novamente a seleção para o Instituto, dessa vez concorrendo uma vaga para o curso de Técnico em Mineração, no qual foi aprovada. Não era a sua primeira opção esse curso, mas resolveu mudar de ideia e arriscar: “O curso que queria mesmo era Edificações, mas logo no ano seguinte por não conseguir entrar mudei de ideia e escolhi Mineração”. Teve que retornar ao 1º ano do Ensino Médio ao iniciar os estudos no Instituto. O processo de mudança de escola, para ela, foi “bem fácil”, principalmente por ser “algo que queria muito”. Afirma que contou com apoio da mãe para escolha da escola de Ensino Médio, que a “motivava todos os dias”.

Iara acredita que fez a melhor escolha indo para o IFMG-OP:

Entrevistador: Você acha que fez a melhor escolha? Por quê?

Iara: Sim, aprendo muito mais no IFMG.

Ela também afirma que o IFMG-OP é uma boa escola, pois para ser boa a escola precisa “ter uma boa carga horária e com professores que realmente sabem explicar o conteúdo para o aluno”. Segundo ela, mesmo com uma carga horária “pesada demais”, “gosto muito do IFMG-OP e dos professores de lá”.

Iara indica também que existem diferenças entre a escola do distrito e o IFMG-OP, apontando situações que se relacionam a infraestrutura do distrito, as dificuldades de acesso, a situação das estradas e o perfil de alguns professores:

Estudei o 1º ano no distrito e logo em seguida vi que não era esse o ensino que queria. Onde há muitas dificuldades em distrito em questão de acesso, e sempre que chove os professores não vão. Isso prejudica muito em relação a perda de aulas. Sem contar que muitos professores vão dar aulas com má vontade, e acaba não ensinando direito (Iara, 17 anos).

A pretensão de Iara é continuar os estudos após o Ensino Médio. Sua motivação principal é “ter uma condição de vida melhor”. No entanto, ainda não está certa do que fazer, como podemos perceber em sua resposta: “Sonho em ser Psicóloga desde muito nova. Mas quando entrei no IF e comecei a gostar do curso penso em fazer Engenharia de Minas (mesmo não gostando de exatas, acho que um dia eu aprendo a gostar, risos)”. Percebemos na fala de Iara como a escola influencia os jovens e seus projetos de futuro.

Ela revela que gostaria de cursar Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais ou Engenharia de Minas na Universidade Federal de Ouro Preto. Sua expectativa futura é estar “formada na profissão que sonho”, mesmo que o curso de Psicologia seja bem distante da formação técnica que está recebendo. Acredita também que a escola a auxilia a atingir seus objetivos, dando-lhe uma “boa base para fazer a prova do ENEM”.

3.2.4 Ariane: o desejo de retribuição aos pais

Ariane, uma jovem de 17 anos que está no 3º ano do Ensino Médio na EEJL-2. Reside no distrito desde que nasceu. Mora com os pais e a avó numa casa própria localizada na principal rua do distrito. Seus pais possuem Ensino Médio completo. O pai é pedreiro e a mãe doméstica. A família possui renda entre um e dois salários mínimos e recebe auxílio dos programas assistenciais do governo.

Ingressou na escola aos três anos de idade, na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito de Santo Antônio do Salto. Afirmar que gostava muito de ler, porém hoje não gosta tanto. Seus pais liam histórias para ela quando criança. No Ensino Fundamental, tinha ajuda dos pais e de uma tia para realizar os deveres e atividades escolares. Os pais também participavam das reuniões e atividades escolares quando convidados. Sua rotina de estudos era bem definida. Separava “meia hora para cada matéria” num horário e local específico. Ela afirma que quando tinha notas baixas, os pais “tiravam o que eu mais gostava de fazer e me colocava para refazer as provas”.

Ariane nunca foi reprovada e também não costuma ficar em recuperação. Além disso, nunca pensou em parar ou abandonar os estudos. Se considera uma boa aluna, por ser muito esforçada e tentar ser melhor a cada dia. Durante o Ensino Médio mantém uma rotina de estudos, que segundo ela, se modificou um pouco por conta do uso da internet e dos trabalhos na casa dos colegas. Até quando não tem aula, ela afirma refazer as matérias que tem mais dúvidas.

Sobre o incentivo para fazer o Ensino Médio, Ariane afirma que sempre teve vontade e que os pais a incentivam a estudar. São os pais quem acompanham sua vida escolar, frequentando as reuniões e incentivando seus estudos. Acredita que para “ser alguém na vida” e realizar seus sonhos precisa estudar. Isso é o que a motiva.

Ariane cursa o Ensino Médio na escola do distrito. Não utiliza nenhum tipo de transporte para ir à escola, pois sua casa fica próxima, aproximadamente 20 minutos a pé.

Sua vida se concentra no distrito. Sai menos de uma vez por mês de lá, geralmente para visitar parentes ou ir a consultas médicas na cidade de Ouro Preto. Aproveita também esses momentos em que sai do distrito para “ir conhecendo o mundo, aos poucos”.

Em seu tempo livre gosta de navegar na internet, conversar com os amigos, ir a festas no distrito e fazer atividades físicas. Visita seus amigos com frequência. Acessa muitos meios de comunicação e conversa com pessoas de diferentes lugares. Essas pessoas são parentes e amigos, pessoas que foi “conhecendo com o tempo”. Geralmente encontra com essas pessoas em festas no distrito. Possui muitos amigos, tanto em Santo Antônio do Salto quanto em Santa Rita de Ouro Preto, distrito vizinho onde se localiza o primeiro endereço da escola em que estuda. Possui uma relação boa com esses amigos, pois são pessoas “próximas, legais e divertidas”.

Sua prima a inspira na vida escolar e profissional: “minha prima formou para Engenheira Civil em Ouro Branco. Hoje ela trabalha na UFOP em Ouro Preto”. Uma amiga de escola também a influencia: “estudamos juntas desde pequenas. Vamos uma na casa uma da outra pra estudar. Ela me apoia nos meus sonhos e eu a apoio nos dela”.

Ariane também sente diferenças ao se relacionar com os colegas e amigos do distrito e os de outros lugares. O distanciamento da sede do município, já que o Salto é um distrito afastado, com dificuldade de acesso, por causa da estrada, faz com que as pessoas tenham menos contato.

Estudou na Escola Municipal Aleijadinho, em Santo Antônio do Salto, até o 9º ano. Gostava da escola, pois, segundo Ariane, lá tinham excelentes professores, apontando isso como o que a escola tinha de melhor. Segundo ela, ainda assim, esperava que a escola tivesse “cobrado mais de alguns professores”, relacionando isso como o que a escola tinha de pior.

Agora no Ensino Médio, ela estuda na EEJL-2. Quando concluiu o 9º ano, ela tinha como objetivo: “Estudar para ter um Ensino Médio bom e um dia realizar os meus sonhos”. Ela apresenta uma frustração em relação ao Ensino Médio: “Querida estar estudando no IFMG, mas não passei”. Ela afirma ainda que só está estudando na EEJL-2, “porque não passou no IFMG-OP e morar em Ouro Preto seria algo difícil”.

Ela fez o exame de seleção para o IFMG-OP mais de uma vez, inclusive assim que saiu do 9º ano. Frisa que queria muito ter entrado no IFMG-OP e que escolheu a escola do distrito por ser a única da comunidade. Seus pais lhe ajudaram na escolha da escola, sobretudo após não ter conseguido ingressar no Instituto. Eles a estimularam e

ajudaram da seguinte forma: “Conversando comigo falando que não tem escola melhor quando o aluno está interessado a estudar para ser alguém na vida”. Outros amigos e parentes influenciaram na escolha e também a motivaram a não desanimar nos estudos, mesmo não sendo aprovada no IFMG-OP: “Me dando forças pra estudar, independente da escola onde estivesse. Dizendo que eu sou capaz de me formar na área que quero”.

Ariane relaciona a boa escola com o local onde “os professores queiram passar a matéria (conteúdo) e façam coisas diferentes para o aluno ter ânimo a estudar”. Para ela, a escola em que estuda atende parcialmente esses requisitos. Ela indica que existem diferenças entre a escola do distrito e o IFMG-OP, uma vez que “as bases são diferentes no IFMG. Você sai com uma base para o emprego”.

Ao ser questionada se fez a melhor escolha da escola, Ariane é bem objetiva. Ela diz que não fez uma boa escolha e que deveria ter estudado e se esforçado mais para ser aprovada no exame de seleção do IFMG-OP.

Ela pretende continuar os estudos e se sente motivada pela busca em “ser alguém na vida”. Nesse sentido, ela afirma que “sem estudo não somos nada”, indicando, assim, a importância da escola e da educação escolar.

Mesmo tendo claro o desejo em continuar os estudos, ainda não se decidiu academicamente: está indecisa entre a Engenharia Civil e o curso de Direito. No entanto, almeja estudar na Faculdade de Viçosa. “Me vejo fazendo projetos de engenharia civil ou trabalhando como delegada”.

Ariane diz que a escola não a auxilia a atingir seus objetivos. Mas, ainda assim, ela espera que, num futuro próximo, esteja realizando seus sonhos, trabalhando, com sua casa própria e sua independência financeira. Espera ainda ajudar os pais: “espero poder retribuir tudo aos meus pais”, na perspectiva de oferecer à família uma melhor condição de vida, como retribuição a todo o investimento deles.

3.2.5 Iza: “conhecimento, quanto mais, melhor!”

Iza é uma jovem de 18 anos que formou o Ensino Médio no final do ano de 2019 na EEJL-2. Vive no distrito desde que nasceu. Reside com seus pais e o irmão mais novo. Seu irmãozinho ainda não frequenta a escola. Eles possuem casa própria localizada numa rua bem próxima à escola e a praça central da comunidade. Seus pais possuem o Ensino Médio completo. O pai é pedreiro e a mãe é dona de casa. A renda

familiar está entre um e dois salários mínimos. A família faz ainda uso de benefícios sociais do governo.

Ingressou na escola aos três anos de idade. Gostava muito de ler e sempre ouvia as histórias que os pais liam quando criança. Ainda gosta de leitura, principalmente de histórias em quadrinhos.

Quando estava no Ensino Fundamental sua mãe a ajudava com os estudos e deveres de casa. Seus pais também participavam das reuniões e atividades escolares.

Iza diz que não tinha uma rotina de estudos, pois “não era sempre que estudava em casa”. Da mesma forma, não tinha um horário nem um local específico para os estudos fora da escola. Quando não tem aula, ela costuma ver filmes ou ler os livros pendentes.

Se tirasse notas baixas, os pais a “colocavam para estudar para que pudesse ter uma nota melhor no próximo bimestre”. Nunca foi reprovada, nem ficava em recuperação. Se considera uma boa aluna, pois “fazia os exercícios e era frequente nas aulas”. Nunca pensou em parar ou abandonar os estudos. Afirma que no Ensino Médio sua rotina de estudos mudou, mas não indica quais foram as mudanças. Usa vários meios para estudar fora da sala de aula como a internet, os livros e outros.

Os pais a incentivaram cursar o Ensino Médio e sempre foram eles que acompanharam sua vida escolar, frequentando as reuniões e ajudando nas atividades. Para Iza, a motivação em estudar vinha do pensamento no futuro. Ela acredita que “sem o estudo é difícil conseguir um bom emprego”.

A casa de Iza não fica distante da escola. Uns 10 minutos a pé, não precisando, portanto, de transporte escolar. Ela afirma sair com frequência do distrito e ir, principalmente, para Ouro Preto. Sai muito para passear. Em seu tempo livre navega na internet. Frequenta pouco a casa de seus amigos e acessa muitos meios de comunicação, conversando com pessoas de diferentes lugares. Essas pessoas são parentes e colegas que residem em Ouro Preto e outras cidades e distritos. Às vezes encontra com essas pessoas em festas no distrito e na cidade. Diz não possuir muitos amigos onde estuda e também não vê diferença entre os amigos do distrito e de outros lugares.

Tem grande influência e inspiração do pai na vida escolar e profissional. O pai reside com ela no Salto e estudou no antigo CEFET, hoje IFMG-OP. É uma inspiração tanto para estudar o Ensino Médio, quanto para continuar os estudos.

Até o 9º ano, Iza estudou na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito. Gostava da escola, principalmente dos professores, que a seu ver era o que a escola tinha de melhor. Não destacou nada de ruim na escola.

Como já informamos, Iza concluiu o Ensino Médio na EEJL-2 em 2019. Seu objetivo ao sair do 9º ano era “continuar estudando para adquirir mais conhecimentos e prestar o ENEM”. Sempre quis continuar estudando no distrito, “porque já morava aqui”. Não fez o exame de seleção para o IFMG-OP, mesmo acreditando que o “IFMG tem mais oportunidades e o ensino é bem melhor”. Seus pais a ajudaram a escolher a escola, sempre prezando pelo estudo no distrito e, segundo Iza, outras pessoas não influenciaram na escolha da escola de Ensino Médio.

Ela afirma que em uma boa escola a “relação dos alunos com os professores e diversas formas de aprendizado [formas de ensinar]” são muito importantes. Sua escola de Ensino Médio atendia parcialmente esses critérios. Iza acredita que fez a melhor escolha e não encontrou argumentos para justificar.

Embora tenha concluído o Ensino Médio no final de 2019, ela já está estudando novamente. Pretendia continuar os estudos após se formar, motivada pelo emprego, pela busca de uma vida melhor, sem contar que “conhecimento, quanto mais, melhor!”.

Iza acredita que a escola auxilia a atingir os objetivos, principalmente aconselhando os alunos. Ela queria cursar medicina. No entanto, está fazendo Gestão Ambiental numa faculdade privada, no formato EAD. Não tinha uma instituição específica onde desejava estudar. Diferentemente do questionário, em que se projetava no futuro formada em medicina e trabalhando, agora ela afirma não saber como se vê no futuro e também não apresentou perspectivas de trabalho.

3.2.6 José: “trabalhar e conquistar as coisas com meu suor”

Com 16 anos de idade, José está, pela segunda vez, no 1º ano do curso Técnico em Mineração no IFMG-OP. Vive no distrito com os pais e o irmão mais novo desde que nasceu. O irmão estuda na escola municipal do distrito. Residem em casa própria localizada na praça principal da comunidade. Seus pais possuem Ensino Médio completo. Seu pai é auxiliar de viagem e sua mãe balconista. A renda familiar é de um a dois salários mínimos. A família recebe auxílio dos programas assistenciais do governo.

José ingressou na escola com cinco anos. Não gosta de ler. Seus pais não tinham o hábito de ler histórias para ele quando criança. No Ensino Fundamental, o pai e a mãe

o ajudavam com os estudos e deveres de casa. Seus pais participavam também das reuniões e das atividades escolares quando eram convidados.

Foi reprovado em 2019, no 1º ano do Ensino Médio no IFMG-OP e afirma que costuma ficar em recuperação, principalmente por não estudar em casa. Nesse sentido, afirma também que não possui uma rotina de estudos em casa, nem local e horários específicos para estudar. Nem na época do Ensino Fundamental, nem agora no Ensino Médio. Fora da escola, “fazia as atividades de casa e só”. Quando fica com notas baixas, seus pais o colocam de castigo. Ele se considera um aluno mediano, ou seja, nem bom, nem mau aluno. No Ensino Médio, seus pais continuam acompanhando sua vida escolar: “perguntam sobre as coisas da escola, vão às reuniões...” José nunca pensou em parar ou abandonar os estudos e tem na formatura e no emprego a motivação para estudar. Segundo suas informações, quando não tem aula, não faz nada, adora “ficar à toa”.

Utiliza transporte público disponibilizado pela prefeitura para se deslocar até a escola. Além das aulas, costuma sair aos finais de semana com a corporação musical do distrito para tocar em apresentações em outros lugares, seja em Ouro Preto, em outros distritos ou nas cidades vizinhas. Em seu tempo livre, costume praticar esportes, navegar na internet e estudar música (saxofone e trompete), o que gosta muito!

Visita os amigos com frequência, geralmente aos finais de semana. Acessa muitos meios de comunicação e conversa com pessoas de diferentes lugares. Essas pessoas são parentes e colegas. Encontra com elas na escola, nas festas e encontros de bandas no distrito e fora dele.

Possui muitos amigos e colegas na escola, afirma ter uma boa relação com eles e não sente que existem diferenças entre os colegas do distrito e os de outros lugares. Em seu depoimento, José nos relatou que ninguém de sua família o inspira na vida escolar e profissional. No entanto, afirma que se sente influenciado pelos amigos, mesmo não indicando detalhes sobre essa influência.

José estudou na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito, até o 9º ano. Gostava da escola e aponta que as amizades com os outros alunos e funcionários era o que a escola tinha de melhor. Não identificou nada de pior na escola e afirmou: “não que eu me lembre”.

Quando terminou o 9º ano, seu objetivo era concluir o Ensino Médio. Assim que concluiu o Ensino Fundamental, fez o exame de seleção para o IFMG-OP. Foi aprovado para o curso Técnico em Mineração na primeira vez que tentou o exame de seleção.

Curso escolhido, não porque tivesse mais afinidade, mas por achar pouco disputado entre os colegas.

Entrevistador: Me conte melhor como foi esse processo para tentar entrar para o IFMG-OP ou para escolher permanecer na escola do distrito?

José: Eu fiz o vestibular por que eu queria estudar no IF, daí fiz minha inscrição, passei no vestibular do IF na primeira chamada e sem estudar para a prova

José afirma que queria estudar no IFMG-OP, sobretudo influenciado pela mãe: “queria estudar no IF, pois minha mãe já estudou lá e eu queria estudar lá também”. Além disso, aponta “a qualidade de ensino e minha mãe que quer me ver formado no IFMG-OP” como as principais razões que o levaram a estudar no Instituto. Nesse sentido, percebemos nas falas do José que a família, sobretudo a figura materna, teve grande influência na escolha da escola do Ensino Médio, apontando que o IFMG-OP era uma “boa base para o ENEM”. Além da família, José não indica que outras pessoas, amigos e familiares influenciaram na escolha da escola e evidencia também um protagonismo da figura materna em sua trajetória escolar.

Para ele o mais importante em uma boa escola é “a qualidade de ensino” e o IFMG-OP atende esse requisito. No que se refere as diferenças entre a escola do distrito e o Instituto Federal, José afirma que “no IFMG-OP em um trimestre aprendemos mais coisas que no distrito”. Acredita que fez a melhor escolha para o Ensino Médio e justifica afirmando que “muitos daqui dizem que o Ensino Médio no meu distrito é fraco”.

Embora tenha ingressado no curso de Mineração do IFMG-OP, esse não é o curso de sua preferência. A pretensão de José é continuar os estudos, motivado, principalmente, em “ter um bom emprego”. Ele pretende cursar Música na Universidade Federal de Ouro Preto ou na Escola de Sargentos das Armas. Espera, num futuro próximo, estar “trabalhando e conquistando as coisas com meu suor”. Tem uma “boa” perspectiva de trabalho e acredita que a escola o auxilia a atingir seus objetivos, sobretudo pela “qualidade do ensino” e por lhe deixar “mais responsável”.

3.3 Os jovens de Santo Antônio do Salto: entre o ficar e o partir

Podemos observar que a escolha do estabelecimento de ensino perpassa uma série de situações da vida dos jovens e de suas famílias, incluindo o deslocamento ou mudança de espaço, ou seja, o ficar e o partir, uma vez que a escolha da escola mobiliza o deslocamento entre a sede e o distrito.

Dessa forma, buscando refletir sobre o universo pesquisado e contribuir com as discussões a respeito da temática da juventude, socialização, escolha da escola e projetos de futuro, sobretudo nas relações entre espaços distintos, como é o caso dos pequenos distritos do interior, apresentamos nesse tópico uma discussão sobre as variáveis: *práticas educativas familiares e redes de sociabilidade; a escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro*. Tentamos assim promover uma relação mais sistematizada entre os dados empíricos e o referencial teórico apresentado nessa pesquisa.

3.3.1 Práticas educativas familiares e redes de sociabilidade

Como podemos observar, a relação família-escola é imperativa nas análises sociológicas sobre a educação. Desde um olhar macrosociológico de Bourdieu (1998) até um olhar microsociológico de Thin (2006; 2010; 2011); Lahire (2002; 2003; 2004; 2005), Setton (2005; 2009; 2011; 2012) e outros autores, observamos como a família e seus vários, complexos e multifacetados processos sociais interferem na vida escolar da prole.

Mesmo considerando uma série de outros elementos que estão inseridos nas relações sociais dos jovens estudados, notamos que a família é um elemento importante que interpela a vida dos jovens e, juntamente com outras instâncias e elementos sociais, influencia em sua formação.

Em nossa pesquisa, mesmo não nos debruçando profundamente em entender as práticas educativas ou as estratégias familiares de escolarização, evidenciamos que as famílias dos jovens participam ativamente da vida escolar dos seus filhos. Tal participação, que vem desde a fase inicial, ainda continua no Ensino Médio. Foi consenso entre os alunos entrevistados que os pais participam de suas vidas escolares.

Podemos indicar que, mesmo estando em classes sociais menos favorecidas e sendo moradoras de um pequeno distrito, as famílias se preocupam com a educação dos

filhos e constroem modos particulares de acompanhamento, de motivação e ajuda no processo escolar.

As famílias participam de reuniões e eventos escolares, incentivam os filhos a continuar o estudo e são fundamentais no processo de escolha da escola de Ensino Médio. Dos seis jovens entrevistados, quatro afirmaram que os pais liam histórias para eles quando criança. Os achados da pesquisa vão ao encontro do que já foi exposto nos capítulos anteriores de que o incentivo à prática da leitura aproxima as crianças do universo escolar, proporcionando no futuro o gosto pela leitura, além de interferir significativamente na forma e uso da linguagem (LAREAU, 2007). Nesse sentido, apenas José indicou que não gosta de ler e que seus pais não liam para ele quando pequeno. Todos os outros indicaram possuir gosto pela leitura. Até mesmo Sandra que também afirmou que seus pais não liam para ela quando criança.

A figura dos pais aparece com bastante força quando os jovens foram perguntados sobre a ajuda nos deveres de casa. Principalmente a figura materna, como um suporte afetivo, assim como sugerem Oliveira e Nogueira (2019). Sobre a participação nos eventos e reuniões, todos também assinalaram positivamente para a participação dos pais.

É interessante ainda apontar que Eliza, Sandra, Iara e Ariane indicaram ter uma rotina de estudos em casa, com local e horários específicos. Tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. A rotina, de certo modo, indica um acompanhamento familiar, principalmente levando as características do ambiente escolar para dentro do lar. Há uma apropriação, tanto pelos jovens quanto por suas famílias, da cultura escolar. Segundo Thin (2006) essa apropriação acontece pela confrontação entre lógicas socializadoras distintas: de um lado, as famílias populares, que tentam acompanhar os processos educativos da escola, criando estratégias para que seus filhos possam ter sucesso escolar, e de outro a escola e sua lógica organizacional de tempo, espaço, conteúdo, linguagem e outros elementos.

Percebemos pelas entrevistas que as famílias tinham uma intenção de se apropriar da cultura escolar e de estimular seus filhos a desenvolver o hábito do estudo e da dedicação ao aprendizado. Isso ficou evidente na fala dos pais da Ariane, por exemplo, que a incentivaram a estudar mesmo quando ela não foi aprovada no IFMG-OP. Ela fez o exame de seleção para o Instituto mais de uma vez, inclusive assim que saiu do 9º ano e não conseguiu ser aprovada. Seus pais a ajudaram e motivaram dizendo

que “não tem escola melhor quando o aluno está interessado a estudar para ser alguém na vida”.

Evidenciamos nessa pesquisa que as estratégias de educação familiar vão além da formação educativa dos pais. Acreditamos que a localização social e estrutural da família não determina por completo as práticas educativas familiares.

No entanto, percebemos que na família de Sandra estudante do IFMG-OP, cujo pai possui curso superior completo, o acompanhamento escolar se dá de modo mais dialógico em comparação aos outros jovens entrevistados. A jovem pontua que seus pais perguntam a ela sobre o que estudou, se ela compreendeu o conteúdo e, dependendo da situação, ainda debatem sobre o assunto. Nesse caso, o acompanhamento não se dá apenas de modo funcional, estando voltado também para a construção crítica da compreensão do conteúdo, bem como para o debate e organização de ideias. Diferente do que acontece nas outras famílias, em que verificamos formas mais diretivas e pontuais de acompanhamento, num formato mais objetivo e pragmático - se podemos assim dizer - como a participação nas reuniões, o acesso aos sistemas de informação da escola para visualizar as notas e o incentivo aos estudos.

De modo geral, encontramos nesta pesquisa práticas educativas comuns às famílias de classe popular: a valorização da escola como mobilidade social; a presença materna como suporte afetivo (OLIVEIRA E NOGUEIRA, 2019); o auxílio nas atividades e apoio nos deveres de casa e a presença dos pais na escola (LAHIRE, 2004).

A nosso ver, não existem diferenças significativas entre as estratégias familiares dos jovens que estudam no IFMG-OP e aqueles que estudam na escola estadual do distrito. As famílias parecem ter práticas comuns onde o apoio e a valorização escolar são constantes. Entre os jovens entrevistados José, estudante do curso de Mineração do IFMG-OP e Iza da EEJL-2 não possuem uma rotina específica de estudo. José também não gosta de ler. E reiteramos que todos afirmam ter participação dos pais em sua vida escolar.

Além do ambiente familiar, é importante indicar que os jovens possuem uma rede de sociabilidade caracterizada pelos diferentes contatos que exercem em seu cotidiano, seja no distrito ou em outros lugares, de modo físico ou virtual. Nessa rede de sociabilidade está o grupo de pares. Outros jovens, colegas e amigos que se influenciam mutuamente, na troca de ideias, no compartilhamento de músicas e vídeos, na construção de um estilo, na comunhão de opiniões, entre tantos outros elementos que fazem parte de seus cotidianos.

Apenas José tem atividades extraescolares organizadas. Ele se dedica à música, é integrante da corporação musical do distrito e gosta muito de esportes. Divide sua vida escolar com essas outras rotinas.

A rede de sociabilidade desses jovens se constrói na relação com a escola, a família e a comunidade. Escola, família, redes sociais e a mídia (PASQUIER, 2005; SETTON, 2011) são constantes na vida desses jovens.

A pesquisa com os jovens de Santo Antônio do Salto demonstrou que, mesmo sendo moradores de um distrito com características rurais, há uma pluralidade na comunicação. Há uma hibridação (SETTON, 2012) de instâncias socializadoras capazes de transformar a visão de mundo dos jovens, bem como influenciar em suas diversas relações cotidianas, inclusive na relação com a família, com a escola e também com os projetos futuros. Isso acontece tanto com os que estudam na sede do município, quanto com os que continuam estudando no distrito. Todos disseram que a internet faz parte de suas vidas.

Percebemos que os jovens em questão estão inseridos na lógica global, sobretudo proporcionada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. Mesmo residindo num pequeno distrito, distante da sede, o mundo global e toda a sua complexidade está presente na vida deles, colocando seus processos de socialização em constante transformação, como afirma Setton (2012). Nesse sentido, podemos dizer que esses jovens vivem a hibridação de valores, de cultura, de opiniões, de expressões... Circulam novos e diferentes espaços, novos tempos e novas formas de socialização, influenciados pela sociedade de consumo e pela produção cultural (DAYREL, 2002).

Desconsiderando a saída do distrito para irem estudar no IFMG-OP, apenas Iza afirmou sair frequentemente do distrito. Ela, inclusive, não estuda no Instituto Federal. Todos os outros alunos afirmaram sair poucas vezes. Quando saem, vão geralmente para Ouro Preto para passear, fazer compras, acompanhar os pais/mães ou consultar a médicos e dentistas como demonstrou também a pesquisa de Lebourg (2015).

Isso demonstra que tais jovens possuem uma rede de sociabilidade fisicamente mais fechada. Fisicamente, pois, quando questionados sobre o contato com outras pessoas, eles afirmam possuir muitos contatos, que são estabelecidos de modo virtual pelas inúmeras redes sociais acessadas por eles. Todos admitem o uso das redes sociais para manter contato com pessoas de diferentes locais, geralmente parentes, amigos e colegas.

A rede de sociabilidade construída na escola também é importante para esses jovens. Como Abromovay, Castro e Waiselfisz (2015), podemos destacar a escola como um importante espaço de socialização. Todos os jovens entrevistados admitem possuir muitos amigos na escola em que estudam e dizem ter uma boa relação com eles, de companheirismo, diversão e amizade. Sandra, Eliza e Ariane, inclusive, afirmaram possuir amigos que influenciam na vida escolar e profissional, amigos esses que cultivam desde a infância, são “amigos de sala” na fala delas.

Interessante notar que Eliza, Sandra, Iara e Ariane indicam sentir diferenças nas relações com amigos do distrito e de outros lugares. Essas diferenças segundo elas estão na “visão de mundo”, na “maturidade e maldade com o mundo” e no fato do “distrito ser mais afastado da cidade”.

Não aparecem nas entrevistas relações dos jovens com turistas ou visitantes estranhos à comunidade ou ao círculo de parentesco e de amizade de suas famílias. Nenhum jovem pontuou que tem contato com turistas. Tal situação nos surpreendeu, pois esperávamos que os jovens entrevistados fossem mencionar contatos com turistas, uma vez que o distrito tem recebido cada vez mais pessoas da região e de Belo Horizonte em busca de esportes de aventura, cachoeiras e caminhadas nas diversas trilhas. Lembramos ainda que o distrito recebe também muitos turistas no Festival Gastronômico que acontece anualmente na praça principal.

Concluindo, podemos reafirmar a existência de práticas e estratégias de escolarização entre as famílias de classe popular, assim como faz Thin (2010). Indicamos que existe uma forte mobilização pessoal e familiar entre os jovens entrevistados. Com exceção da Iza que não prestou o vestibular para o IFMG-OP e do José que foi aprovado na primeira tentativa, as outras quatro jovens-alunas tentaram mais de uma vez o exame de seleção. Sandra, Iara e Eliza perderam um ano escolar ao irem para o IFMG-OP. E a Ariane, mesmo não sendo aprovada, também tentou o vestibular mais de uma vez.

Percebemos ainda que há um esforço para se manterem no IFMG-OP, como é o caso de José e Iara, que mesmo não gostando do curso técnico que estão matriculados, continuam se esforçando para estarem no IFMG-OP, acreditando que é a melhor escolha para suas vidas.

Verificamos também que a globalização, a mídia, a escola, os amigos e colegas, bem como a família são elementos importantes na organização da condição juvenil dos jovens pesquisados, sobretudo na escolha da escola de Ensino Médio e na organização e

planejamento dos seus projetos de futuro ou de escolarização, como veremos no próximo tópico.

3.3.2 A escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuro

A escolha do estabelecimento escolar é uma das práticas ou estratégias de escolarização das famílias de camadas populares, conforme pontua Lahire (2004) e que nós destacamos nesse trabalho.

Os jovens pesquisados e suas famílias passaram por um processo de escolha da escola de Ensino Médio. Esta escolha mobiliza o deslocamento entre o distrito e a sede, tendo contato com outra realidade, com outro espaço, noutra relação social. O deslocamento entre a sede e o distrito é uma consequência do processo de escolha da escola. Há uma transição espacial, que traz consigo várias mudanças na vida dos jovens e de suas famílias, sobretudo no que se refere aos projetos de futuro ou de escolarização.

Existem variáveis no processo de escolha do estabelecimento de ensino: diferentes perfis familiares (RESENDE, NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2011); a concorrência sobre as atividades dos estabelecimentos escolares (VAN ZANTEM, 2005); a ideia do “quase mercado” e a busca por melhores posições no mercado escolar (COSTA, 2011; COSTA e KOSLINKY, 2009; SOUZA, 2010), os diferentes tipos de escolhas parentais (COSTA e KOSLINKY, 2012); os fatores de oferta e de demanda (ALVES, 2010) e tantos outros.

Em nossa pesquisa, verificamos que os jovens e suas famílias possuem duas escolhas: ou escolhem continuar no distrito, estudando na Escola Estadual, ou escolhem fazer o exame de seleção para IFMG-OP. Cabe ressaltar que, além dessas escolhas, os jovens do distrito podem ainda interromper os estudos ou migrar para outra localidade. O que não foi foco desta pesquisa. Outra questão interessante é que nem sempre os jovens possuem uma escolha. Às vezes, é uma “não escolha” carregada de uma forte presença das expectativas de prolongamento do estudo.

Todos os alunos entrevistados construíram suas trajetórias escolares no distrito de Santo Antônio do Salto, fazendo na escola municipal do distrito todo o período do Ensino Fundamental. Eles destacam características positivas e negativas desse período no que se refere à escola. Eliza, Sandra, Ariane, Iza e José apontaram que gostavam da escola e Iara indicou “mais ou menos”. Como positivo destacam o papel dos professores e somente José aponta as amizades com os outros alunos e com os funcionários. Já

como negativo, eles revelam que “Ficavam muito sem aula e não tinha reposições”; “Às vezes, acho que a escola deveria ter cobrado mais de alguns professores”; “O início do ano letivo sempre faltava professor e, às vezes, isso se prolongava até o meio do ano. Apesar disso, eu não queria ter estudado em outro lugar”. Iza, José e Eliza assinalaram que a escola não apresentava nada de pior.

Perguntados sobre qual era o objetivo deles em relação aos estudos quando concluíram o Ensino Fundamental, os jovens responderam que:

Meu primeiro objetivo era mudar de escola (Iara, 17 anos).

Estudar para ter um Ensino Médio bom e um dia realizar os meus sonhos (Ariane, 17 anos).

Concluir o Ensino Médio (José, 16 anos).

Fazer o Ensino Médio e Técnico para conseguir um emprego mais rápido (Sandra, 18 anos).

Continuar estudando, para adquirir mais conhecimentos e prestar o ENEM (Iza, 18 anos).

Conseguir estudar no Instituto Federal (Eliza, 16 anos).

A continuidade dos estudos é comum na fala desses jovens. Todos pretendiam continuar os estudos após o Ensino Fundamental. Podemos ver ainda que três jovens já assinalam que queriam mudar de escola, indicando o curso Técnico ou o Instituto Federal. Ao longo do Ensino Fundamental esses jovens já tinham o projeto de estudar no IFMG-OP. Já tinham feito uma escolha.

Eles apresentam motivos diferentes ao serem questionados pelas razões que os levaram a estudar na escola em que fazem o Ensino Médio. Iza não respondeu essa questão.

Por ser uma escola Técnica e também com carga horária maior (Iara, 17 anos).

Pois não passei no IFMG e para mim morar em Ouro Preto fica difícil (Ariane, 17 anos).

A qualidade do ensino e minha mãe quer me ver formado no IFMG (José, 16 anos).

Por considerar o instituto o melhor de Ouro Preto para aprender (Sandra, 18 anos).

Recursos para ter um futuro melhor (Eliza, 16 anos).

Identificamos entre as razões elementos diversos: o fato de a escola ter o ensino técnico, o que segundo os jovens, abre a possibilidade de se conseguir um emprego com mais facilidade – a questão do emprego aparece várias vezes ao longo da entrevista-; a consideração do IFMG-OP como uma boa escola, onde a qualidade do ensino é melhor; o desejo dos pais, no caso, principalmente da mãe; e o pensamento no futuro, acreditando que o fato de estudar abre portas para uma vida melhor.

Interessante observar a jovem Ariane, que não foi aprovada no IFMG-OP. Sua fala pode apresentar certo grau de decepção por não ter sido aprovada no exame de seleção, sentimento completado ainda pela falta de condição para morar em Ouro Preto caso escolhessem outra escola. Nas palavras dela: “seria difícil!”. No entanto, a jovem, motivada pelos pais, não desanimou em estudar e continua acreditando que este seja o melhor para seu futuro. Os pais a motivam:

conversam comigo, falando que não tem escola melhor quando o aluno está interessado a estudar para ser alguém na vida (Ariane, 17 anos)

Notamos assim que o ato da escolha está, consciente ou inconscientemente, relacionado ao pensamento no futuro. Associam a escola e o que ela produz a uma condição de vida melhor. Isso acontece tanto com os alunos que vão para o IFMG-OP quanto com os que ficam estudando no distrito.

No caso específico de nossa pesquisa, podemos citar a questão territorial ou espacial. Assim como Paula e Nogueira (2018) e Batista e Érnica (2012), acreditamos que as desigualdades socioespaciais impactam as desigualdades escolares e, conseqüentemente, também são levadas em consideração no ato de escolha do estabelecimento escolar. Acrescentamos ainda, a partir das leituras de Zago (2016) as dificuldades espaciais, territoriais, econômicas, tecnológicas do meio rural ou dos pequenos distritos. O mundo rural ainda é tido como atrasado e os recursos públicos, por exemplo, nem sempre fornecem as melhores condições para os serviços ofertados nesses espaços. Dessa forma, concordamos com Zago (2016) e reafirmamos que existe uma imensa desigualdade educacional entre o campo e a cidade. E isso precisa ser muito refletido pelas pesquisas em educação.

Consideramos assim, que nessa pesquisa, aparece também certa “geografia de possibilidades” (FLORES, 2008 apud LACERDA, 2013), em que o deslocamento para o IFMG-OP é mais interessante e vantajoso que a permanência na escola estadual do distrito, nem que os estudantes tenham que fazer cursos para os quais reconhecidamente

não têm afinidade, como é o caso de José e Iara. Relembramos ainda que Eliza, Iara e Sandra tiveram que perder um ano da vida escolar ao serem aprovadas no IFMG-OP quando já tinham cursado o 1º ano do Ensino Médio na escola do distrito.

Mesmo considerando os sacrifícios familiares e pessoais dos jovens relacionados à intensa rotina de estudos, às horas gastas no transporte escolar, ao cansaço e aos custos que estudar na sede do município implicam, os jovens e suas famílias, ainda assim, investem na educação oferecida pelo IFMG-OP por julgarem que essa escola traz maiores possibilidades de emprego e de futuro.

A posição de destaque das escolas federais na hierarquia escolar brasileira, mesmo que de modo inconsciente, exerce forte atratividade entre as famílias e os jovens de todas as camadas sociais, principalmente entre as camadas populares. A busca pelo ingresso se dá principalmente pela construção histórica e social de uma escola de “excelência” (GOMES e NOGUEIRA, 2017).

Precisamos destacar que, mesmo sendo de classe popular, as famílias desses jovens investem muito em seus filhos. Mesmo naqueles que não passam de primeira no Instituto e acabam perdendo um ano no processo de seleção e daqueles que vão para o IFMG-OP e reprovam. Fica evidente que a escolha não passa por uma escolha do curso em si, uma vez que apenas Sandra destacou o desejo e afinidade com a área do curso técnico que fez. Na verdade eles fazem uma escolha da escola. O curso é aquele que oferece maior chance de ser aprovado, levando em conta a concorrência representada pela relação candidato por vaga já demonstrada nesse trabalho. Assim, a escolha acontece também pelo prestígio da escola, na expectativa de que abra possibilidades.

Evidenciamos que os pais ajudaram os jovens a escolher a escola de Ensino Médio. Todos os entrevistados apontaram a motivação, as conversas sobre a escola ou sobre a aprovação/reprovação no exame de seleção do IFMG-OP e o incentivo dos pais para que continuem os estudos.

Observamos assim, que ao escolher o estabelecimento escolar para cursarem o Ensino Médio, os jovens e suas famílias ou escolhem usando a conveniência prática em concomitância ao fato de não serem aprovados no exame de seleção, ou apenas por conveniência prática como afirma a aluna que fez todo o Ensino Médio na escola do distrito: “Sempre estudei aqui! É perto da minha casa” (Iza, 18 anos); ou observando a estrutura da escola, bem como sua função educativa, levando em conta os atributos internos como o projeto político pedagógico, as metodologias, o desempenho nas avaliações internas e externas, a “fama” prestigiosa da escola e outros (COSTA E

KOSLINSKY, 2012), como acontece com os jovens que vão para o IFMG-OP. Acrescentamos ainda, como faz Lacerda (2006) ao descrever o ITA, que os elementos que caracterizam a alta qualidade, os detalhes das instalações dos prédios, a constituição histórica e tradicional, a seletividade, o estilo educativo, o espírito de corpo e o rendimento social dos títulos escolares funcionam também como atrativos para a escolha da escola e também podem ser usados no caso do IFMG-OP.

Percebemos que a escolha se dá pela escola. O Instituto atrai os alunos e suas famílias. E como consequência, temos o deslocamento e a obrigação de fazer um curso técnico, mesmo que não seja da vontade dos jovens. Além de ser uma escola com uma estrutura atrativa, se mantém a ideia de que as famílias enxergam o curso técnico em uma instituição federal como uma forte possibilidade de se conseguir rapidamente um “bom emprego”, juntamente com uma ascensão social, mesmo que os filhos não tenham afinidades com as áreas oferecidas pelo Instituto.

Interessante destacar o caráter de Ensino Médio integrado ao curso Técnico que parece atrair os jovens das camadas populares e suas famílias, principalmente, num primeiro momento ao pensar no mundo do trabalho.

No entanto, ao relacionarmos os projetos de futuro dos jovens pesquisados que estudam no IFMG-OP com os cursos técnicos em que estão matriculados, percebemos, como na pesquisa de Anjos (2013) que os alunos escolhem o Instituto pela questão do ensino mais avançado, da consideração de uma boa escola e como possibilidade de um ensino mais valorizado. Os projetos de futuro ou escolarização dos jovens, em sua maioria, não possuem afinidade com o curso técnico que fazem no Ensino Médio. Nessa pesquisa, por exemplo, os jovens José e Iara afirmaram não ter afinidade com o curso técnico que fazem, bem como possuírem projetos futuros voltados para áreas totalmente distintas de seus cursos atuais.

Os projetos de futuro são escolhas, porém dentro de uma realidade do possível. São influenciados por elementos diversos, como a escola, a família, o grupo de pares. Os projetos possuem um contexto. São construídos dentro de uma condição juvenil em que os desejos se transformam em objetivos, em busca de um rumo para a vida, numa relação constante entre passado, presente e futuro (DAYREL, 2013). Assim, entender os projetos de vida é interpretar o modo como os sujeitos se posicionam diante da construção do futuro e de suas identidades, como mostra Dayrell (1999). Todo projeto futuro traz em si disposições familiares e refletem as expectativas sociais dos grupos aos quais os jovens pertencem (LAHIRE, 2005).

Nesse trabalho percebemos projetos mais e menos definidos. Identificamos que não existe uma relação direta de desigualdade entre a construção dos projetos dos alunos que estudam no IFMG-OP e os que estudam na escola estadual. Projetos mais e menos definidos aparecem nas duas escolas. Não é possível afirmar, como fizeram Costa e Koslinski (2006), que existe uma expectativa de futuro profissional e escolar bem diferenciados entre as duas escolas pesquisadas. Na escola estadual, por exemplo, entrevistamos Iza, que tem o projeto de ser Médica. Não conseguimos indicar assim que as diferenças entre as duas escolas tiveram peso significativo na formulação dos projetos de futuro, mesmo estando em espaços socioeconômicos, culturais e de infraestrutura totalmente diferentes.

Os alunos entrevistados disseram que a escola os auxiliam a alcançar seus objetivos, seja “dando uma boa base para fazer o ENEM”; seja “na qualidade do ensino” e na formação de uma “pessoa mais responsável”; ou “dando conselhos” e motivando-os; ou ainda, “construindo conhecimentos e experiências que serão necessários para alcançar seus objetivos”. Os alunos acreditam na influência da escola em suas vidas profissionais, relacionando os projetos de futuro ao sucesso alcançado nos estudos, como aparece também na pesquisa de Coutrim, Cunha e Matos (2016). Assim sendo, não podemos desconsiderar o papel da escola na formulação dos projetos de futuro.

Percebemos que os jovens entrevistados relacionam o projeto de futuro à continuação dos estudos. Estudar para ter uma condição de vida melhor parece ser uma premissa presente na vida de todos eles, assim como acontece com a Iza ex-aluna da EEJL-2 que se formou em 2019 e já está fazendo um curso superior, mesmo que não seja exatamente o que ela queria.

O mundo do trabalho é bem presente na formulação de seus projetos e juntamente com o desejo de uma vida melhor, são motivações para continuarem os estudos. Nos projetos não temos apenas desejos objetivos e racionais, tampouco totalmente subjetivos. É possível encontrar uma propriedade de classe que, nesse caso, relaciona o desejo futuro entre o estudo, o mundo do trabalho, um bom emprego e uma melhor condição de vida.

Concluindo, acreditamos que há uma complexa relação entre fatores culturais, a circulação por meios sociais, o aporte familiar, a experiência vivida no processo de escolarização e a origem socioeconômica, o que nos faz crer que refletir sobre os

projetos de vida de jovens é uma tarefa desafiadora que vai muito além das questões relacionadas ao material e ao econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as juventudes é algo complexo, principalmente quando tentamos compreender as relações entre os projetos de futuro dos jovens, a escola e a família. Nossa pretensão de forma alguma é esgotar esse assunto, mas sim apresentar uma reflexão sobre essas temáticas, tomando como *locus* de pesquisa um pequeno distrito do interior do Brasil.

Especificamente nossa pesquisa trouxe uma discussão sobre a questão da escolha do estabelecimento escolar e os projetos de futuros dos jovens estudantes de duas escolas do Ensino Médio: uma escola estadual localizada num pequeno distrito do interior e um Instituto Federal localizado na sede do Município. Percebemos que essa escolha acontece de diferentes formas, estando relacionada ao ambiente familiar e suas inúmeras características. Capital cultural (BOURDIEU, 1998), estrutura econômica, formação dos pais, vulnerabilidades territoriais e tantos outros elementos (RESENDE, NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2011; COSTA e KOSLINSKY, 2009; ALVES, 2008; PAULA e NOGUEIRA, 2018; BATISTA e ÉRNICA, 2012) são importantes nesse processo de escolha do estabelecimento de ensino e, de certo modo, impactam a vida dos jovens e de suas famílias.

Lembramos que os jovens participantes dessa pesquisa vivenciam um momento de várias transições: do Ensino Fundamental para o Ensino Médio (em alguns casos, para a vida após o Ensino Médio), o deslocamento e mudança de escola ou de espaço, as transformações que esses jovens vivenciam física e psicologicamente. É nesse sentido que nos indagamos sobre os distintos elementos que levam os jovens-alunos de Santo Antônio do Salto a permanecerem estudando na escola de Ensino Médio presente no distrito, ou, se deslocarem para estudar no IFMG-OP. Dessa forma, nosso *objetivo geral* foi compreender os fatores de permanência ou de deslocamento dos jovens e os *objetivos específicos* foram investigar qual a importância atribuída à escola e à educação escolar na construção dos projetos de futuro, e verificar as lógicas socializadoras e estratégias de escolarização familiares presentes na escolha do estabelecimento escolar. Podemos afirmar que alcançamos os objetivos propostos, mesmo tendo algumas limitações na metodologia em função da pandemia de COVID-19.

Por meio do suporte metodológico usado nessa pesquisa foi possível traçar uma caracterização dos jovens e suas famílias, evidenciando elementos econômicos, a relação com o espaço, a escola e os projetos de futuro, bem como, por meio das

entrevistas semiestruturadas, construir o perfil de seis jovens: Eliza, Sandra, Iara, Ariane, José e Iza.

Percebemos que os fatores de permanência ou de deslocamento perpassam diferentes situações da vida dos jovens, estando presentes na socialização, na educação escolar e em outros elementos como a mídia e as telecomunicações proporcionadas pela globalização. Assim como as pesquisas trazidas nesta dissertação, a investigação empírica nos mostrou que as práticas educativas familiares e as redes de sociabilidade são muito importantes para a compreensão da escolha desses jovens. Além disso, precisamos considerar a socialização como um processo de hibridação (SETTON, 2012), sobretudo ao pensar a condição juvenil (DAYREL, 2007; ABRAMO, 2008).

Por isso consideramos várias instâncias socializadoras na formação dos jovens, marcada também pelo processo de globalização, numa formação híbrida que se dá, sobretudo pelas inúmeras relações com a mídia, a tecnologia e o grupo de pares (SETTON, 2012; PASQUIER, 2005).

A família é um elemento importante que interpela e influencia a vida e a formação dos jovens. Nessa perspectiva, é evidente a participação ativa das famílias na vida escolar dos seus filhos. No entanto, os dados encontrados não nos permitem perceber diferenças nas estratégias familiares dos alunos do IFMG-OP e da EEJL-2.

Observamos que a rede de sociabilidade desses jovens se constrói na relação com a escola, a família, a comunidade e também com as redes sociais. Assim como apontam Pasquier (2005) e Setton (2011, 2012), no caso dessa pesquisa, as redes sociais e a mídia são constantes na vida desses jovens.

O deslocamento entre o distrito e a cidade está intrínseco à escolha do estabelecimento escolar. Ou seja, a escolha da escola de Ensino Médio mobiliza o deslocamento. Isso promove o contato com outro espaço e conseqüentemente outras relações sociais. Surge aí certo tipo de diferenciação espacial, que também influencia na escolha, criando uma espécie de “geografia de possibilidades” (FLORES, 2008 apud LACERDA, 2013), em que o deslocamento para o IFMG-OP é mais interessante e vantajoso que a permanência na escola estadual do distrito, mesmo que os estudantes tenham que fazer cursos para os quais reconhecidamente não têm afinidade ou tenham que perder um ano da vida escolar ao serem aprovados no exame de seleção. Há um esforço para se manterem no IFMG-OP, como é o caso de José e Iara que mesmo não gostando do curso técnico que estão matriculados, continuam se esforçando para continuarem ali, acreditando que é a melhor escolha para suas vidas.

O ato da escolha está, consciente ou inconscientemente, relacionado ao pensamento no futuro. Associam a escola e o que ela produz a uma condição de vida melhor, o que acontece tanto com os alunos que vão para o IFMG-OP quanto com os que ficam estudando no distrito. A continuidade dos estudos é comum entre os jovens estudantes das duas escolas.

Sobre os projetos de futuro observamos que eles são influenciados pela escola, família e grupo de pares e são permeados por uma propriedade de classe, uma espécie de causalidade do possível. Nos projetos se manifestam as disposições familiares, criadas e reproduzidas por gerações precedentes e incorporadas pelo indivíduo (LAHIRE, 2004). Percebemos que nos projetos não temos apenas desejos objetivos e racionais, tampouco totalmente subjetivos. É possível observar que os jovens relacionam o desejo futuro entre o estudo, o mundo do trabalho, um bom emprego e uma melhor condição de vida. Nessa pesquisa, não observamos diferenças entre os projetos de futuro dos jovens da EEJL-2 e do IFMG-OP.

Os projetos são construídos em função da experiência sociocultural, de um código de vivências, interações e interpretações. Isso acontece, por exemplo, na vida da Eliza, jovem que apresentou diferentes projetos de vida em curto período de tempo. Como numa metamorfose (VELHO, 2003), seu projeto se transformou. Essa capacidade de transformação do campo de possibilidade que influencia na formulação dos projetos é o que os torna dinâmicos, podendo se alterar ao longo da trajetória de vida.

Ao trabalharmos os referenciais teóricos sobre as juventudes nos ativemos a pensar na pluralidade de jovens, entendendo a condição juvenil para além da faixa etária, mesmo compreendendo a necessidade da delimitação etária para a construção de políticas públicas que são importantes para a manutenção da qualidade de vida, principalmente dos jovens de camadas populares.

Interessante pontuar que fatores como a vulnerabilidade do território, as questões estruturais e econômicas, as características culturais e outros elementos perpassam a formação das juventudes e impactam na condição juvenil, ou seja, no modo de ser e estar perante a vida (DAYREL, 2007).

Pelos questionários, foi possível identificar características gerais dos alunos, como cor, gênero e nível socioeconômico que podem trazer diferenças para o grupo pesquisado. Essas diferenças, embora sejam pequenas, são significativas e podem explicar, mesmo que parcialmente, as escolhas das escolas.

Todos os jovens residem no distrito desde que nasceram, vivem em casa própria e com acesso a TV. Do total de jovens participantes dessa pesquisa, 14 (48,2%) se autoafirmaram do sexo feminino e 15 (51,8%) do sexo masculino. A idade desses jovens varia dos 15 aos 20 anos, e estão distribuídos nos três anos do Ensino Médio. Observamos uma distorção idade-série, sobretudo entre os alunos matriculados no 1º ano do IFMG-OP. Verificamos também, que os alunos da escola federal possuem maior índice de reprovação quando comparados aos alunos do EEJL-2. O grupo de jovens que estuda no IFMG-OP é menor (41,4% do IFMG-OP e 58,6% da EEJL-2).

Notamos que as famílias economicamente mais vulneráveis estão entre os alunos da EEJL-2, uma vez que oito jovens dessa escola, ou seja, 27,58% do total da amostra afirmaram que suas famílias vivem com menos de um salário mínimo. Separando por escolas, temos que 52,94% da EEJL-2 vivem com menos de um salário mínimo. Em contrapartida, apenas 8,3% do IFMG-OP possui essa renda. Entretanto, observamos também que o rendimento médio de todas as famílias é baixo, se concentrando entre um e dois salários mínimos.

Destacamos, a importância da assistência estudantil do IFMG-OP para os alunos do distrito. Dos 12 estudantes do IFMG-OP que responderam ao questionário, 11 (91,66%) recebem assistência estudantil, seja em forma de bolsa permanência ou vale refeição.

Não percebemos diferenças significativas entre os dois grupos no que se refere a autoidentificação racial, uma vez que a maior parte dos respondentes de cada escola (58,33% do IFMG-OP e 58,82% da EEJL-2) se autodeclarou preta.

A diferença de escolarização dos pais, no caso dessa pesquisa, não é expressiva, uma vez que a maioria concentra a escolaridade no Ensino Médio. Entretanto, podemos observar uma ligeira vantagem dos alunos do IFMG-OP em relação aos da EEJL-2, uma vez que o universo pesquisado da EEJL-2 é maior. Nesse sentido, os pais dos alunos que estudam no IFMG-OP possuem maior escolaridade.

Em relação à escolha da escola, é unanimidade entre os jovens que estudam na EEJL-2 que a escolha se deu por ser a única do distrito. Diferentemente, os jovens que estudam no IFMG-OP relacionaram a escolha ao fato do Instituto Federal ser uma boa escola, bem como serem influenciados pelos pais, amigos e familiares.

Para esses jovens a escola tem peso significativo na vida e na formação. Conseguimos identificar diferenças entre os dois grupos. Dos 12 jovens-alunos que estudam no IFM-OP, 11 (91,67%) atribuíram nota maior que oito para a influência da

escola. Já entre os 17 jovens que estudam na EEJL-2, 10 (58,82 %) alunos atribuíram nota maior que oito para a escola.

No que se refere às diferenças na formação entre as duas escolas, 22 alunos (75,86%) afirmaram perceber diferenças. Sendo onze alunos de cada escola (91,66% do IFMG-OP e 64,7% da EEJL-2).

Uma vez que a socialização é um “processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo” (SETTON, 2011, p. 715), foi essencial trazer para a essa dissertação referenciais teóricos que nos ajudam a refletir sobre a socialização dos jovens na tentativa de compreender esse processo e suas implicações.

Mesmo considerando a hibridez da socialização, é inegável o papel da escola e da família na socialização dos jovens, conforme demonstrado nessa pesquisa. As estratégias de escolarização familiar, sobretudo a prática de escolha do estabelecimento escolar são presentes na vida dos jovens.

Especificamente sobre a estratégia de escolha do estabelecimento escolar, não podemos simplificar a questão afirmando que a escolha acontece apenas buscando a excelência escolar. Como apresentado nessa dissertação, existe uma série de questões complexas e múltiplas que vão muito além da busca consciente e planejada pela excelência. É nesse sentido que tentamos compreender a formação dos projetos de futuro dos jovens e sua relação com a família e a escola, uma vez que essas instituições influenciam a construção dos projetos pelos jovens e evidenciam diferentes formas de planejamento de seu futuro.

Percebemos uma forte relação entre os projetos de futuro e a escola, principalmente na consideração de uma possível mobilidade social, ou uma forma de ascendência e mudança de *status*, como também demonstrado na pesquisa de Coutrim, Cunha e Matos (2016).

Assim como Santiago (2006), podemos evidenciar que a escola assume um importante papel na construção de conhecimento, bem como na qualificação profissional, podendo ainda indicar uma mudança ou melhoria de vida dos jovens. Nesse sentido, reiteramos que para os jovens de camadas populares, o Ensino Médio é ainda mais relevante, sendo crucial na sua formação pessoal e profissional.

De forma sintética, podemos destacar elementos importantes encontrados nessa pesquisa sobre a socialização dos jovens; as estratégias educativas familiares e a escolha do estabelecimento escolar; e os projetos de futuro.

Na socialização, identificamos que a família e seus vários, complexos e multifacetados processos sociais interferem na vida escolar da prole. A participação familiar vem desde a fase escolar inicial e continua no Ensino Médio. Foi consenso entre os alunos entrevistados que os pais participam de suas vidas escolares. As famílias se preocupam com a educação dos filhos e constroem modos particulares de acompanhamento, de motivação e ajuda no processo escolar, mesmo estando em classes sociais menos favorecidas e sendo moradoras de um pequeno distrito. Por exemplo, podemos indicar o incentivo à leitura, a ajuda nos deveres de casa e a construção de uma rotina de estudos como elementos do acompanhamento familiar. E não podemos deixar de mencionar a figura materna como um suporte afetivo.

Como observamos, o fato de encontrarmos pais mais escolarizados faz com que as famílias tenham traços familiares mais próximos das lógicas da escola. São famílias populares, mais escolarizadas e, por conseguinte, com práticas menos distantes do mundo escolar.

Pelas entrevistas, percebemos que as famílias tinham uma intenção de se apropriar da cultura escolar e de estimular seus filhos a desenvolverem o hábito do estudo e da dedicação ao aprendizado, ou seja, há uma apropriação da cultura escolar pelas famílias (THIN, 2006).

As estratégias de educação familiar vão além da formação educativa dos pais (LAREAU, 2007). No entanto, observamos na família de uma jovem, a Sandra, que a instrução do pai influencia de modo significativo na maneira como acontece o acompanhamento escolar em sua casa: um modo mais dialógico em comparação com os outros jovens. O acompanhamento não se dá apenas de modo funcional, estando voltado também para a construção crítica da compreensão do conteúdo, bem como para o debate e organização de ideias.

Destacamos que a valorização da escola como mobilidade social; a presença materna como suporte afetivo (OLIVEIRA E NOGUEIRA, 2019); o auxílio nas atividades, o apoio nos deveres de casa e a presença dos pais na escola (LAHIRE, 2004) são práticas comuns à classe popular e também aparecem constantemente nessa pesquisa. As famílias parecem ter práticas comuns onde o apoio e a valorização escolar são constantes. Não evidenciamos como já exposto, diferenças de práticas educativas entre as famílias dos jovens das duas escolas.

A rede de sociabilidade desses jovens é caracterizada pelos diferentes contatos que exercem em seu cotidiano, seja no distrito ou em outros lugares, de modo físico ou

virtual. A pesquisa com os jovens de Santo Antônio do Salto demonstrou que, mesmo sendo moradores de um distrito do interior, há uma pluralidade na comunicação. O que indica que esses jovens vivem a hibridação de valores, de cultura, de opiniões, de expressões...

Os jovens possuem uma rede de sociabilidade fisicamente mais fechada e fortemente marcada pelo uso das tecnologias da informação. Todos admitem o uso das redes sociais para manter contato com pessoas de diferentes locais, geralmente parentes. Não aparecem nas entrevistas relações dos jovens com turistas ou visitantes estranhos à comunidade ou ao círculo de parentesco e de amizade de suas famílias. A escola também aparece como um importante espaço de socialização.

Não podemos deixar de mencionar que as desigualdades socioespaciais impactam as desigualdades escolares e, conseqüentemente, também são levadas em consideração no ato de escolha do estabelecimento escolar. Dessa forma, concordamos com Zago (2016) e reafirmamos que existe uma imensa desigualdade educacional entre o campo e a cidade, ou ainda, entre as cidades e os pequenos distritos do interior, o que precisa ser muito trabalhado nas pesquisas em educação.

Os jovens do distrito investigado e suas famílias investem na educação oferecida pelo Instituto por julgarem que essa escola traz maiores possibilidades para o futuro. Não encontramos uma relação direta de desigualdade entre a construção dos projetos dos alunos que estudam no IFMG-OP e os que estudam na escola estadual. Projetos mais e menos definidos aparecem nas duas escolas.

Assumimos o desenvolvimento das entrevistas semiestruturadas como um diferencial dessa pesquisa que impactou de modo direto e incisivo sobre a análise dos resultados. Como já apresentado, devido a pandemia da COVID-19 as entrevistas foram desenvolvidas de modo remoto e escrito. A nosso ver, essa mudança metodológica foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, enriquecida, é claro, pela análise reflexiva e dialógica a partir dos referenciais teóricos nacionais e internacionais utilizados. Ressaltamos a necessidade de melhor reflexão sobre o uso dessas ferramentas remotas, que podem muito contribuir para a construção de novas possibilidades de pesquisa, não são na área da educação, mas em todas as outras.

Além disso, não podemos deixar de destacar o quão desafiante é a vida do professor de educação básica que se envereda pelos caminhos da pesquisa. Assumir mais de 20 aulas semanais em três escolas diferentes e, concomitantemente, desenvolver

uma pesquisa de mestrado foi algo extremamente exaustivo, sobretudo na tentativa de cumprir o cronograma e não perder a riqueza da pesquisa.

Por fim, como limitação temos o reconhecimento das balizas temporais de uma pesquisa de mestrado, o que nos faz crer que uma análise mais detalhada poderia trazer maiores riquezas sobre a temática em questão. Os resultados desse estudo poderiam ser melhores em outras condições temporais e estruturais.

Por outro lado, precisamos sinalizar que essa pesquisa contribui para a construção do conhecimento na área da Educação, evidenciando situações específicas a respeito da escolha do estabelecimento escolar pelos jovens moradores de pequenos distritos do interior e, ainda, corrobora com a reflexão sobre o papel da escola e da família na construção dos projetos de futuro dos jovens. No entanto, esse estudo não esgota as possibilidades de compreensão sobre a temática e sinaliza a importância de pesquisas em Educação no interior do Brasil.

Concluindo, esperamos que essa pesquisa traga fôlego para iniciativas que tentem retratar a questão da construção dos projetos de vida e das escolhas dos estabelecimentos escolares de jovens de camadas populares no interior do Brasil, discutindo as diferenças espaciais/territoriais, a questão de raça e gênero, bem como as políticas públicas voltadas à educação em áreas rurais ou do interior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO; Mary Garcia Castro; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. *Juventudes na Escola, sentidos e buscas: por que frequentam?* Brasília: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.
- ABRANTES, Pedro; GUERREIRO, Maria das Dores. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 58, p. 157-212, junho, 2005.
- ALVES, Fátima. Escolhas familiares no contexto da estratificação educacional e residencial da cidade do Rio de Janeiro. *Seminário GERES*, Belo Horizonte, abr. 2008.
- _____. Escolhas familiares, estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações? *Dados*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 447-468, 2010.
- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.41, n.2, p.375-390, abril/junho, 2015.
- ANJOS, Hellen Vivian Moreira dos. A opção pelo ensino médio integrado: o caso dos alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Norte de Minas Gerais - Campus Salinas. 2013. 142 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ARROYO, Miguel G. Repensar o ensino médio: Por quê. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014, p. 54-75.
- BARASUOL, Aline; DOULA, Sheila Maria; BOESSIO, Amábile Tolio. Jovens e juventudes em contextos rurais: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015). *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 239-262, maio/ago. 2017.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ÉRNICA, Maurício. A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.42, n.146, p.640-666, maio/ago.2012
- BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v.12, n.2, p.275-283, jul./dez. 2012
- BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. (1973), "Socialização: como ser um membro da sociedade". In: FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, pp. 200-214.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In.: NOGUEIRA, M.A; CATANI, A. (Org.). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes. 1998a, p. 217-228.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital. In.: NOGUEIRA, M.A; CATANI, A. (Org.). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes. 1998, p. 79-88.

_____. "A juventude é apenas uma palavra". In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOUTINET, Jean-Claude. *Antropologia do projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOWLES, Samuel; GINTIS, Herbert. Promessas quebradas: reforma da escola em retrospectiva. In: BROOKE, Niguel; SOARES, José Franciso. (Orgs.). *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 90-104, 2008.

BREITENBACH, Raquel; TROIAN Alessandra. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 11, out. 1998. p. 53-75.

CARNEIRO, Maria José. *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2012.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega a escola. In. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014, p. 101-134.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

COSTA, Marcio da. Lógica do quase-mercado. [Entrevista concedida a] Paulo de Camargo. *Educação: 10 de setembro de 2011*. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2011/09/10/logica-de-quase-mercado/>

COSTA, Marcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p.133-201, jan / abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100010&lang=pt

_____. Escolha, estratégia e competição por escolas públicas: pensando a ecologia do quase-mercado escolar. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. 2009. Disponível em: <www.anpocs.org.br>

_____. Escolha, estratégia e competição por escolas públicas. *Pro-Posições*. Campinas, v. 23, n. 2, p.195-213, 2012.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação Coutrim; CUNHA, Maria Amália de Almeida Cunha; MATOS, Daniel Abud Seabra. A difícil transição: A participação da família na escolha profissional de jovens egressos do ensino médio. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 47, p. 173-186, set./dez. 2016. Disponível em https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/9510/1/ARTIGO_Dif%c3%adici%20Trasi%c3%a7%c3%a3oParticipa%c3%a7%c3%a3o.pdf> Acesso em 11 de novembro de 2019.

D'ANGELO, Ovidio. Proyecto de vida como categoria básica de interpretación de la identidad individual y social. *Revista Cubana de Psicología*, Cuba, vol. 17, n.03, p. 270-275, 2000.

_____. Proyecto de vida e desarrollo integral humano. *Revista Internacional Creemos*, Puerto Rico, ano 6, n. 1 y 2, 2003.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, dez. 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105 – 1128, out. 2007.

_____. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.30, dez. 1999

_____. Juventude, Socialização e Escola. In.: DAYRELL, Juarez et al. (Org.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. 449 p.

_____. A juventude e suas escolhas: as relações entre o projeto de vida e a escola. In: VIEIRA, Maria Manuel *et al.* (Org.) *Habitar a escola e as suas margens: geografias plurais em confronto*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação, 2013.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, 28, pp. 117-136, 2002.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em Desenvolvimento: Desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 30, n. especial, p. 202-219, 2010.

DIOGO, Ana Matias. Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório. *Interacções*, 2006, n. 2, p. 87-112. Disponível em: <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/206/1/B4%282%29.pdf>>. Acesso: 18 out. 2015.

FALSARELLA, Ana Maria; GROSBaum, Marta Wolak. Condição jovem: juventude e ensino médio no Brasil. *Cadernos CENPEC*, São Paulo, v.6, n.2, p.291-315, jul./Dez. 2016

FEIXA, C.; NILAN, P. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, v. 31, p. 13-28, 9 dez. 2009..

GATTI, Bernadete Angelina. A construção da pesquisa em Educação no Brasil. Brasília: Liber Livro, 2007

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas. 6ª Ed. 2008.

GOMES, Lisandra Ogg; NOGUEIRA, Maria Alice. A excelência escolar em uma escola pública de ensino médio. *EDUCAÇÃO EM FOCO*, v. 20, p. 189-208, 2017.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias pós-críticas da juventude: juvenalização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. N.13, p. 567-579, 2015.

_____. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. *Ultima década*. Valparaíso, São Paulo, n. 33, p.11-26, abril de 2010.

_____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*. n.25, dezembro de 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a.

_____. Tabela 3727 - Taxa de fecundidade total. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), 2013. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3727#resultado>. Acesso em 25 de junho de 2020.

_____. Censo Demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração – resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf. Acesso em 25 de junho de 2020.

_____. Projeção da população 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. Agência IBGE notícias, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. Relação Candidato/Vaga do Vestibular 2018. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/portal/ensino/arquivos-avaliacao/CandidatosporVagaCursosTcnicos.pdf>

_____. Relação Candidato/Vaga do Vestibular 2019. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/portal/ensino/arquivos-avaliacao/CandidatosporVagaCursosTcnicos.pdf>

KRAWCZYK, Nora. O ensino médio no Brasil. São Paulo: Ação Eduativa, 2009.

LACERDA, Wânia Maria G. Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos Iteanos. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006a.

_____. A produção da excelência: o caso do Instituto Tecnológico de Aeronáutica. ANPED. 2008. Trabalho apresentado no GT-14. Disponível em <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt14-4887-int.pdf>.

_____. Percursos escolares atípicos: o possível contra o provável. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 6, n. 2, p. 171-195, Jul./Dez. 2006.

_____. Hierarquias entre estabelecimentos de ensino médio de Viçosa (MG) e a repartição de estudantes nos cursos de graduação da Universidade Federal de Viçosa. In: SANTOS, Gerogina Gonçalves.; SAMPAIO, Sônia. Maria Rocha. (Orgs.). Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 39-57.

LAHIRE, Bernard. Homem plural: os determinantes da ação. Tradução de: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. Tradução: Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefer. São Paulo: Ática, 2004. 367 p.

_____. Patrimônios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Problemáticas*, n. 49, p.11-424, 2005

_____. Crenças coletivas e desigualdades culturais. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.24, n.84, p. 983-995, set. 2003

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p.13-82, dez. 2007

LEÃO, Geraldo; SANTOS, Thais Neves de Araújo. A participação juvenil no Ensino Médio brasileiro: um campo de estudos em construção. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 787-804, set./dez. 2018

LEBOURG, Elodia Honse. Delicadas Travessias: um estudo de caso sobre jovens em transição para o ensino médio no interior do Brasil. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

MACHADO, Nilson José. Educação: projetos e valores. 6ª ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 7ª Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 78, p.15-35, abril, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, Lisboa, n. 176, p. 563-578, out. 2005

_____. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. *Educação e Realidade*, v. 31, n. 2, p. 155-69, 2006.

_____. Capital cultural. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <http://www.gestrado.net.br/pdf/366.pdf>

NUNES, Claudio Pinto; OLIVEIRA, João Leandro Cássio de. A carreira docente nos Institutos Federais em comparação com outras escolas públicas. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v.10, n.2, maio/ago. 2017

OLIVEIRA, Anandra Santos Ribeiro; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. Longevidade escolar em alunos de camadas populares: fatores explicativos do fenômeno em estudos brasileiros. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v.10, p. 1-15, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7097/5510>

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, v. xxv, p. 139-165, 1990.

PASQUIER, Dominique. Cultures lycéennes: La tyrannie de la majorité. Editions Autrement, pp.183, 2005. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/910789/filename/CulturesLyceennes.pdf>

PAULA, Gustavo Bruno de; NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes. Desigualdades socioespaciais e escolhas escolares. *Educação*, Santa Maria, p. 55-74, mar. 2018.

PORTAL QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em 15 de dez. 2019.

OURO PRETO. Santo Antônio do Salto. Disponível em: <https://ouopreto.mg.gov.br/distrito/11>. Acesso em 10 de novembro de 2019

_____. Escola Municipal Aleijadinho. Disponível em: <https://educacao.ouopreto.mg.gov.br/escola/em-aleijadinho/inicio>. Acesso em 23 de junho de 2020.

REIS, Maglaice Miranda. A relação família-escola em contexto rural: mobilização familiar em um subdistrito de Mariana-MG. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

RESENDE, Tania de Freitas; NOGUEIRA, Claudio M. M. e NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do Estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n.117, p. 953-970, Out./Dez., 2011.

RESENDE, Tania de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; VIANA, Maria José Braga. Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v.20, n.62, julho/set. 2015.

RIBEIRO, Eliane; LÂNES Patrícia; CARRANO, Paulo. Diversidade de perfis caracteriza as juventudes brasileiras. *Democracia Viva*, n. 30, p. 78-83, Jan/Mar, 2006.

SARAIVA, Ana Maria Alves. Distorção idade-série. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva. Educação, escola e perspectiva de futuro: o que pensa a Juventude? *Espaço do Currículo*, v.9, n.1, p. 39-47, Janeiro a Abril de 2016.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Políticas públicas de juventude. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Experiências de socialização e disposições híbridas de habitus. In. DAYRELL, Juarez et al. (Org.). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 38-55.

_____. Juventude na Amazônia: experiências e instituições formadoras. Curitiba: Editora CRV, 197 p, 2015.

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. *Revista Brasileira de Educação*, v.14, n.41, maio/ago. 2009

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, p. 335-350, 1 nov. 2005.

_____. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n.4, p. 711-724, dez. 2011

_____. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan./Abr. 2005a.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *INFORMARE – Caderno de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, Paloma Angel da. Vestindo a camisa da escola: um estudo sobre o bom desempenho de uma instituição pública de educação básica. 2020. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

SIMÃO, Mario Pires. Dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade. In: Anais do encontro de pesquisadores e pesquisadoras de políticas de juventude. Brasília: Presidência da República, 2014.

SINGLY, François. A apropriação da herança cultural. *Educação e Realidade*. Rio Grande do Sul, v. 34, n. 1, p. 9-32, jan./abr. 2009

_____. Sociologia da família contemporânea. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

STOSKI, Patricia; GELBCKE, Vanessa Raianna. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In. SILVA, Monica Ribeiro e OLIVEIRA, Rosangela Gonçalves (Orgs.). Juventude e Ensino Médio: sentidos e significados da experiência escolar. Curitiba: UFPR, 2016.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2010.

THIN, Daniel. Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 36, n. spe, p. 65-77, Apr. 2010.

_____. Práticas educativas das famílias. In: VAN ZANTEN, Agnès. Dicionário de educação. Petrópolis: Vozes, 2011. P. 402- 405

_____. Para uma análise das relações ente famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n.32, maio/ago. 2006

UNESCO. Políticas de/para/com juventudes. Brasília: Unesco, 2004.

URRESTI, Marcelo. Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistências, tensiones y emergencias. In. DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2011. p. 43-66.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

_____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2013

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 64, p. 61-78, janeiro/março, 2016.

APÊNDICES

I – TERMOS DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO

Para maiores, menores e responsáveis

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estudantes maiores de 18 anos

Convidamos você para participar da pesquisa “*Os projetos de vida de jovens nos deslocamentos entre o campo e a cidade*”¹⁵, sob a responsabilidade do pesquisador Robson de Souza, a qual se pretende analisar como os projetos de vida dos jovens se relacionam com os espaços que transitam. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de conhecimento em torno da temática Juventude e Ensino Médio.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de questionário estruturado e/ou entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio, se assim você autorizar. Esses dados serão guardados em arquivo digital pelo pesquisador responsável em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esse período serão destruídos.

A entrevista terá aproximadamente uma hora de duração e o questionário 20 minutos (somente para os estudantes). Os encontros ocorrerão em dois momentos diferentes, em local e data definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Serão tomados os devidos cuidados durante a realização da observação, análise do material e entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual ou emocional. No entanto, a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante.

Se depois de consentir sua participação você desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Os resultados desta investigação serão disponibilizados e se tornarão públicos por meio de dissertação de mestrado e artigos

¹⁵ O título foi alterado ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

científicos. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para maiores esclarecimentos segue o endereço e telefone para contato do pesquisador responsável e do CEP: Robson de Souza, endereço: Rua D, nº 593. Bairro: Outra-Banda/Santo Antônio do Salto (distrito) – Ouro Preto – fone (31) 99782-2522 ou (31) 3554-3161. Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto, fone (31) 3559-1368.

Consentimento Pós-Infomação

Eu, _____, fui informado (a) a pesquisa e porque precisa da minha participação. Por compreender toda a explicação, aceito participar do estudo, sabendo que não ganharei nada e que poderei sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____. Ouro Preto, ____ de ____ 2019.

Assinatura dos pais/responsável

Robson de Souza
Pesquisador/Mestrando
robson.souza@aluno.ufop.edu.br

Dr^a Rosa Maria da Exaltação Coutrim
Orientadora
rosacoutrim@gmail.com

TERMO DE ASSENTIMENTO

Estudantes menores de 18 anos

Convidamos você para participar da Pesquisa “*Os projetos de vida de jovens nos deslocamentos entre o campo e a cidade*”¹⁶, sob a responsabilidade do pesquisador Robson de Souza, a qual pretende analisar como os projetos de vida dos jovens se relacionam com as relações socioespaciais estabelecidas entre eles e os espaços que transitam.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de questionário estruturado e/ou entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio, se assim você autorizar. Esses dados serão guardados em arquivo digital pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esse período serão destruídos.

A entrevista terá aproximadamente uma hora de duração e o questionário 20 minutos (somente para os estudantes). Os encontros ocorrerão em dois momentos diferentes, em local e data definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Serão tomados os devidos cuidados durante a realização da observação, análise do material e entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual ou emocional. No entanto, a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante.

Se depois de consentir sua participação você desistir, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Os resultados desta investigação serão disponibilizados e se tornarão públicos por meio de dissertação de mestrado e artigos científicos. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para maiores esclarecimentos segue o endereço e telefone para contato do pesquisador responsável e do CEP: Robson de Souza, endereço: Rua D, nº 593. Bairro: Outra-Banda/Santo Antônio do Salto (distrito) – Ouro Preto – fone (31) 99782-2522 ou (31) 3554-3161. Comitê de Ética em Pesquisa

¹⁶ O título foi alterado ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

– CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto, fone (31) 3559-1368.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha participação na pesquisa. Por compreender toda a explicação, aceito participar do estudo, sabendo que não ganharei nada e que poderei sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Além disso, em outro termo de consentimento, meu pai, mãe ou responsável também autorizarão minha participação, uma vez que sou menor de 18 anos. Tal termo de consentimento do meu pai, mãe ou responsável será anexado a esse documento.

_____. Ouro Preto, ____ de ____ 2019.

Assinatura dos pais/responsável

Robson de Souza

Pesquisador/Mestrando

robson.souza@aluno.ufop.edu.br

Dr^a Rosa Maria da Exaltação Coutrim

Orientadora

rosacoutrim@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável por estudante menor de 18 anos

Convidamos seu/sua filho/a para que participe da Pesquisa “Os projetos de vida de jovens nos deslocamentos entre o campo e a cidade”¹⁷, sob a responsabilidade do pesquisador Robson de Souza, a qual se pretende analisar como os projetos de vida dos jovens se relacionam com as relações socioespaciais estabelecidas entre eles e os espaços que transitam.

A participação dele/a é voluntária e se dará por meio de questionário estruturado e/ou entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio, se assim o/a sr/a autorizar.

Esses dados serão guardados em arquivo digital pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esse período serão destruídos.

Existem eventual desconforto e risco mínimo para os participantes que irão se submeter a esta pesquisa, uma vez que serão discutidos temas pessoais e demandará tempo, mas os participantes responderão apenas quando se sentirem seguros, confortáveis e se tiverem disponibilidade. Serão tomados os devidos cuidados durante a realização da observação, análise do material e entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual, emocional ou espiritual.

As entrevistas terão aproximadamente uma hora de duração e o questionário 20 minutos (somente para alunos). Os encontros ocorrerão em dois momentos diferentes, em local e data definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados com roteiro de perguntas.

Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante. Se o/a sr/a aceitar a participação de seu/sua filho/a, estará contribuindo para a construção de conhecimentos em torno da temática relações sociológicas e familiares de Educação, bem como com a temática da Juventude, do Ensino Médio, dos Projetos de vida e da Espacialidade.

Se depois de consentir a participação de seu/sua filho/a o/a sr/a desistir, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua

¹⁷ O título foi alterado ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

pessoa ou de seu/sua filho/a. O/a sr/a não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Os resultados desta investigação serão disponibilizados e se tornarão públicos por meio de dissertação de mestrado, relatório técnico, artigos científicos, capítulo de livros, seminários e eventos relacionados ao tema. O principal benefício da pesquisa é a contribuição para os estudos no campo de Educação.

A pesquisa terá início assim que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) aprová-la. As atividades devem ser finalizadas, conforme o Programa de Mestrado em Educação da UFOP, em março de 2020, com o apoio do Instituto de Ciências Humanas – ICHS. Para maiores esclarecimentos que se fizerem necessários segue o endereço e telefone para contato do pesquisador responsável: Robson de Souza, endereço: Rua D, nº 593. Bairro: Outra-Banda/Santo Antônio do Salto (distrito) – Ouro Preto – MG – CEP.: 35.400.000 – Telefone (31) 99782-2522 ou (31) 3554-3161.

Qualquer dúvida sobre aspectos éticos dessa investigação, o/a sr/a poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto – MG, telefone (31) 3559-1368.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da participação do/a meu/minha filho/a na pesquisa. Por compreender toda a explicação, autorizo meu/minha filho/a _____ a participar do estudo, sabendo que não ganhará nada e que poderá sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____. Ouro Preto, _____ de _____ 2019.

Assinatura dos pais/responsável

Robson de Souza

Pesquisador/Mestrando

robson.souza@aluno.ufop.edu.br

Dr^a Rosa Maria da Exaltação Coutrim

Orientadora

rosacoutrim@gmail.com

II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Pesquisa: Os projetos de escolarização dos jovens entre o campo e a cidade¹⁸.

Mestrando: Robson de Souza

Orientadora: Rosa Coutrim

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PRÁTICAS EDUCATIVAS

- 01) Com qual idade entrou para a escola?
- 02) Seus pais liam histórias para você quando era criança?
- 03) Você gostava de ler?
- 04) (se sim) Que tipo de literatura mais lhe agradava?
- 05) Ainda gosta de ler?
- 06) Quando você estava no ensino fundamental, quem te ajudava com os estudos e os deveres de casa?
- 07) Seus pais participavam das reuniões e atividades escolares quando eram convidados?

¹⁸ O título foi alterado ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

- 08) Como era sua rotina de estudos em casa?
- 09) Você tinha um horário e um lugar para estudar?
- 10) Quando suas notas eram baixas o que seus pais faziam?
- 11) Você já foi reprovado? Se sim, por que?
- 12) Você era bom aluno?
- 13) No durante o ensino médio você mudou sua rotina de estudos?
- 14) Como você estuda fora da sala de aula? (usa internet, tem computador, tem livros em casa, trabalho na casa de colega, etc)
- 15) Quem foi a pessoa ou as pessoas que mais te incentivaram fazer o ensino médio?
- 16) Hoje você possui um tempo e espaço específico para estudar?
- 17) Quem acompanha sua vida escolar?
- 18) Como é esse acompanhamento?
- 19) Você costuma ficar de recuperação? Se sim, Por que?
- 20) Já pensou em parar ou abandonar os estudos? Por quê?
- 21) Quando não tem aula, o que você costuma fazer?
- 22) O que te motiva a estudar?

SOCIALIZAÇÃO

- 01) A sua casa fica distante da escola (dizer quanto tempo a pé da escola)?

- 02) Utiliza algum meio de transporte para chegar até a escola?
- 03) Quem disponibiliza esse transporte?
- 04) O transporte é público ou privado?
- 05) Com que frequência você sai do distrito?
- 06) Quando sai, vai para onde?
- 07) Você sai do distrito para que?
- 08) O que você faz no seu tempo livre (festas, esporte, internet, amigos, atividades ligadas ao turismo, etc)?
- 09) Você visita seus amigos com qual frequência?
- 10) Acessa muitos meios de comunicação?
- 11) Você conversa com pessoas de diferentes lugares?
- 12) Em que ocasiões e lugares você encontra essas pessoas que vivem em outras cidades ou distritos?
- 13) Que pessoas são essas (turistas, parentes, colegas, etc)?
- 14) Tem algum familiar que te inspira na vida escolar e/ou profissional? Me conte sobre ele (Quem é, Onde mora, qual a profissão, O que estudou, Onde estudou, Qual a sua relação com essa pessoa).
- 15) Possui muitos amigos ou colegas onde estuda?
- 16) Como é sua relação com eles?

- 17) Possui amigos que te influenciam na vida escolar e profissional? Me fale sobre eles.
- 18) Você sente alguma diferença ao se relacionar com os colegas e amigos do distrito e os de outros lugares?
- 19) Se sim, quais são as diferenças?

ESCOLHA DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

- 01) Até o 9º do ensino fundamental, em qual escola você estudou?
- 02) Você gostava da escola?
- 03) O que ela tinha de melhor?
- 04) O que ela tinha de pior? Você queria ter estudado em outro local? Por quê?
- 05) Agora, no ensino médio, onde você estuda?
- 06) Qual era seu objetivo em relação aos estudos quando você concluiu o 9º ano?
- 07) Na época você queria continuar estudando no distrito ou em outro local? Fale mais sobre sua resposta.
- 08) Quais razões levaram você a estudar na escola que está agora?
- 09) Você prestou o vestibular para o IFMG-OP assim que saiu do 9º ano?
- 10) Me conte melhor como foi esse processo para tentar entrar para o IFMG-OP ou para escolher permanecer na escola do distrito?
- 11) Seus pais e familiares te ajudaram a escolher a escola de ensino médio?

- 12) De que forma eles te ajudaram?
- 13) Além de seus pais e familiares, outras pessoas (amigos, colegas, namorado(a), internet, etc) te influenciaram na escolha da escola?
- 14) Me conte como eles influenciaram?
- 15) (Se é estudante do IFMG) Você frequentou cursinho preparatório para o ingresso no IFMG?
- 16) (Se é estudante do IFMG) Você tentou mais de uma vez ingressar no IFMG?
- 17) (Se é estudante do IFMG) O curso que você está fazendo agora foi sua 1ª opção? Me conte como foi essa escolha pelo curso.
- 18) Para você, o que é mais importante em uma boa escola?
- 19) A sua escola atende esses requisitos?
- 20) Quais diferenças você consegue identificar entre a escola do distrito e o IFMG-OP?
- 21) Você acha que fez a melhor escolha? Por quê?

PROJETOS DE FUTURO

- 01) Você pretende continuar os estudos após o ensino médio?
- 02) Se sim, o que te motiva a continuar os estudos?
- 03) Se pretende continuar estudando, qual curso você gostaria de fazer?
- 04) Existe alguma instituição que você gostaria de estudar?
- 05) Se sim, qual instituição você escolheria?

06) Como você se vê daqui a 10 anos?

07) Qual a sua perspectiva de trabalho?

08) Você acha que a escola auxilia você a atingir seus objetivos?

09) Se sim, como ela auxilia?

III – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Departamento de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação
Mestrado em Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Departamento de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação
Mestrado em Educação



Olá, você está participando de um questionário para uma pesquisa de mestrado desenvolvida pelo pesquisador Robson de Souza.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar como os projetos de vida dos jovens que cursam o ensino médio no distrito e na sede se relacionam com os espaços em que transitam.

Esse questionário faz parte da metodologia utilizada na pesquisa e por meio dele esperamos conhecer um pouco a respeito da vida dos jovens. Fiquem tranquilos, pois os dados serão sigilosos e não haverá divulgação de nenhum nome nos dados da pesquisa.

Por gentileza, responda as questões com sinceridade e atenção!

Agradecemos a participação e informamos que, ao final da pesquisa, os dados serão divulgados no texto da dissertação entregue ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFOP e amplamente divulgado a comunidade acadêmica de forma geral, aos Ourepretanos e principalmente aos Saltenses, resguardado o sigilo dos nomes de todos os participantes envolvidos na pesquisa.

Atenciosamente,
Robson de Souza

Título da pesquisa:

Os projetos de vida de jovens no deslocamento entre o campo e a cidade.

Mestrando: Robson de Souza

Orientadora: Profª Drª Rosa Coutrim

DADOS PESSOAIS

Nome (opcional): _____

Idade: _____ Sexo: _____

Escola: _____

Ano/ Série: _____

Obrigado!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Departamento de Educação



CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR

- Quantas pessoas da sua família moram com você?
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.
- Quadro familiar: Abaixo devem ser lançados dados da sua família de origem.
Até qual ano seu pai estudou? _____
Qual a profissão dele? _____
Até qual ano sua mãe estudou? _____
Qual a profissão dela? _____
Você tem irmãos? _____ Qual a idade deles? _____
Quantos? _____
Eles estudam? _____ Em qual(ais) ano(s)? _____
Quantas pessoas que residem na sua casa trabalham ou possuem remuneração? _____
Qual a renda familiar **(juntando o salário de todos os que moram com você)**
() Menos de R\$ 998,00 () Entre R\$ 998,00 e R\$ 1996,00 () Entre R\$ 1996,00 e R\$ 2994,00
() Entre R\$ 2994,00 e R\$ 3992,00 () Entre R\$ 3992,00 e R\$ 4990,00 () Mais de R\$ 4990,00
- Você ou alguém da sua família é beneficiário de Programas Sociais com o Bolsa família, Benefício de assistência social ou outro? () sim () não
- A sua rua é? () asfaltada () terra () pedra
- Você e a sua família moram em? () casa própria () casa alugada
- Alguém da sua família possui automóvel? () sim () não
- Na sua casa possui: **(pode marcar mais de uma opção)**
() televisão - Quantas: _____ () Computador - Quantos: _____
() Rádio - Quantos: _____ () Acesso a internet
() telefone celular ou fixo.
- Há quanto tempo mora na comunidade? _____
- Quantas vezes por mês você sai do seu distrito **(sem considerar o trajeto para a escola)**?
() menos de uma vez ao mês () uma vez ao mês () de duas a três vezes ao mês
() mais de três vezes ao mês



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Departamento de Educação



RELAÇÃO COM O ESPAÇO E A ESCOLA

- A sua casa fica distante da escola? () sim () não
- Com o você vai para a escola?
() ônibus escolar () van () a pé () carro
() outros: _____
- O que te motivou a escolher a escola em que estuda?
() Influência dos pais () Influência dos amigos e familiares
() Por ser a única na comunidade () Por ser uma boa escola
() Outros: _____
- Quando não tem aula o que costuma fazer? _____
- Possui um tempo e um espaço específico para estudar em casa? () sim () não
- Alguém te ajuda nos trabalhos escolares? () sim () não
- Sua família acompanha seus estudos? () sim () não
Se sim, de que forma? _____
- Você já reprovou ou abandonou os estudos? () sim () não
- Você fica de recuperação em mais de 2 matérias no bimestre? () sim () não
- Você se considera um bom aluno? () sim () não
Por que? _____
- Você deseja continuar os estudos após o Ensino Médio? () sim () não
- Com o você vê sua vida daqui a 10 anos?

- De 0 a 10, que nota você daria para a influência da escola na sua vida?

- Você consegue identificar diferenças na formação de quem faz Ensino Médio no Salto e de quem faz em Ouro Preto? () sim () não
Se sim, cite algumas: _____